

REVISTA DA SEMANA

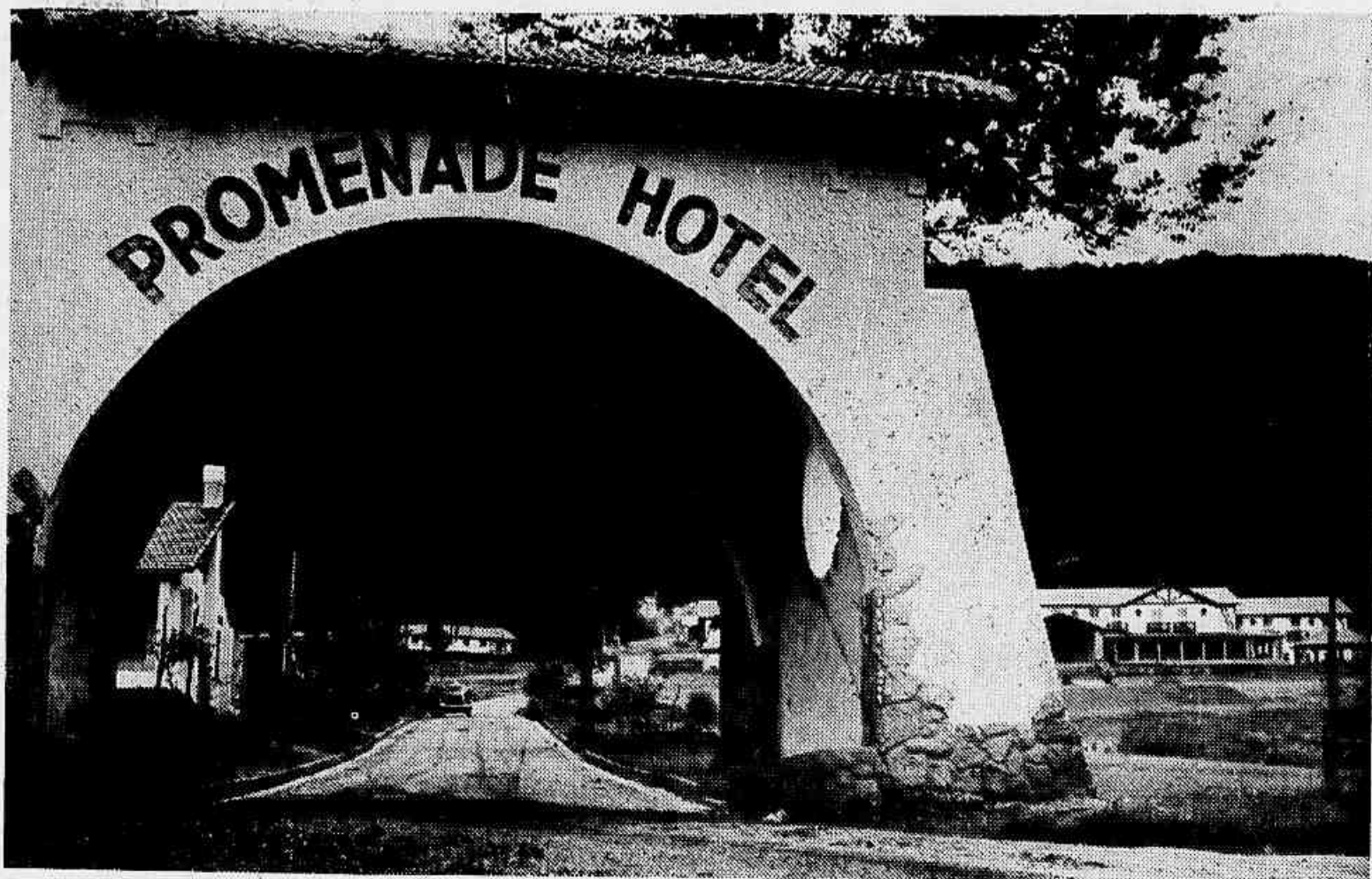
N.º 5

Cr \$ 1,50 em todo o Brasil

3-2-945



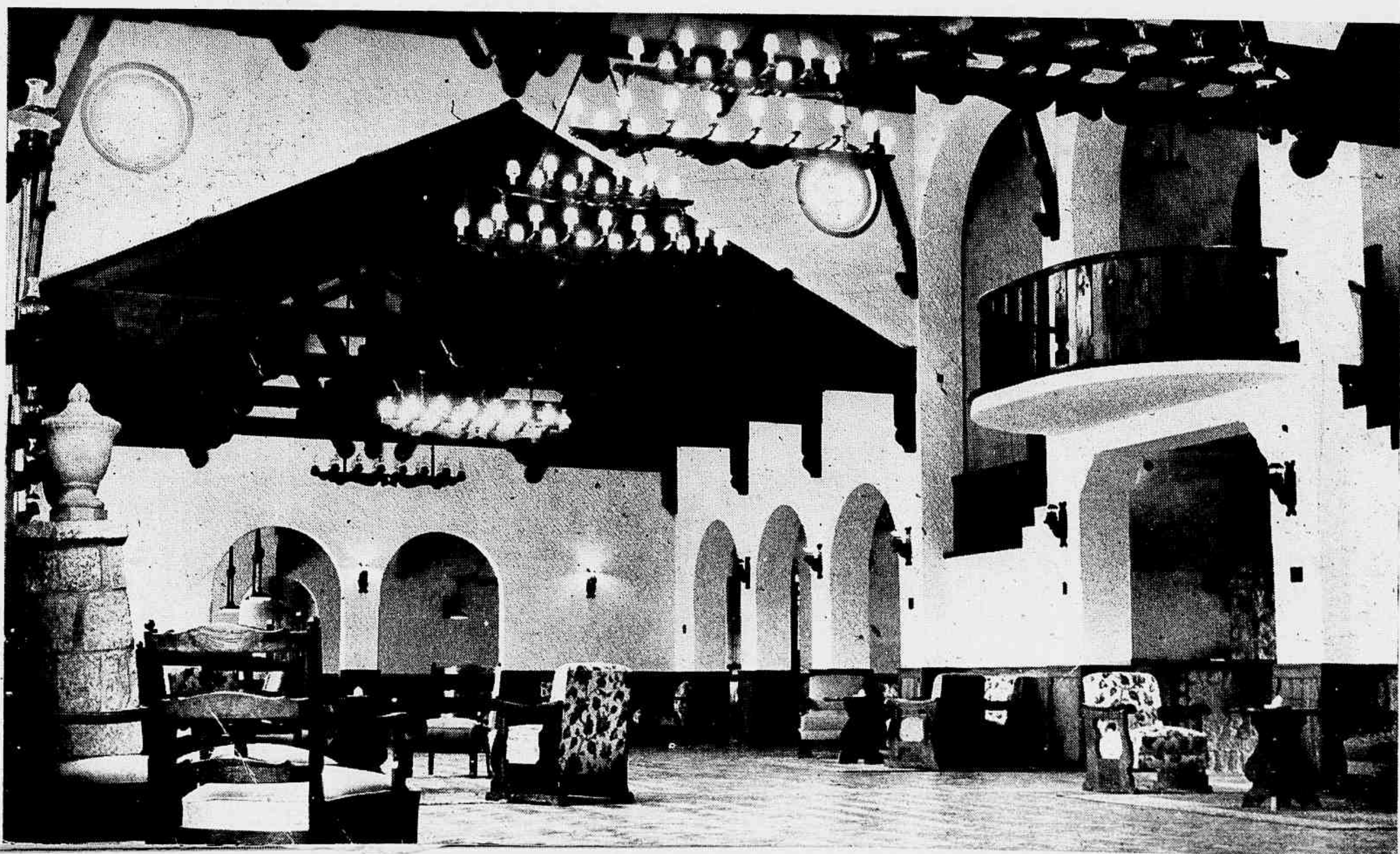
No texto:
Historia completa
do caso de
Pindamonhangaba
por *Celestino Silveira*



MAIS UM GRANDE CENTRO DE TURISMO NO BRASIL



Inaugurou-se, com a presença do interventor Amaral Peixoto e senhora e outras altas autoridades civis e militares, o Promenade Hotel, situado em Nogueira, proximidades de Petrópolis. O novo estabelecimento, que por certo será motivo de atração para os veranistas elegantes, foi construído em estilo colonial-campestre e oferece todo conforto que se encontra nos grandes hotéis congêneres do mundo. Das inovações ali existentes destaca-se uma nota inédita no sistema de hotéis de turismo no Brasil: trata-se de bangalôs, em número de 42, que rodeiam o edifício central, equipados com quartos, sala e banheiro. O Promenade Hotel foi construído em local verdadeiramente privilegiado, oferecendo aos seus hóspedes um panorama deslumbrante. Bem em frente avista-se bela cachoeira que se despenca de uma altura de 30 metros, aproximadamente, formando em baixo ampla piscina natural, e um lago com 500 metros de extensão; além disto, possui o hotel outra piscina de grandes proporções, e se acham previstas as construções de vários campos de jogos e outras diversões. Para completar o conforto dos veranistas, foi instalado um "magazin" para venda de tudo que os hóspedes necessitarem, assim como diversas exposições. Atualmente já está o Promenade Hotel em pleno funcionamento, servido por linha de ônibus diretos para Petrópolis. Reproduzimos aqui uma foto tomada no dia da inauguração, na qual aparece o interventor Amaral Peixoto e exma. sra. d. Alzira Vargas do Amaral Peixoto, acompanhados do sr. Milton de Souza Carvalho, proprietário do hotel. As demais fotos são aspectos de algumas das confortáveis dependências do novo centro de turismo, vendo-se a entrada do hotel, o salão de bilhares e o monumental "living-room", que constitui um motivo de orgulho para a arquitetura brasileira.





Os jornais têm agitado esta questão e várias personalidades já se manifestaram a respeito. Há carnaval este ano? Não há carnaval? Há quem opine contra. E há, também, quem opine a favor, juntando, porém, uma condição: a de que se faça um carnaval discreto. Um carnaval digno, um carnaval sem excessos, um carnaval decente. Em suma: um carnaval-família. Entendo, no entanto, que pedir isso é pedir o impossível. Carnaval não

feiti, tintureiros, lança-perfumes e outras coisas que não é preciso citar, mas que ajudam a completar a comédia da felicidade coletiva, genialmente representada por todos os comparsas. Carnaval ou é assim ou não é carnaval. Como a virtude, não pode ser partido em pedaços. Não existindo meia-virtude, também não existe meio-carnaval. Os que acham que se pode dar o nome de carnaval aos bailaricos e fantasias, que se estendem dos salões mais

nimas dos morros nos sambas que nunca foram impressos e em letras que falam fundo à alma da gente. O resto é assunto de "carnet mundano", coisa para citações do Gilberto Trompowsky e para reportagens da revista "Sombra". O verdadeiro carnaval é o carnaval dos humildes, que a ele se entregam de corpo e alma, de coração aberto, solando as suas cuicas, seus pandeiros, seus reco-reco e seus ganzas.

O carnaval é a cadência do samba e

Seria inútil não só porque viria fazer um papel igual ao dos carabineiros de Offenbach ou de uma chuva em cima de lagôa, como ainda pelo enorme desperdício de dinheiro em que importaria. Não. Não se deve fazer carnaval este ano, nem dentro, nem fora dos clubes. Em vez de carnaval, procuremos fazer alguma coisa por aqueles que estão se sacrificando bravamente pela nossa bandeira nas frentes de combate. Não nos mostremos pouco mercedores des-

CARNAVAL... SIM OU NÃO?

Por R. MAGALHÃES JUNIOR
Especial para a Revista da Semana

é coisa que se contenha, que se regule, a que se ponha limite. É o transbordamento de todos os recalques do instinto, a vingança furiosa das multidões tristes e dos sujeitos frustrados contra a dureza da vida, em quatro dias de intenso delírio, de frenético corre-corre, de pileques memoráveis, de chamegos, agarramentos, escapulas, bestidades sentimentais, prazeres físicos, suores, resacas, dores de cabeça e outras dores, analgésicos, serpentinas, brigas, con-

granfinos às mais sórdidas gafieiras durante os dias em que Momo costume imperar sobre a cidade, perderam a noção do sentido daquela palavra e da própria tradição do carnaval caricca. O carnaval verdadeiro é a rua, os cordões improvisados; os grupos humorísticos que revelam espírito inventivo e satírico, a multidão que se comprime, que vai e vem sem parar na Avenida, os negros com as suas cuicas, as mulatas com os seus requebros, as vozes anô-

das marchas, a que vieram se juntar o frevo e o maracatú, mais berrada que cantada, mais pulada que dançada. Mas o verdadeiro carnaval, o carnaval do povo, não teria razão de ser em hora de drama e de sofrimento como a que o Brasil e o mundo presentemente atravessam.

Um espírito conciliador, desses que se empenham em buscar soluções acomodáticas para todos os problemas, argumentava comigo com a possibilidade de não se cancelar a grande festa popular e de torná-la compatível com a atual situação de guerra. Sua idéia, que me pareceu bastante ingênua, era a de que se desse ao carnaval deste ano um caráter de protesto contra o totalitarismo, alvejando os regimes ditatoriais, contra os quais mandamos uma força expedicionária à Europa e estão lutando os povos livres do mundo. Cada préstito carnavalesco seria uma série de sátiras contra o nazismo e o fascismo, cobrindo ainda mais de ridículo as figuras desprezíveis e nefandas de Adolf Hitler, de Benito Mussolini, de Goering, Goebbels, Pierre Laval et caterva. Sempre achei extravagante querer alguém associar sentimentos cívicos ou patrióticos à idéia de carnaval. Há muitas maneiras de se exercer a sátira e de promover um mergulho cada vez maior no poço do ridículo para os defensores do mundo totalitário, da opressão e da violência. Tal préstito seria, além do mais, uma inutilidade, agora que a guerra passou da fase da propaganda para a fase da decisão pelas armas, — e decisão rápida, em favor dos aliados, cujas armas poderosas estão acabando de reduzir à impotência e de esmagar de uma vez por todas a hidra totalitária.

ses sacrifícios. Correspondamos ao heroísmo desses bravos que, vestindo a farda do Exército Nacional, acossam as hordas nazistas e ajudam a libertar o solo da infeliz Itália. Pensemos nos nossos rapazes — e pensemos também nos nossos irmãos que na Holanda, na França, na Bélgica, na Iugoslavia, na Grécia e na Checoslováquia, sofreram ou ainda sofrem as consequências brutais da ocupação alemã. Pensemos nos mortos russos, ingleses, canadenses, franceses e também nos nossos mortos brasileiros, os que desapareceram no mar e os que pereceram em terra ou no ar, cumprindo o seu dever de patriotas e de homens livres. Substituímos no nosso pensamento a lembrança desses heróis pela idéia de carnaval — mesmo que esse carnaval seja o carnaval moderado a que se tem aludido — será o mesmo que armamos sobre as sepulturas dos nossos irmãos, num momento de embriaguez e de alucinação.

É esse o meu ponto de vista. Sou inteiramente contra a idéia aventada, por todos os motivos que aí ficaram. Sejam os alegres, sejam os risinhos, sejam os otimismo. Venhamos para a rua com as nossas gargalhadas, os nossos confetti e os nossos instrumentos musicais, mas nas ocasiões em que nos sintamos felizes, dentro de um mundo feliz. Mas sejamos graves, sóbrios, dignos, no momento em que a pátria se enluta no campo da honra, para desaguar a sua bandeira e restaurar a liberdade e a justiça. Porque só assim mostraremos que somos realmente um povo — e não uma tribo — uma nação e não uma selva.

Não se ri alto, quando há velório em casa do vizinho. Não se sorri, quando o morto é o nosso próprio irmão.

"PENSEMOS NOS MORTOS RUSSOS, INGLESES, CANADENSES, FRANCESES E TAMBÉM NOS NOSSOS MORTOS BRASILEIROS"...



LITERATURA A Cr\$ 3,00

Dentre as instituições curiosas do nosso comércio figuram em primeiro lugar os "sebos", casas que compram e vendem livros usados e que formam, em seu conjunto, uma das nossas velhas e românticas tradições literárias e estudantis.

A rua São José era, até bem pouco tempo, o paraíso dos "sebos". Agora, entretanto, levados por negócios mais lucrativos, os donos das tradicionais livrarias daquela rua abandonaram o comércio da compra e venda de livros usados, preferindo fornecer, em outras ruas mais "grandifinas", a um público "snob" romances mal traduzidos, em primeira mão, a regatear dos colegiais em férias e dos bibliotecários falidos o preço de uma gramática de Alburn ou de uma biblioteca camiliana.

Cr\$ 2,00 a escolher. Poesia, prosa, romance, teatro, filosofia. Os habitués do "sebo", intelectuais, estudantes, bibliófilos, reviram de pernas para o ar a catacumba literária, à procura de raridades. Qualquer obra por vinte tostões. E' barato ou não é?

UMA VISITA À QUARESMA

A Livraria Quaresma é por certo, entre as livrarias históricas da rua São José, a mais característica e a de passado mais glorioso.

Pelos seus balcões atotados de brochuras baratas desfilaram, durante mais de sessenta anos, várias gerações de poetas e escritores, e era ali, nas tardes de ócio, que os gênios e os semi-gênios de várias épocas vinham amiúde reunir-se em tertúlias científicas ou literárias, sob as vistas do velho José de Matos, o mais antigo empregado da casa, que muitas vezes se improvisava em juiz para apaziguar escolas, e outras muitas em crítico para recomendar leituras.

Hoje, entretanto, morto o fundador da tradicional casa onde se formaram e se desfizeram quase todas as grandes bibliotecas particulares do Rio, e desaparecida também a figura tradicional de José de Matos, a Quaresma se modificou.

Em conversa com a nossa reportagem, o atual dirigente da casa, o sr. Napoleão Quaresma, nos declarou que o "sebo" é hoje um negócio que tende a desaparecer. Eis por que a sua livraria prefere editar obras infantis e técnicas, a continuar o negócio de compra e venda de livros usados, pois que o mesmo, em virtude de vários fatores contrários ao seu desenvolvimento, está em franca decadência.

Apesar disso, e por força da tradição, a Quaresma continua a traficar com a inteligência de segunda mão, comprando Graciliano a três cruzeiros e vendendo Augusto Frederico Smith a preços populares.

TÚMULO DE IDÉIAS

Terminada a nossa palestra com o proprietário da Quaresma, passámos a observar o movimento da casa: estudantes que vendiam compêndios, bibliófilos que procuravam raridades, intelectuais em busca de leitura barata.

À frente de todas as estantes o tradicional balcão de "saldo". Ali, num pandemônio desordenado de idéias e de escolas, se misturavam irmanamente, na doce comunhão das coisas mortas, romances de Ponson du Terrail, histórias da Carochinha, crônicas de Camilo, versos de Araújo Jorge, e outros flagelos...

E tudo sem distinção de capa, escola ou tendência, a escolher, segundo o gosto ou a falta de gosto do freguês, pela irrisória quantia de três cruzeiros.

Os fregueses entravam, revolviam com calma aquela vasto cemitério de idéias e de letras, escolhiam entre os mortos empoeirados o que haviam ido procurar e, pagas aos caixeiros as três "japonêsas" da tabela, lá se iam, alegres e sorridentes, levando sob o braço aquela literatura "saúdável".

Mas o "cemitério" é um círculo vicioso. Enquanto entravam uns saíam outros, e vice-versa.

Para cada novo livro vendido havia a compensação de um livro velho comprado. E o caixeiro, examinada a capa e o miolo da obra adquirida, atirava-a à vala comum, à espera que um novo freguês aparecesse e a levasse consigo.

O ÚLTIMO REDUTO

Percorrendo outros "sebos" da rua São José que, diga-se de passagem, são hoje raríssimos, fomos parar finalmente na antiga livraria Briguet, hoje São José, último reduto da velha tradição comercial daquela via.

Ali ainda era intenso o movimento dos fregueses e dos fornecedores.

Entravam e saíam, num movimento constante, estudantes, intelectuais, bibliófilos e intermediários do negócio.

E o interessante era notarem-se os movimentos contrários, como se forças anodias e catodias estivessem coordenando a ação de todos os frequentadores do "sebo": se um freguês entrava carregado de livros, tinha a contrabalançar a sua entrada a saída de outro que sobrava pacotes de brochuras baratas. Volvia então o primeiro com as mãos vazias, enquanto outro passava pela porta, também sem carregamento, à cata de literatura barata.

Entrámos na loja, onde nos recebeu o seu dirigente, o sr. Eduardo Mola, o último dos entusiastas do "sebo".

Respondendo amavelmente a todas as nossas perguntas, o sr. Mola declarou estar disposto a manter a tradição da rua São José a todo custo, conservando a sua livraria e comprando e vendendo livros usados, ainda que se faça necessário instalar ali o último reduto desse comércio.



A discussão é feia: "Tanto!", "Não vale!", "Então, tanto!", "Também não vale!". Mas o estudante quer levar a namorada ao cinema e deixa nas mãos do caixeiro da Quaresma, pelo preço da entrada, a sua geografia amarrotada, companheira de um ano de malandragem...





Eis aqui o "cemitério" da Livraria Quaresma". Quantas ilusões enterradas nesta vala comum! Quantos sonhos de glória e de grandeza aqui se perderam, em meio da poeira adversa e da indiferença dos fregueses! Mas os mortos vão ressuscitando aos poucos e passando para as mãos de novos leitores. Para essa ressurreição muito concorre o preço convidativo do cartaz.

E notámos, pelo entusiasmo de suas palavras, que o livreiro estava mesmo possuído da firme vontade de manter o seu "sebo" aberto ao público, ainda que contra ele se voltassem todas as forças adversas, que haviam sido a ruína de seus concorrentes.

Mas o movimento da Livraria São José era um atestado eloquente de que o "sebo" continua vivo, e bem vivo.

Enquanto palestrávamos com o livreiro entrou um rapazinho, tipo intelectual de província, olheiras românticas, paletó mescla, pedindo poesias de um conhecido autor, que se fez famoso em todo o Brasil pelas suas viagens e conferências no estrangeiro, e que ficou célebre em todos os "sebos" da cidade pelo "encalhe" monumental de suas obras nos balcões de "saldo".

O caixeiro, surpreso pela procura e temendo que o moço da roça se arrependesse, correu à seção "Cr\$ 2,00 a escolher", e enfiando as mãos trementes no "cemitério" retirou-as cheias daquela poesia "encalhada".

— Quantos quer? — perguntou ao freguês.

— Uns dois quilos chegam.

Embrulhada a mercadoria, lá se foi o provinciano gozar no quarto barato de pensão aquêle lirismo de segunda mão, inspirando-se naquela fonte cristalina para as suas produções futuras. Enquanto isso, o caixeiro atendia agora a um colegial de dezesseis anos, que lhe queria empurrar, por 20 cruzeiros, uma geografia horrível, adotada o ano passado em seu ginásio.

E os argumentos contrários se cruzavam, numa controvérsia quente e hostil:

— Mas é um livro "barreira". Traz tudo da África, até uma figura de leão ele tem.

— Isto não nos interessa. O compêndio já não é mais adotado e ninguém querará comprá-lo, portanto.

— Mas o senhor pode "empurrá-lo" em qualquer "otário" que não queira aprender geografia.

— Moço, isto aqui é um "sebo" e não uma agência de contos do vigário.

— Mas eu preciso das vinte "pratas" para levar a pequena ao cinema hoje.

— Leve-a ao "poeira", ou traga uma coleção dessas "coizas", concluiu o caixeiro apontando a malfadada geografia.

E o rapazinho lá se foi, com um sorriso amarelo, deixando a sua geografia por Cr\$ 4,00, sem imposto de compra e venda e sem outros aborrecimentos.

Entraram novos fregueses, saíram outros, e o círculo dos negócios continuou.

Vimos um rapaz que levava ao "sebo" um livro de versos, no qual estava lavrada, em boa letra inglesa, uma dedicatória gentil do autor.

Isto nos fez lembrar o caso de outro escritor, que lançara a público o seu primeiro livro, que ninguém comprara:

Certa vez, percorridas todas as casas de livros da cidade, onde lhe informaram não haver saído um exemplar sequer de sua "maravilhosa" obra, este infeliz autor entra no "sebo", por acaso. Eis que uma agradável surpresa ali o esperava: em lugar de destaque, no "cemitério", lá estava o seu livro. O escritor, radiante, aproxima-se, sorrindo, por saber vendido ao menos um exemplar de seu livro de estréia. Não importava que o comprador o houvesse revendido. O livro fôra comprado, e isto o satisfazia. E assim pensando, chegou-se mais ao volume, pegou-o, apalpou-o carinhosamente e começou a folheá-lo. Logo na primeira página a decepção o esperava: ali estava, com sua própria letra, esta inscrição: "Ao bom amigo José, com admiração, oferece o autor".

Assim é o "sebo". Uma catacumba de esperanças, um túmulo de ideais.

Mas a par disso é também uma gloriosa tradição cultu-

ral, uma reminiscência da boemia literária do Rio de Janeiro.

Além disso o "sebo" é o café pequeno do espírito do pobre. É ali que o empregado do comércio compra, a Cr\$ 2,00 o volume, a sua erudição barata. Ali é ainda que o operário vai buscar, todos os fins de mês, os "A.B.C." de Antônio Silvino, "Lampeão" e Padre Cícero, única poesia assimilada pelo seu intelecto semi-inculto.

Eis por que nos assustou a notícia de que a torre secular dessa simpática tradição viria abaixo de uma vez.

Mas o "sebo" ali estava em nossa frente, vivo e agitado, apresentando as suas velhas características românticas.

O movimento era intenso na Livraria São José. Entravam fregueses carregados de livros, saíam fregueses desencanados. Mas acontecia ali o que sempre acontece em todas as casas de "sebo" do mundo: o vendedor entra cheio de esperanças, tentando vender, um livro por um preço compensador, e pouco depois retira-se alegre, sacudindo no bolso a última, a décima parte do valor pedido pela venda de seu carregamento, que lá ficara, amontoado com os "defuntos" antigos, no mostruário do "saldo".

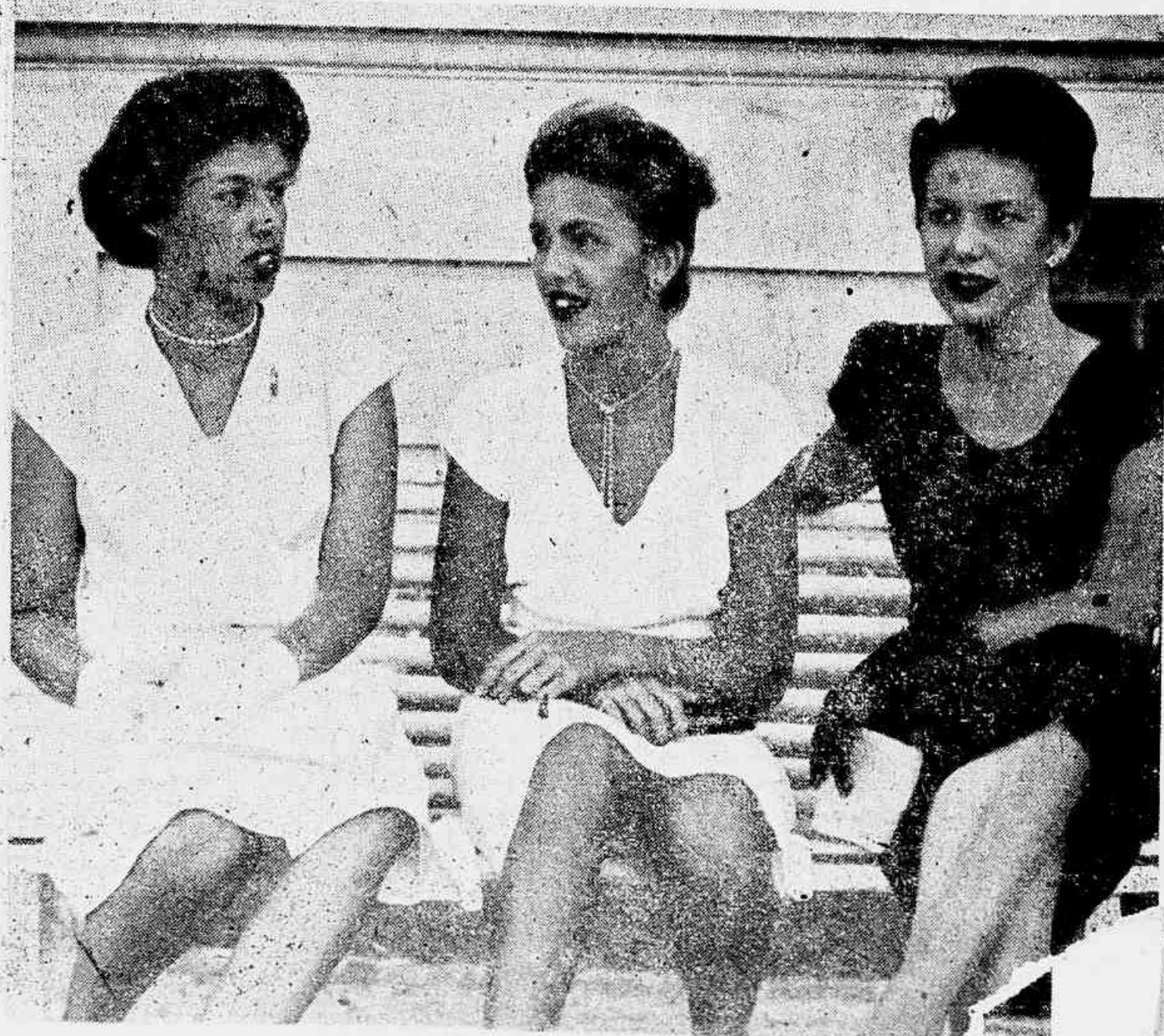
Com isso estávamos satisfeitos. Haviam desaparecido os velhos "sebos" da rua São José, e a tradicional loja de "belchior" literário da rua General Câmara, onde Ruy adquirira boa parte de sua biblioteca, já não existe.

Mas alegrem-se os saudosistas: o "sebo" continua vivo, com todas as suas características e todo o seu encanto, em pleno coração da rua São José. E, mesmo que ele morra, mesmo que todas as casas do ramo fechem suas portas, o "sebo" viverá sempre, ambulante ou estabelecido, enquanto restar um poeta de província que venha passear no Rio: e enquanto existir um estudante "quebrado" pretendendo levar a namorada ao cinema. Os "sebos"... e os vendedores avulsos, sob a Ponte dos Marinheiros...



JOCKEY CLUB MUNDANO

Os programas organizados pelo Jockey Club Brasileiro são sempre sensacionais e cheios de novos interesses. Atrai-do por êstes programas e pela graça adorável das elegantes "turfwomen", que em desfile gracioso e gentil acorrem ao prado, o carioca não perde à tarde de domingo aquela festa de encantamento e bom tom. As fotografias que estampamos nesta página foram tomadas na "pelouse", quando da última reunião turfística.



REVISTA DA SEMANA

ANO XLVI — 3-2-945 — N. 5

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das Revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de S. Paulo em 1933.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples: Um ano — Cr\$ 63,00; Seis meses — Cr\$ 32,00
Registrada: Um ano — Cr\$ 80,00; Seis meses — Cr\$ 40,00

ASSINATURAS PARA O ESTRANGEIRO

Registrada: Um ano — Cr\$ 170,00; Seis meses — Cr\$ 90,00

O número avulso custa Cr\$ 1,50 em qualquer parte do país; o número atrasado Cr\$ 2,00. Visconde de Maranguape, 15 — Endereço telegráfico: "REVISTA" — Rio de Janeiro

Tels.: — Direção: 22-2622; Gerência: 22-2550; Redação: 22-4447
Publicidade: 22-9570; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602
Sucursal em S. Paulo: Rua D. José de Barros, 323. Tel. 4-7866
Corresp. na Bahia: J. Machado Cunha — Av. 7 de Setembro, 149

TEM AGENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: S. S. Knoppe & Cia. Times Bldg., New York City. Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos — Caixa Postal 434, Lourenço Marques. No Uruguai: Moratorio & Cia. — Constituyente, 1746, Montevideo. Na Argentina: "Inter-Prensa" — Florida, 229 — Tel. 33 Avenida 9109 — Buenos Aires.

Propriedade da CIA. EDITORA AMERICANA. — Diretor: GRATULIANO BRITO

Trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

ESTE NUMERO CONSTA DE 60 PAGINAS

O CORPO DE COLABORADORES DA REVISTA DA SEMANA ESTÁ ORGANIZADO. SÓ PUBLICAMOS COLABORAÇÕES SOLICITADAS PELA REDAÇÃO. NÃO NOS RESPONSABILIZAMOS PELA DEVOLUÇÃO DE ORIGINAIS, MESMO QUANDO NÃO PUBLICADOS.

Sumário

LITERATURA:

Carnaval — sim ou não? (R. Magalhães, Jr.)	3
Literatura a Cr\$ 3,00	4/5
A carta registrada (Matthew Webb)	25
Semana da Igreja (Escagnolle Doria)	26
Cumpra o teu dever, Quincas (Zenaide Andréa)	32/33
Encontro (Marian Anders)	41
Livros Novos (J. L.)	42/43

REPORTAGENS:

A história completa do caso de Pindamonhangaba (Celestino Silveira)	9/21
Figuras e Fatos	36/37
O público quer música moderna? (Roberto Lyra Filho)	38/39

FEMININAS:

Nos Bastidores Femininos	27
Novidades para o verão	28/31
Trabalho Manual	40
Make-up	48
Modelos e Figurinos	50, 54, 56/57

CURIOSIDADES:

New-Faces 1945	46/47
----------------	-------

SEÇÕES:

A Semana em Revista	8
---------------------	---

Estômago Sujo

As vezes, sem saber porque, sente-se de repente grande abatimento geral, aborrecimento, moleza, indisposição profunda, mal-estar em todo o corpo, preguiça para fazer qualquer esforço, até dores e peso no estômago, na cabeça e no ventre; enfim não se tem vontade nem coragem nenhuma de trabalhar!



Sempre que estas perturbações aparecem assim de repente, deve-se ter a certeza de que o estômago e intestinos estão muito sujos e cheios de matérias fermentadas e tóxicas, e neste mesmo dia convem usar **Ventre-Livre**, afim de prevenir complicações e moléstias mais graves.

Um Conselho

Evite as medicações violentas e debilitantes!

Para tratar racionalmente a prisão de ventre, use **Ventre-Livre**, remédio brando e suave, que alivia, limpa e tonifica o estômago e intestinos e exerce uma ação muito salutar sobre as funções do fígado.

Todas estas qualidades é que fazem com que **Ventre-Livre** seja largamente usado em tão numerosos e importantes países.

Use **Ventre-Livre**

A guerra em marcha	22/23
De Rádio (Djalma Maciel)	24
Coisas do Brasil	34

CARICATURAS:

De Bom Humor	35
"Charge" de Raul	58

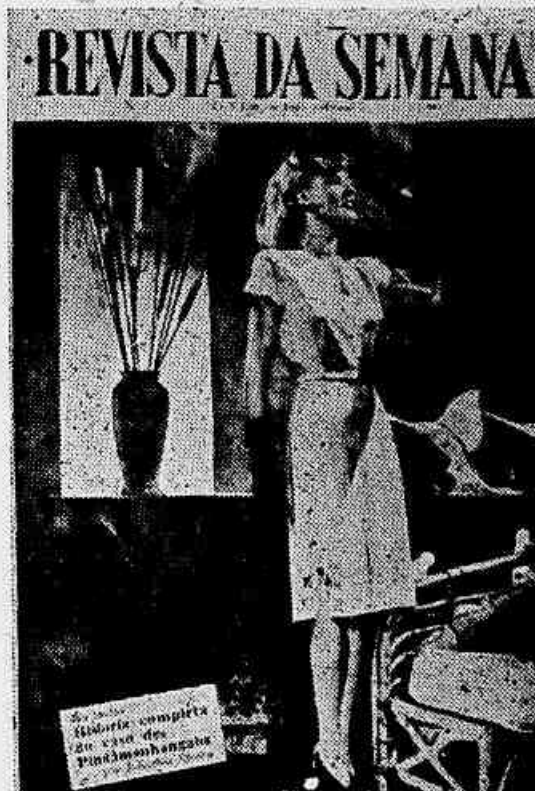
Nossa Capa

De par com a variada série de figurinos e modelos para a temporada de verão, que oferecemos às leitoras elegantes desta revista, na presente edição ainda lhe oferecemos, na sobrecapa, em tricromia, uma "toilette" de Janis Carter, artista da Columbia. De resto, em outras páginas, modelos de cinema, e dos mais famosos costureiros de Nova-York, são apresentados.

A reportagem sobre o "caso" de Pindamonhangaba, apresentada pelo nosso enviado especial, Celestino Silveira, que foi conhecer "in loco" os detalhes daquele ruído acontecimento, constitui outro motivo de atração deste número. Também Roberto Lyra Filho apresenta uma curiosa entrevista com o maestro Szenkar, sobre o momento musical brasileiro. Seções do costume: De rádio, de guerra, Semana em Revista e mui-

tas curiosidades, completam o sumário do presente número

Nossa edição de sábado próximo, entre outras sensações, incluirá os mais



recentes mapas da guerra, focalizando especialmente o avanço das tropas russas em território germanico.

Um - calçado da moda para o mundo elegante

Gambier

Rua Uruguaiana, 52
Fone 22-5587 — RIO

a Semana em Revista

OS ADVENTISTAS DA HORA UNDÉCIMA



Agora parece que a coisa vai mesmo. Na Itália, onde, ao lado dos heróicos exércitos anglo-americanos, combatem valorosamente os nossos irmãos da F. E. B., as desmoralizadas tropas de Hitler mais não fazem que recuar... recuar... No "front" ocidental, Eisenhower se prepara para a investida final, que levará as vitoriosas forças da liberdade ao próprio coração do ex-invincível Reich, num golpe certo de misericórdia contra os combatentes nazistas. E na Rússia, isto é na frente de Berlim, investem os soldados soviéticos contra as cidadelas do Oder, num avanço irresistível contra a capital alemã, percorrendo, antecédidos por uma muralha de ferro e fogo, a última etapa de sua viagem Stalingrado-Berlim via Varsóvia. Na Hungria, reapareceu Tmoschenko à frente dos cossacos, arrazando as defesas dos nazistas magiares, que se rendem em massa, ante a constatação da derrota. E nas frentes que se estendem pelos territórios alemães do oriente e pela alta Silésia, os exércitos ucranianos e os soldados da Rússia branca, escudados pela maior força couraçada jamais lançada ao campo da luta, investem contra Berlim em marcha forçada. A situação tornou-se negra para os líderes nazistas de todo o mundo. O marechal Stalin, para quem um plano deve anteceder sempre uma realização, já afirmou de público que a

União Soviética não perdoará nenhum criminoso de guerra. Berlim deve estar passando por transe idêntico ao que precederam a tomada de Madrid.

Mas, sob o aspecto moral, que diferença! Enquanto os líderes da Espanha republicana esperaram firmes as hordas assassinas dos mouros e as cinco colunas traçoiras dos judas falangistas, os líderes nazistas preparam já o terreno para uma escapula estratégica, esperando que, após a prática dos maiores crimes da história, possam repousar sossegadamente à beira dos lagos helvéticos ou na frescura dos pampas amenos.

E como eles os seus colegas de todo o mundo. Franco afasta-se pouco a pouco da política alemã, esperando a condescendência da Inglaterra em benefício de sua longevidade. Plínio Salgado, em Lisboa, fala em Cristo e na bondade. E os nossos velhos conhecidos, os integralistas responsáveis pela intenção de onze de Maio de 1938, exilados hoje em Montevideu, fazem pela imprensa, reiteradamente, a sua profissão de fé democrática.

Esperamos entretanto que a boa fé dos povos não se deixe iludir pelos cantos das sereias encamisadas. E estamos certos de que o velho lobo de Moscou, que tão bem iludiu os estrategistas alemães com o golpe da guerra finlandesa, não terá contemplações para com os "anjinhos" de Berlim. Mesmo porque, apesar das asas diáfanas, eles sempre se revelam anjos de cara suja. Sim, pois nas suas faces, por mais que eles façam, sempre aparecerá, vermelha e viva, a nódoa do sangue inocente que eles fizeram derramar.

TURISMO SEM HOTÉIS



Cinco anos da mais tremenda guerra a que o mundo já assistiu, com todo o cortejo de dificuldades, racionalismos e outras consequências inevitáveis, não têm conseguido amortecer o interesse universal pelo nosso país. Pelo contrário. Somos, hoje, uma nação das mais procuradas pelos que ainda podem cruzar fronteiras, aportando ao Rio com a febre de tudo conhecer e desvendar no mais curto espaço de tempo. Um obstáculo, entretanto, surge desde logo: a falta de habitações. Não se trata do alojamento para os que vivem em caráter permanente em nossa terra, porque esse vale por um dos problemas de mais difícil solução. E, praticamente, medidas salutaras a esse respeito continuam sendo esperadas pelas populações de todos os Estados. Queremos referir-nos, simplesmente, à escassez de hospedagem para quem salta no Rio e se encaixa para um hotel qualquer onde, antes de entregar as valises, recebe a clássica advertência: "Não há vagas". O fenômeno repete-se em Belo Horizonte, em São Paulo, onde quer que se estenda a peregrinação do turista, ou mesmo de quem esteja em simples função profissional, viajando por dever e não por devaneio. Provado está que não nos encontrávamos aparelhados para corresponder à imensa propaganda desenvolvida além fronteiras, aconselhando os de fora a virem conhecer nossos encantos naturais. Muitos edifícios construídos nestes últimos dez anos,

cujas dependências destinavam-se à locação para escritórios, transformam-se em hotéis de emergência; mas assim mesmo a dificuldade continua para quem procurar um quarto por dois ou três dias de permanência no Rio. No Rio e nas capitais de Estados; nas capitais e nas cidades de menor importância. E o resultado desse fato vem a ser o espírito de ganância logo revelado por parte dos hoteleiros, donos e senhores do "mercado". Há um regulamento, uma taxa para as diárias de hotéis; mas nem sempre se respeitam esses princípios das autoridades. Agora mesmo dois nossos companheiros sentiram essa irregularidade em Pindamonhangaba, onde foram a serviço desta revista. Ali chegados lutaram com as dificuldades de costume para se aboletarem de qualquer modo. Encontraram, por muito favor, alojamento em simulacros de quartos, fora do corpo do Hotel Brasil, peças sem móveis além de uma simples cama de ferro. Nem um cabide, "toilette" ou coisa parecida. A roupa tinha de se pendurar nas costas de uma velha cadeira. E a diária? O cartão da Polícia, preenchido para revelar a identidade dos reporteres, mencionava a máxima de Cr\$ 20,00. No entanto a diária foi cobrada à razão de Cr\$ 30,00 e, o mais pitoresco, sem direito a banho frio. A aquisição de uma velha toalha, esfarrapada, importava em mais de Cr\$ 2,50... Tudo em perfeito desacordo com as instruções da Polícia. Interpelado o pessoal do hotel, um funcionário, dando de ombros, limitou-se a responder: "E é se quiser, meu amigo. Do contrário, tem muitos candidatos ao seu quarto de malas guardadas aqui na portaria"...

Positivamente, turismo sem hotéis não dá certo.

UM BOM AMIGO



Acaba de chegar ao Rio o novo embaixador dos Estados Unidos no Brasil, sr. Adolf Berle Junior. Que diferença entre este diplomata e os antigos representantes do Reich que por aqui apareciam. Aquêles desciam do navio em grande póse, com secretário de legação atrás, este seguido pelo "ataché", que por sua vez precedia o adido militar, ao qual se seguia o cônsul geral. E mal saltavam no solo brasileiro empinavam o pescoço, olhavam por dentro do monóculo prussiano para a raça inferior que se movia ao seu lado, repetiam mentalmente o "heil, Hitler!" e, negando-se a dar qualquer informação verbal à imprensa, distribuíam no dia imediato uma nota aos jornais relatando as novidades da Alemanha. Aquilo, segundo a nota, era o verdadeiro Eden. Viviam-se em plena felicidade; Berlim parecia um ninho de querubins. Ninguém contradizia o grande fuehrer, a paz reinava em todos os lares, não existia intranquilidade, tudo corria às mil maravilhas. E a nota sempre terminava dizendo que o maior amigo do Brasil era a Alemanha, e que nada poderíamos temer da política de Adolf Hitler, o Magnânimo. A Alemanha só almejava beneficiar a indústria e o comércio das nações sul-americanas... e assim por diante.

O novo embaixador americano não fez isto. Disse à imprensa o que se passava

realmente nos Estados Unidos. Falou nos ultra-nacionalistas que tentam sabotar as grandes realizações industriais brasileiras; contou a luta que com eles vem mantendo o presidente Roosevelt, em benefício do nosso surto de progresso econômico. Expôs planos futuros com relação ao comércio e à livre concorrência; citou fatos; esplanou idéias... De suas palavras ficaram patentes as suas idéias liberais e claras, a sua sinceridade e o seu senso diplomático.

Quando um jornalista o felicitou por haver aprendido em pouco tempo o nosso idioma para melhor entender-nos, o embaixador sorriu e desculpou-se por não poder discursar em português, como era de seu desejo, em virtude dos seus conhecimentos de nosso idioma não lhe permitirem ainda uma esplanção perfeita de suas idéias.

Eis aí o que nunca faria um diplomata alemão. E se por acaso algum embaixador germânico junto ao nosso governo "arranhasse" qualquer coisa de português, não perderia ocasião para nos fazer um discurso "macarrônico", terminando por viver três vezes o seu fuehrer em "rr" arrancados do fundo da garganta.

Queremos frisar aqui que em qualquer idioma que se faça entender o sr. Adolf Berle Junior não tem, para nós brasileiros, um valor absoluto. O que importa, de fato, são as suas idéias e as suas intenções. Estas, em qualquer língua em que ele as expresse, nos convêm e nos agrada. Porque, pelas suas palavras, fôssem elas ditas em espanhol, norueguês, russo, chinês ou japonês, logo compreenderíamos o que ele para nós representa em verdade: um bom amigo.

NÓS E O TEATRO



Quem se der à agradável tarefa de folhear coleções antigas desta publicação, terá ensejo de reconstituir momentos históricos da vida nacional. Pelas páginas ilustradas da REVISTA DA SEMANA têm desfilar quarenta e quatro anos de acontecimentos marcantes, aos quais sempre nos associamos. E os que percorrerem nossos volumes desde 1900, quando a primeira grande reportagem fotográfica foi aqui estampada, focalizando a inauguração da estátua de Pedro Álvares Cabral no largo da Glória, terão reconhecido o interesse assíduo e muito justificado por nós sempre devotado aos assuntos de teatro. A crítica dá "première" de "O Mártir do Calvário", com o papel central criado pelo falecido ator Olímpio Nogueira, repleta de restrições, peça levada à cena em mil novecentos e poucos, existe em uma de nossas coleções. A iniciativa teatral de Artur Azevedo, na Exposição Nacional de 1908, mereceu da REVISTA largos comentários e muitas ilustrações. A famosa companhia dramática Dias Braga, então permanentemente instalada no Teatro Recreio Dramático, merecia dos redatores daquele tempo críticas perfurantes às vezes, francamente amáveis de outras. E todas as grandes figuras da ribalta, nestas últimas quatro décadas, têm algum capítulo de sua carreira associado à existência da mais antiga publicação ilustrada nacional, que é a nossa.

Essas evocações vêm a propósito de um honroso telegrama recebido pela direção da REVISTA DA SEMANA e expedido pela Sociedade Brasileira de Autores Teatrais, do teor seguinte:

"A Sociedade Brasileira de Autores Teatrais vem apresentar a Vossa Senhoria os seus mais sinceros agradecimentos pelo intenso interesse que vem demonstrando pelo Teatro Nacional na REVISTA DA SEMANA. — (ass.) José Wanderley, secretário."

O telegrama da S. B. A. T., que tanto nos desvaneceu, tem como justificativa a série de reportagens fotográficas e descritivas por nós publicadas nestes últimos meses, reproduzindo as cenas principais das peças de maior sucesso representadas nos teatros cariocas. No entanto, nada mais temos feito que devolver à REVISTA, nós, os responsáveis pela sua orientação atual, a situação que de direito lhe cabia desde o alvorecer do século e o aparecimento de seus primeiros números. Somos uma publicação legitimamente brasileira, fundada por brasileiros e destinada à difusão dos assuntos gerais que interessam ao mundo mas, particularmente, aos que nos dizem respeito, como brasileiros que somos. Agora mesmo a atuação da Força Expedicionária Brasileira está merecendo o mais desvelado carinho na divulgação de tudo que lhe diga respeito, nestas páginas. E no teatro, como na literatura, o mesmo acontece. Nosso propósito é o de restaurar e manter intactas as tradições da publicação fundada por Alvaro Teffé e o seu grupo de companheiros cheios de entusiasmo e valor, do qual destacava-se o espírito cintilante de Medeiros e Albuquerque. Fazemos uma revista para todas as classes de público, as de "élite", que sempre aqui encontram a sua leitura predileta, e as eminentemente populares, que são sempre o esteio de toda a grande organização jornalística. E temos razões de sobejo para sentir que esse nosso esforço vem sendo compreendido pelos nossos patrícos, falando eloquentemente nesse sentido o aumento crescente da circulação da REVISTA em todas as camadas de povo, e as constantes cartas amáveis, de estímulo e aplausos, que vimos recebendo. Quanto ao teatro, será sempre um assunto cuidadosamente tratado dentro desta casa.

A HISTORIA COMPLETA DO CASO DE PINDAMONHANGABA

A RECONSTITUIÇÃO FOTOGRÁFICA E DESCRITIVA DO ESTRANHO CASO DE ANDRÉ DI BERNARDI — O CENTRO ESPÍRITA IRMÃ TEREZINHA EXAMINADO MINUCIOSAMENTE — DUAS VITROLAS — FENÔMENOS DE LEVITAÇÃO, FREQUENTES NOS TRABALHOS DO CENTRO — TEM A PALAVRA MONSENHOR AZEVEDO — SUAS ACUSAÇÕES DECISIVAS CONTRA O DR. EDISON — A MÃE DO OPERADO FOI A ÚLTIMA A SABER — OS ESPÍRITOS GOSTAM DE BRINCAR, MAS JOGAM TIJOLOS NA CABEÇA DOS "MEDIUNS" — UM CONVITE PARA OUTRAS GRANDES PROVAS — O "MEDIUM" FRANCISCO BELLO E A SUA MÁSCARA DE ABELHAS — O DR. FRANCISCO LESSA E SUA OJERIZA ÀS OBJETIVAS FOTOGRÁFICAS — CONCLUSÕES APÓS O CONFRONTO DOS "PRÓS" E "CONTRAS" — QUEM TERIA OPERADO? UM MÉDICO DO ALÉM OU UM EMBUSTEIRO? — NÃO HÁ MEIO-TÉRMO: OU ESTAMOS EM FACE DO MAIOR ACONTECIMENTO DO SÉCULO OU DA MAIS ESCANDALOSA MISTIFICAÇÃO...

O noturno da Central que nos trouxe a Pinda foi mais ou menos pontual. Passam poucos minutos das três e meia da madrugada e aqui estamos desembarcando, o repórter e o fotógrafo, este com os seus apetrechos bem visíveis, não podendo disfarçar a finalidade da viagem. Máquina e tripé não podem esconder-se, mas indicam que aqui estão, na cidade paulista mais falada no momento, dois serviçais da Imprensa à busca de novo material elucidativo do caso que tanto impressionou a população carioca. Somos os únicos passageiros saltando nesta quieta e adormecida povoação, que visitamos pela primeira vez, sem o menor roteiro ou informe que nos oriente onde encontrar um hotel. E os notívagos, muito escassos, com quem esbarramos na primeira rua, banhada por um luar impressionante, não sabem dizer-nos, ao certo, onde poderemos terminar a noite mal

Reportagem de CELESTINO SILVEIRA

Fotos de Arnaldo Vieira

dormida. O trem apitou na curva seguinte, desaparecendo na estrada e levando consigo o escritor Joraci Camargo a caminho de S. Paulo, onde vai tomar parte no Congresso de Escritores. Foi o autor de "Deus lhe pague" a última pessoa a recomendar-nos que tudo pesquisássemos, sem deixar nenhum vestígio em branca nuvem, pois ele está também curioso de penetrar o fio do mistério:

— Tenho lido muita coisa no noticiário dos jornais — disse-nos há pouco Joraci — mas ainda não concatenei como se poderá ter passado esse estranho episódio. E se não fôsse o meu compromisso de amanhã, em São Paulo, saltava com vocês agora mesmo. Examinem

tudo, tomem a seu cargo a tarefa de nos contar, depois, ambas as versões que sempre existem nesses casos, e terão prestado um serviço inestimável ao público...

— Pensa você em aproveitar o tema para alguma peça? — indagamos.

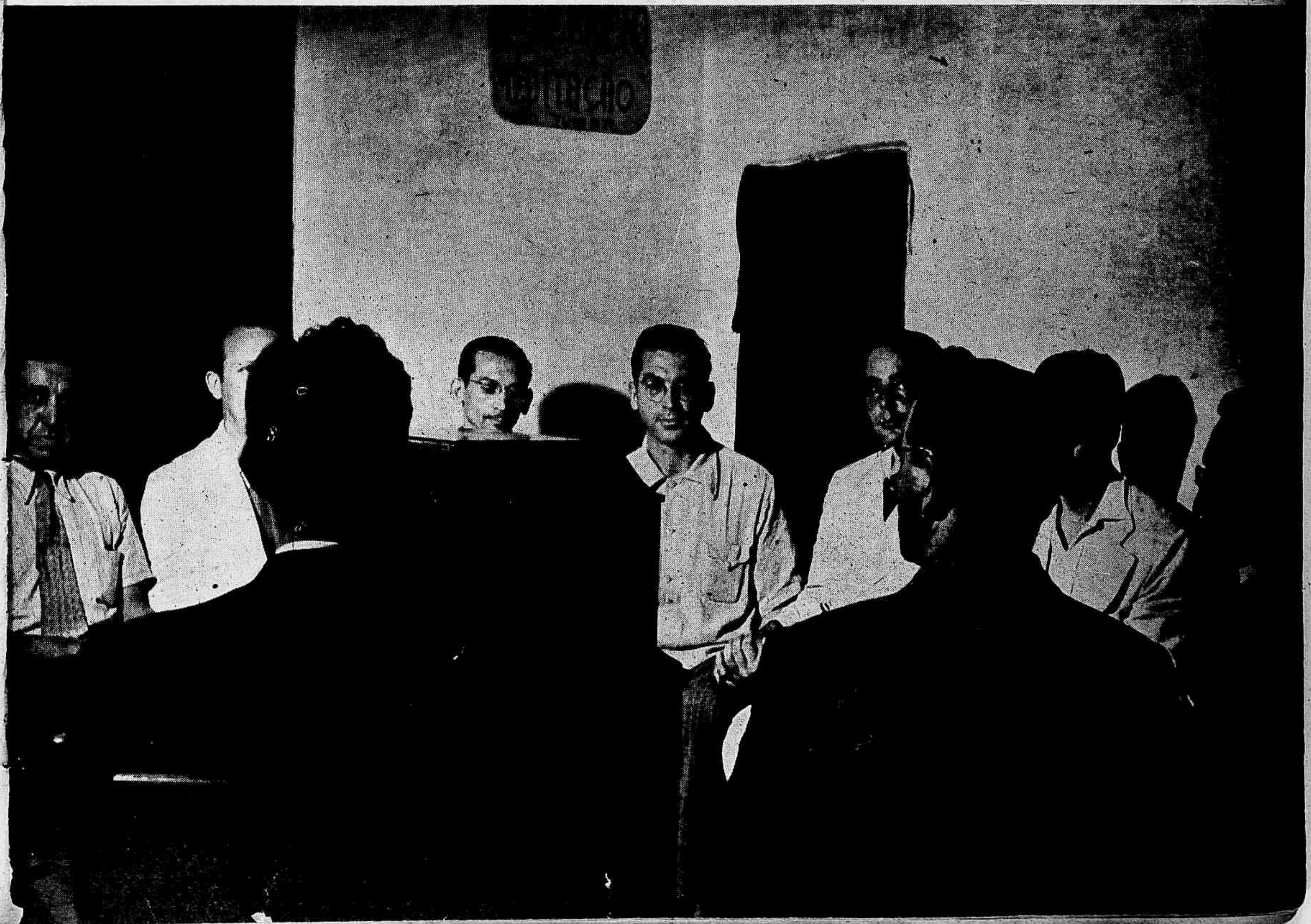
Joraci Camargo acende mais um cigarro:

— Quem sabe? O assunto é tentador... Mesmo como fruto de imaginação — que imaginação prodigiosa o terá então engendrado!

E ali estamos, palmilhando a rua da estação, rumo ao centro da cidade de Pindamonhangaba, onde, enfim, batemos à porta do Hotel Brasil. Como se poderia esperar, não existem aposentos disponíveis mas sempre se arranja acomodação. A que pode encontrar-se nessas emergências.

O porteiro, que acumula as funções de vigia, aparenta não tomar conhecimento da

FOI ASSIM A SESSÃO ESPÍRITA DA NOITE DE REIS. — Os componentes da mesa deram-se as mãos e formaram a "corrente". Ao centro, uma das vitrolas (elas são duas), que executou "O du Fröhliche", "Stille nacht, Heilige nacht" durante a operação — e outras músicas sérias. A pôse foi feita especialmente para a nossa revista, com elementos do Centro ali presentes na noite de 6 de Janeiro. O vice-presidente, Arnaldo Amadei, de frente, tem, à sua esquerda, o "medium" Francisco Bello e, à direita, seu irmão e presidente do mesmo Centro, Mario Amadei. Por detrás do "medium" e do vice-presidente vê-se a cortina de setineta preta comunicando com o aposento contíguo onde ficou o paciente. Não há porta, mas apenas a cortina.



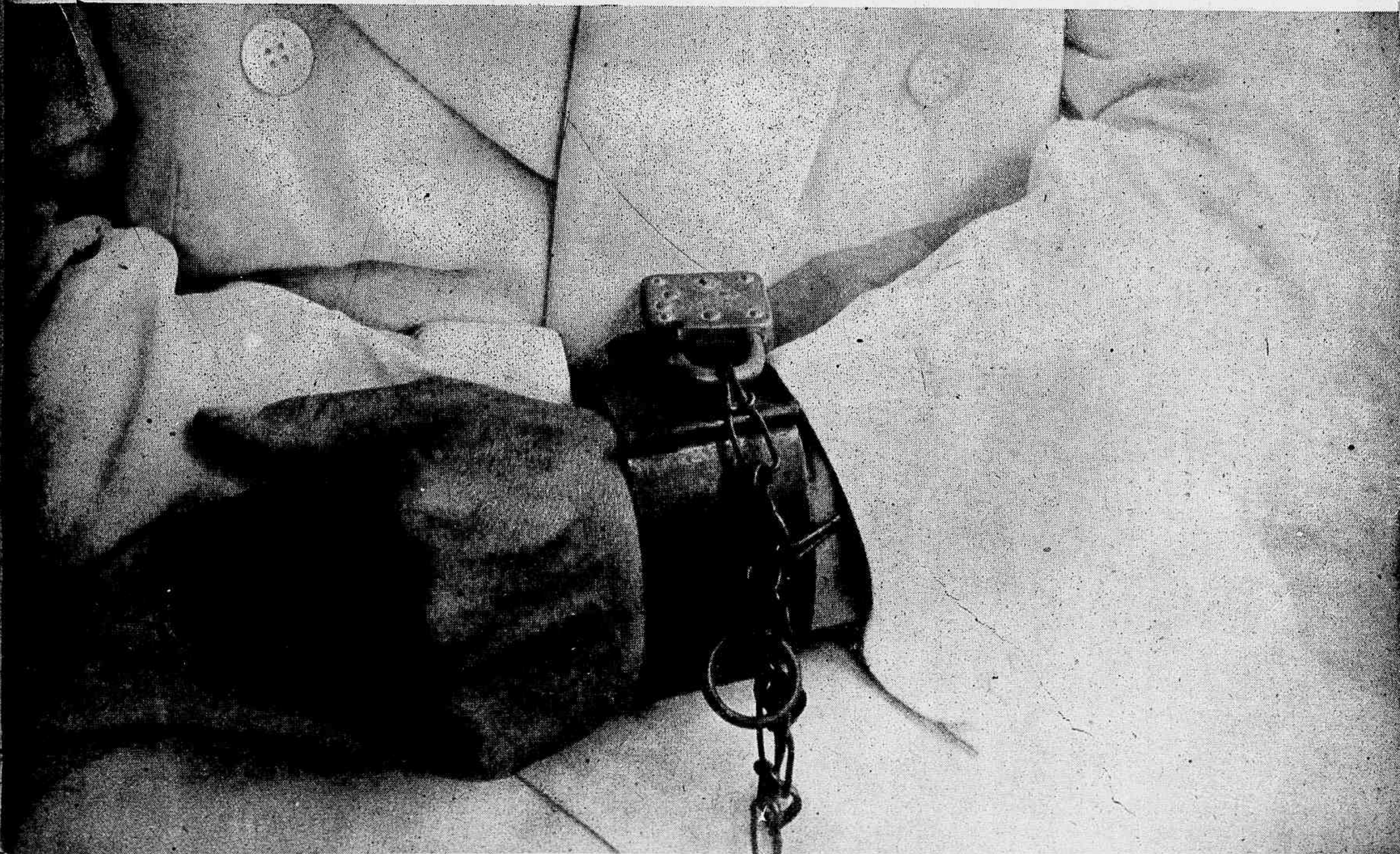


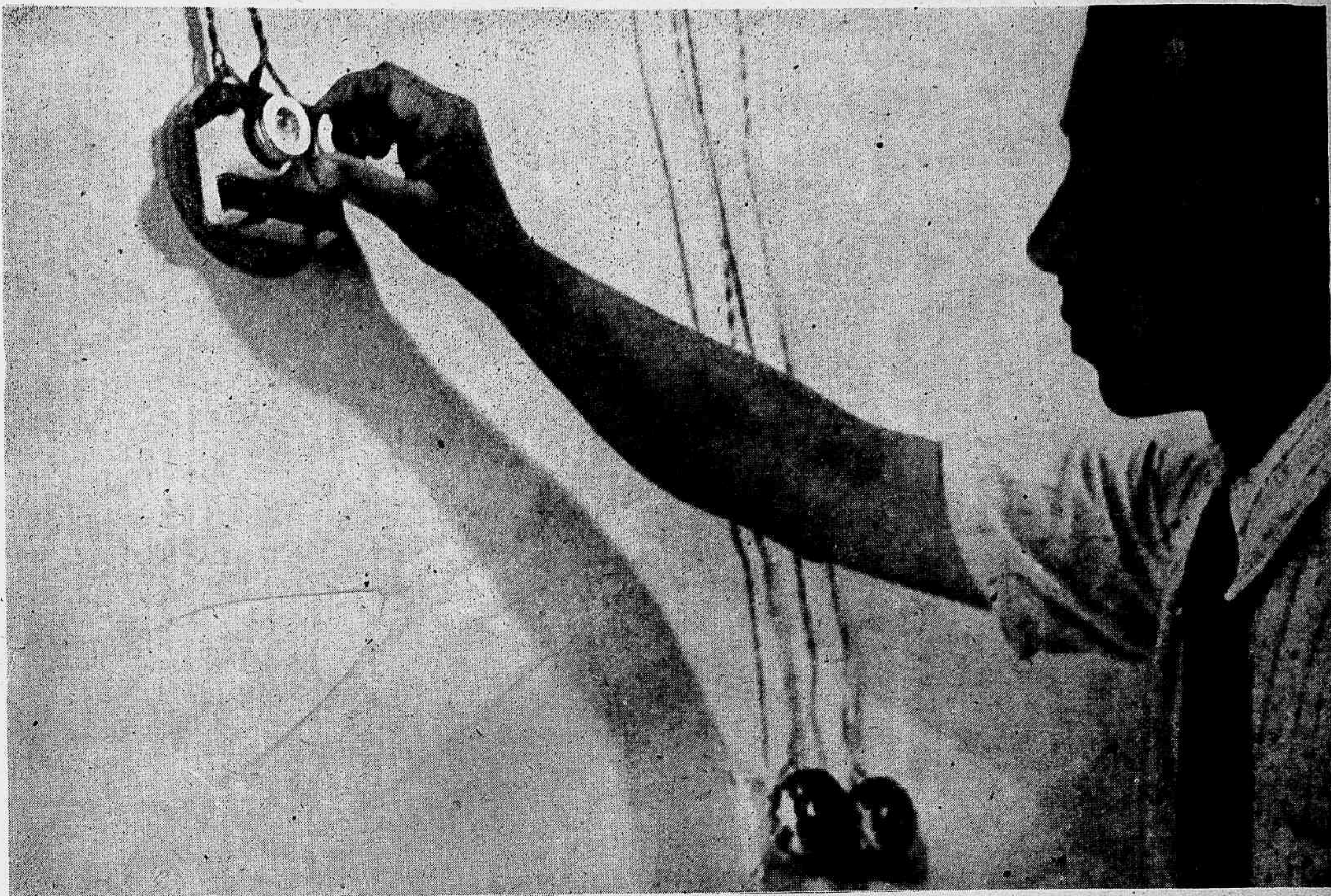
O "MEDIUM" É ALGEMADO E ACORRENTADO. — Assim o "medium" Francisco Bello costuma submeter-se às grandes experiências do Centro Espírita Irmã Terezinha. Põem-lhe algemas de ferro com uma forte corrente cuja extremidade é presa a um dos pés da cadeira. Assim também ele trabalhou na noite da operação c, segundo suas declarações, sentindo as dores, gemendo e frequentemente batendo com os pés. Na gravura inferior, um detalhe dos pulsos algemados. "Por que o algemam?", indagamos. "Para ninguém admitir que o "medium" se afasta do seu lugar", foi a resposta.

nossa identidade. Só mais tarde lhe daremos os cartões preenchidos pelas imposições da Polícia, o que não impede que o rapaz, com muito tino e observação, deduz a reais motivos da nossa presença naquele lugar. E tanto assim que mal o dia clareou somos bruscamente despertados pela reportagem de um vespertino carioca, postada em caráter permanente na cidade, para acompanhar as démarches do caso da intervenção cirúrgica atribuída a um espírito. O colega está a par da nossa estada em Pinda e apressa-se em saber o que realmente nos trouxe.

Cautelosamente ocultamos o rumo exato dos trabalhos que trazemos delineado do Rio. O segredo continua sendo a alma do negócio, e em negócios de reportagem cada reporter cuida de si mesmo...

Aqui estamos, finalmente, dispostos a dar início a nossas pesquisas. As primeiras sondagens, feitas junto aos elementos populares da cidade, começam por decepcionar-nos. Ao contrário do que podíamos esperar, Pindamonhangaba não está ligando muito ao ruidoso episódio ou, pelo menos, seus habitantes aparentam certa indiferença. Tratam do assunto como de um registro banal, um acontecimento de menor importância. E nós estranhamos que o fenômeno — até agora fenômeno, pois não foi explicado — cuja repercussão se fez sentir de maneira tão ampla no Rio, nos Estados e mesmo no estrangeiro mantenha em singela apatia o povo do lugar exato onde essa ocorrência se verificou. Não tardamos, porém, a certificar-nos da realidade. Uma parte da população receia manifestar-se, obediente talvez às advertências do chefe da igreja local, cuja atitude, desde as primeiras horas, foi de severa repreensão a quantos se interessassem pelo assunto. E os que acreditam não vêm por que há de dar-se ao fenômeno do Centro Espírita Irmã Terezinha uma importância maior, de vez que experiências de igual relevo já se registraram anteriormente sem escândalo algum.





Procurando o operado

Trazemos o propósito de ouvir ambas as partes, examinar e coligir informações dos que acreditam e dos que duvidam ou radicalmente descrêem da prova. Nosso propósito não chega a ser o de tirar a limpo a verdade, mas, quando muito, auscultando ambas as fronteiras, resumir nesta reportagem, com absoluta isenção de ânimo, tudo quanto chegue ao nosso conhecimento. Esta é ainda a maneira mais prática e eficaz de obter a média da realidade dos fatos. E as conclusões ficam a cargo do leitor inteligente.

Começaremos, então, pela parte direta mais interessada — o próprio operado, André di Bernardi, que vamos encontrar na sua modesta casa do número 16 da rua Rubião Junior, a poucos passos do jardim central da cidade. Nesta manhã de domingo, o discutido personagem mal acordou foi tirado do leito pela pequena caravana da REVISTA DA SEMANA e, sem o café obrigatório ainda, recebe-nos de barba por fazer, de rosto extenuado, metido num pijama caseiro e folgado. Foi a esposa, d. Virginia, uma criaturinha frágil e miuda mas simpática, que nos abriu a porta. Mas o guia para encontrarmos a casa indicada foi o pequeno André, filho do operado, um garoto de busto nú, pés descalços e olhar penetrante, a quem encontramos minutos antes.

— Você conhece o homem da operação, menino?

— É meu pai. Quer falar com ele?

E leva-nos à residência dos pais. No pequeno percurso sabemos que o garoto está radiante, pois seu pai já se restabeleceu e começará novamente a trabalhar na fábrica, no dia seguinte.

— Quem fez a operação?

— Então o senhor não sabe? Foi o espírito, sim senhor.

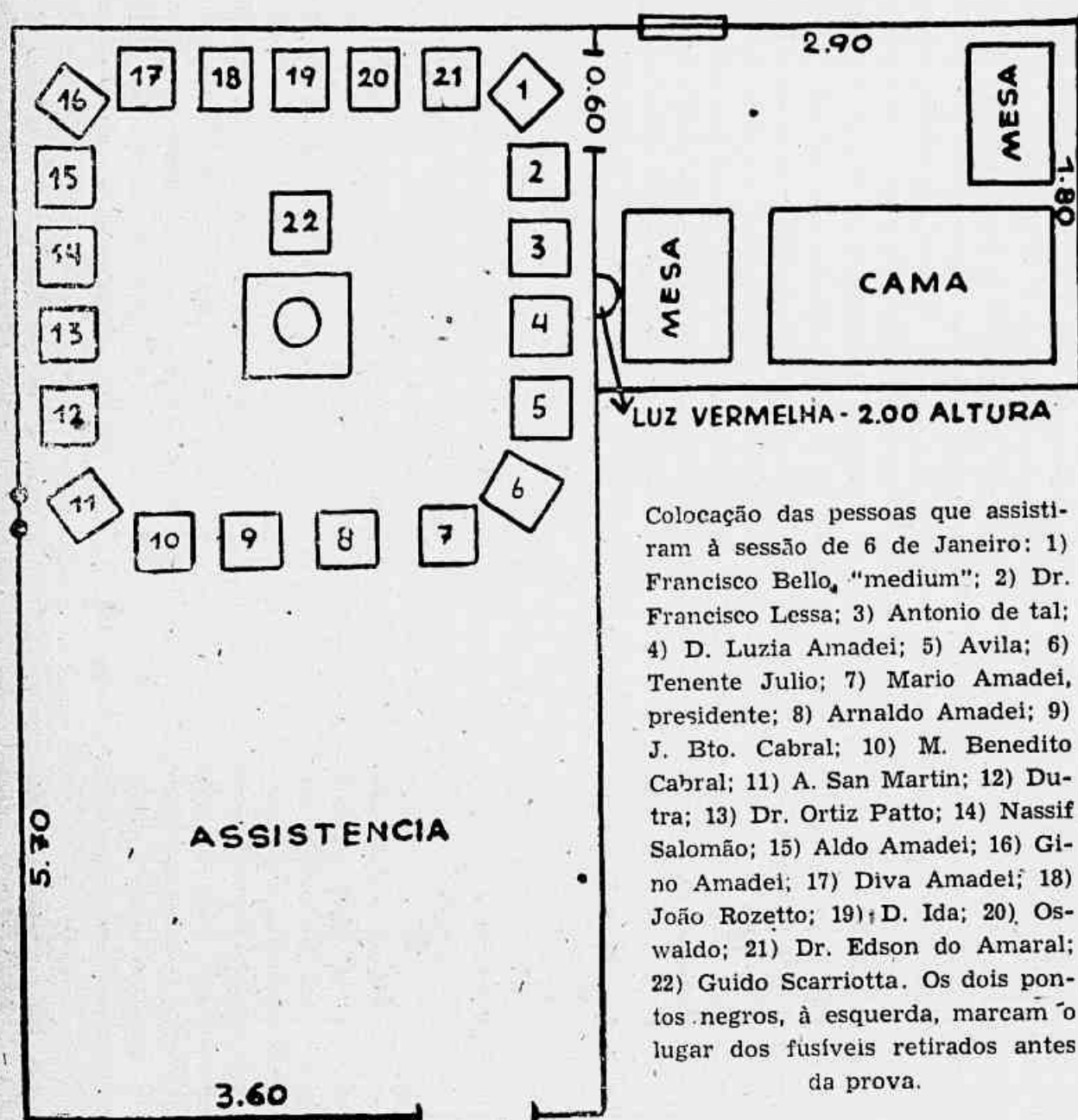
Não temos dúvida: o pequeno André, André número dois, acredita piamente no fenômeno. Reflexo do que se passa dentro de casa.

OS FUSIVEIS FORAM RETIRADOS. — Momentos antes de dar início à grande prova, na sala onde permaneceram o "medium" e mais de quarenta outras pessoas — inclusive os médicos — um sócio do Centro retirou os fusíveis da "tomada". Todo o trabalho devia ser feito nas mais completas trevas. "Mas por que tiraram os fusíveis?", indagamos. E a resposta: "Para ninguém pensar que pudesse existir um "truc" de eletricidade".

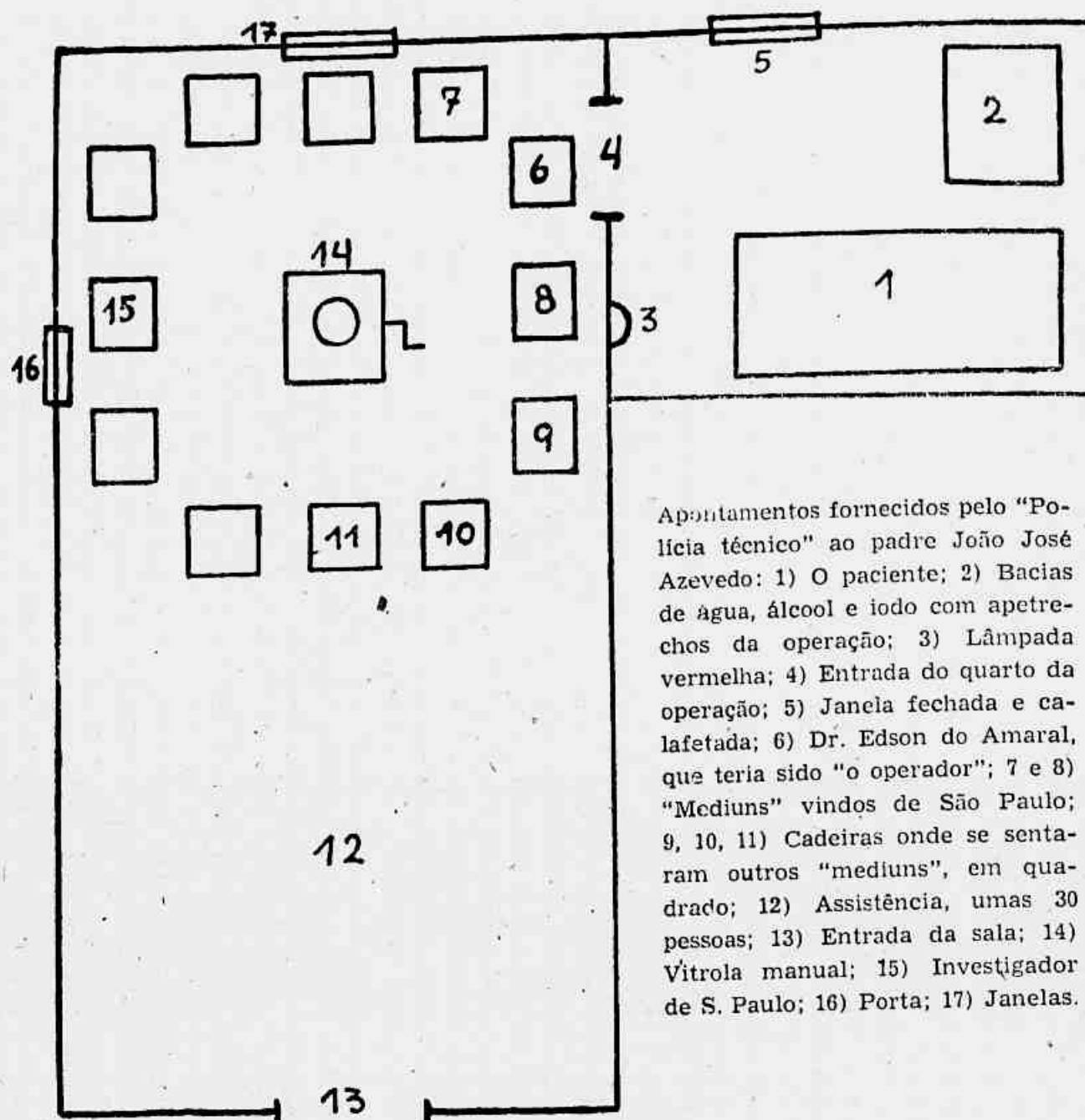
A CARAVANA DA "REVISTA" NO LOCAL DA PROVA. — Foi na tarde do domingo 21 de Janeiro. Em três automóveis, alugados no centro da cidade, os redatores da REVISTA DA SEMANA transportaram o operado, os irmãos Amadei e adeptos do espiritismo que assistiram à prova na noite de Reis. O Centro Espírita Irmã Terezinha fica afastado da cidade alguns quilômetros, num local quase deserto. Ali toda a cena foi reconstituída.



A versão espirita



A versão não espirita



O original do "croquis" à esquerda foi-nos fornecido por um sócio do Centro Espirita Irmã Terezinha, e o da direita por monsenhor João José de Azevedo, que informou tê-lo recebido das mãos do polícia-técnico que assistira à discutida sessão espirita. Há contradições entre um e outro, como poderá se certificar confrontando e observando as respectivas legendas.

E ali está à nossa frente não um homem provinciano, de feitiço rústico, mas um tipo perfeito de galã cinematográfico. André di Bernardi, o herói do falado acontecimento espirita, deu-nos de entrada a impressão exata de um sócio do famoso astro Errol Flynn. Sem dúvida, se aparecesse em um estúdio de Hollywood, poderiam utilizá-lo como "double" daquele ator, se bem que na expressão do olhar lembre bastante outro "astro" famoso, John Boles. Isso mesmo lhe dizemos nas primeiras palavras trocadas, o que o surpreende.

— Será que eu podia ganhar a minha vida como artista de cinema?

E sorri, mostrando duas fileiras de dentes fortes, bem tratados, de homem sadio. Quando fala certificamo-nos que não é brasileiro. De fato nasceu na Itália, mas seu sotaque o atraiçoa quanto à origem, na qual deve participar também sangue francês. E' assim, misturando ligeiramente o francês e o italiano mas conversando correntemente em português, que nos diz estar à nossa disposição. Todavia, não sabe mais o que possa dizer

de novo, pois tudo quanto ocorreu está no domínio público.

Ao nosso lado o Vieira prepara-se para bater as primeiras chapas, propósito em que é rebatido pelo sócio de Errol Flynn.

— Agora, não! — apressa-se em dizer. — Preciso fazer a barba...

Curioso índice de vaidade, pequenina mas significativa, a do personagem tão discutido no momento! Ele faz questão de se pôr mais decente, de trocar o pijama pela roupa domin-

O "PIVOT" DO MISTÉRIO. — Dentro dessa construção rudimentar de porta e janelas, à beira da estrada, a dez minutos de automóvel do centro de Pindamonhangaba, aconteceu o episódio mais discutido destes últimos tempos. Que mistério abrigam essas paredes? Talvez muitos dos presentes na fotografia não saibam explicá-lo. O quarto, da esquerda para a direita, é o famoso operado.



gueira, para enfrentar a objetiva. Mas confessou estar cansado de tantos retratos:

— Francamente, não tenho feito outra coisa nestes quinze dias — acrescenta. — Estou farto de ser "chapeado"...

— "Chapeado"?!

— Pois então! Os senhores não querem bater mais chapas?

E continua rindo, um riso franco de quem está satisfeito da vida, fagueiro e tranquilo. D. Virgínia não se cansa de o cercar de atenções. É ela quem nos diz, primeiro, que a operação foi admiravelmente sucedida:

— O senhor nem imagina! Meu marido tinha uma inflamação no apêndice há dez anos... Nunca se dispunha a ser operado. Até que agora...

André di Bernardi atalha a conversa, ampliando os informes:

— O senhor sabe, eu nunca me entregaria, no escuro, a médico algum. Seria correr um risco por demais grande...

— E no entanto entregou-se ao espírito?

— Ah! Com ele era diferente. Eu tinha absoluta certeza de estar bem entregue. E tudo correu tal como desejávamos. Hoje estou bom, apenas passados quinze dias da operação. Está vendo? Sou capaz de pular, de dançar, de dar cambalhotas se for preciso... Não sinto coisa alguma.

E batia, alegre, com as mãos no abdome.

— Pois há dez anos vinha me preocupando com isto...

— Conte-nos, então, como se passou tudo.

André puxa de uma cadeira, abanca-se, acende mais um cigarro — é um fumante inveterado — afasta os jornais que se espalham na mesa, todos repletos de fotografias da operação, finca os cotovelos e diz:

— Foi assim. Um dias preveniram-me de que devia ser submetido a operação.

— Quem o preveniu?

— Lá no Centro.

— Mas você não era espírita?

— Sim, era. Antes, não acreditava em coisa alguma. Aqui onde me vê, fui um perfeito ateu, até quando comecei a interessar-me pelos estudos espiritistas, com os quais sempre me dei bem. Obedeci à advertência dos guias e preparei-me convenientemente, seguindo as prescrições usuais de quem vai ser operado de apendicite. E na noite de 6 de Janeiro compareci ao Centro pronto para o serviço.

— Que aconteceu então?

— Deitei-me no lugar que me indicaram, onde fiquei amarrado pelos pulsos e tornozelos. Tudo ficou escuro. O "medium", os médicos que assistiram à prova e todos os presentes, em número superior a quarenta, ficaram na sala imediata. Dei o sinal. Podiam começar.

— Você estava nervoso? Com medo?

— Confesso-lhe que não. Estava tão tranquilo como agora, ao lhe contar isto tudo. Não vi ninguém entrar na saleta. As trevas eram completas. Tinha à minha frente, na altura do pescoço, um anteparo, uma moldura de madeira tapada de pano preto que me impediria de assistir à intervenção. Depois...

— Depois?

— Subitamente, senti que alguma coisa se passava naquele aposento. E uma luz estranha, inexplicável, assim à maneira de uma fosforescência, muito azulada, sobrenatural mesmo, começou a desenhar-se no espaço. Foi tudo coisa de um momento.

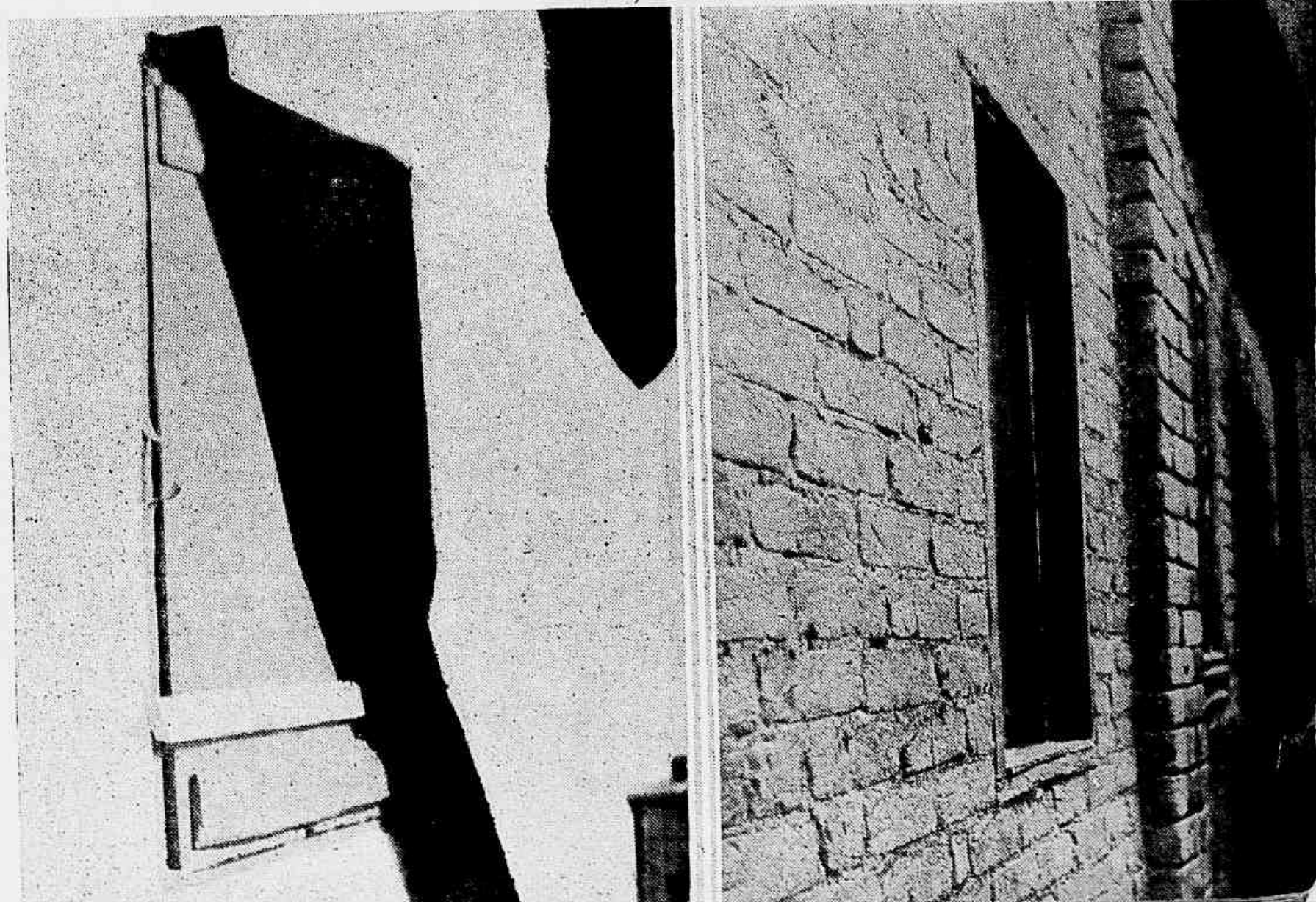
— Não sentiu dor alguma?

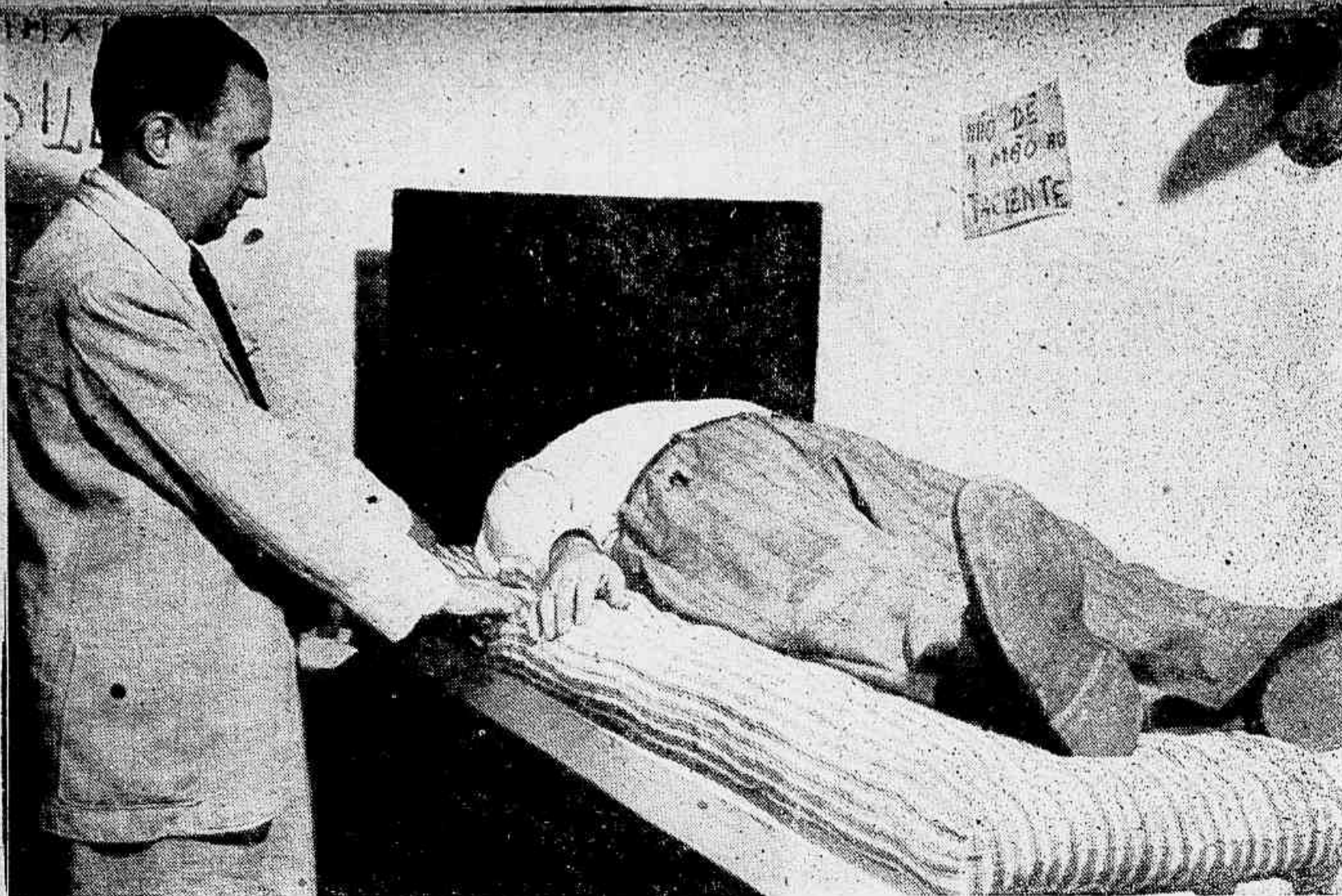
— Sim, a princípio. Alguma coisa semelhante a uma pontada, um apertão, que devia ter sido o primeiro contacto do médico operador do Além. E senti, realmente, que me examinavam o abdome. Eram duas mãos muito leves, macias, percorrendo-me o lugar habitual da dor. Mas as dores, durante todo o tempo da intervenção, foram sentidas lá fora, na outra sala, pelo "medium" Francisco Bello. Ele, sim, foi quem sofreu o pior, gemendo, seguidamente, num desespero enorme, reduziu...



GALÁ DE CINEMA? NÃO APENAS O OPERADO DE PINDA. — Nos Estados Unidos, André di Bernardi estaria contratado por uma grande empresa produtora de filmes. Com esta excelente máscara, na pior hipótese, seria aproveitado como "sósia" de Errol Flynn. E as fãs iam vibrar de entusiasmo. No Brasil, voltou ao seu lugar humilde de operário em uma fábrica de botões. E a vida continua calma, sossegada...

A ÚNICA JANELA DO CUBÍCULO DA OPERAÇÃO. — A esquerda, vista interior, observando-se o sarrafo que pregou a janela à parede. Por sobre a madeira uma cortina de setim preto, impedindo o menor reflexo luminoso dentro do pequeno aposento onde André di Bernardi foi operado. Tipo do "black-out". A direita, vista exterior da mesma janela, dando para o terreno dos fundos, que teria sido também fiscalizado durante a prova.





ASSIM FICOU DEITADO O PACIENTE. — André di Bernardi prontificou-se a reconstituir a cena da operação, e deitou-se no catre na mesma posição da noite memorável. Sobre o pescoço o anteparo de madeira forrado de setim preto. Durante a intervenção, porém, foi amarrado nos tornozelos e nos pulsos. O "abat-jour" que se vê à direita, ali foi colocado "por determinação do guia espiritual", segundo nos disseram.



O OPERADO E A CICATRIZ DA OPERAÇÃO. — Em cima, um "close-up" de André di Bernardi, onde se vê melhor como permaneceu durante a intervenção, sem nada poder ver à sua frente. Em baixo, a incisão de quase três centímetros, por onde teria sido extraído o apêndice. Chapa batida dezesseis dias depois, a 22 de Janeiro, ao meio-dia, por ocasião do curativo habitual, feito diante da nossa reportagem.

E tanto que, no dia seguinte, êsse "medium" acusava também no abdome, mas no lado oposto — o esquerdo — uma pequena mancha. Era o reflexo...

— E foi então operado?

— Exatamente.

— Como pode afirmar que alguém o operou?

— Posso porque o operador falou comigo. Confortou-me a princípio, e durante o desenrolar da intervenção foi me explicando tudo que ia fazendo, dando-me as denominações técnicas de tudo...

— E depois?

— Depois, quando terminou o trabalho, despediu-se. Preveniu-me que voltaria a visitar-me de seis em seis horas, como de facto fez.

— Como sabe que fez?

— Porque enquanto permaneci naquela cama, da noite de sábado até quarta-feira da semana seguinte, eu o senti sempre, de seis em seis horas.

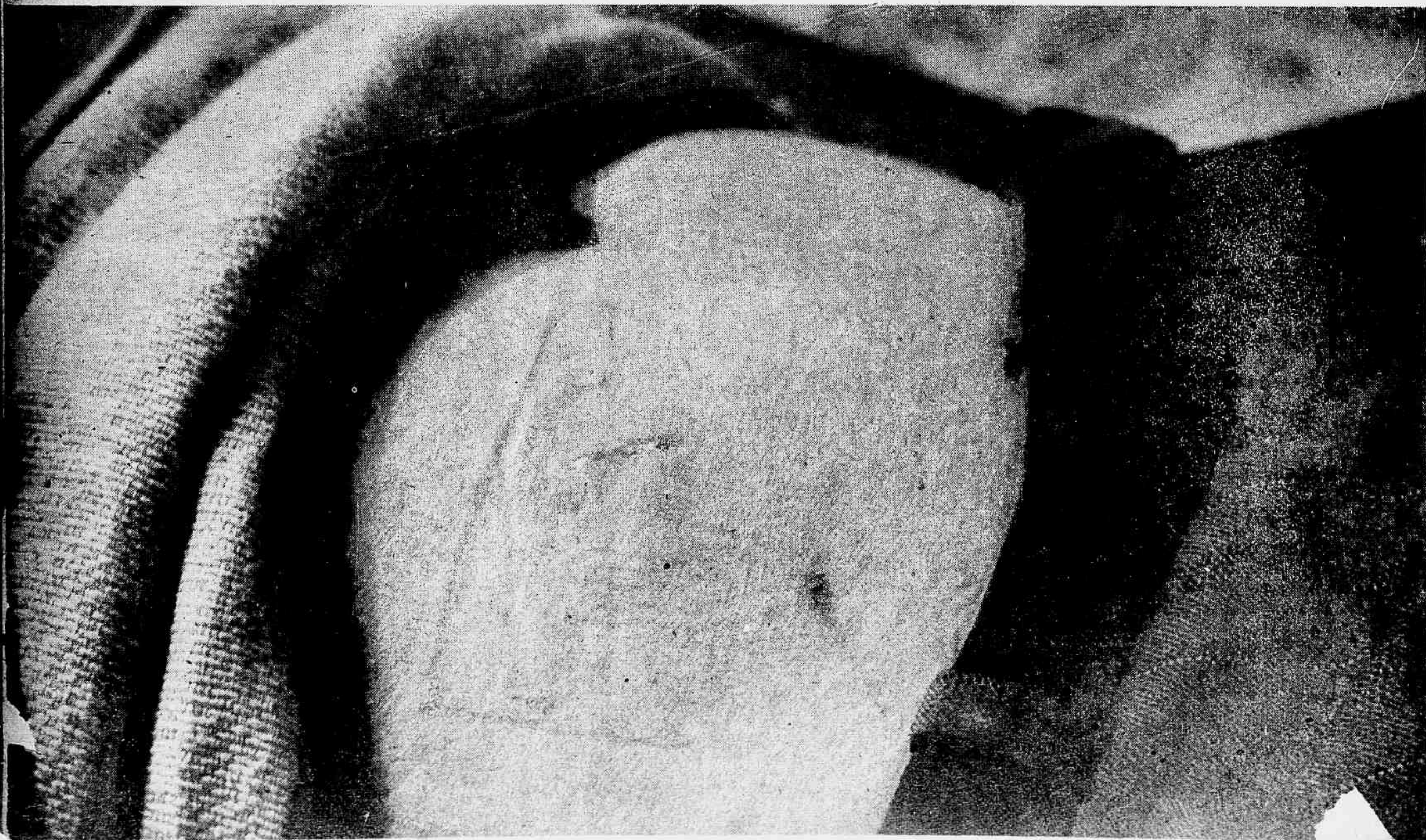
— Falava-lhe, dessas vezes?

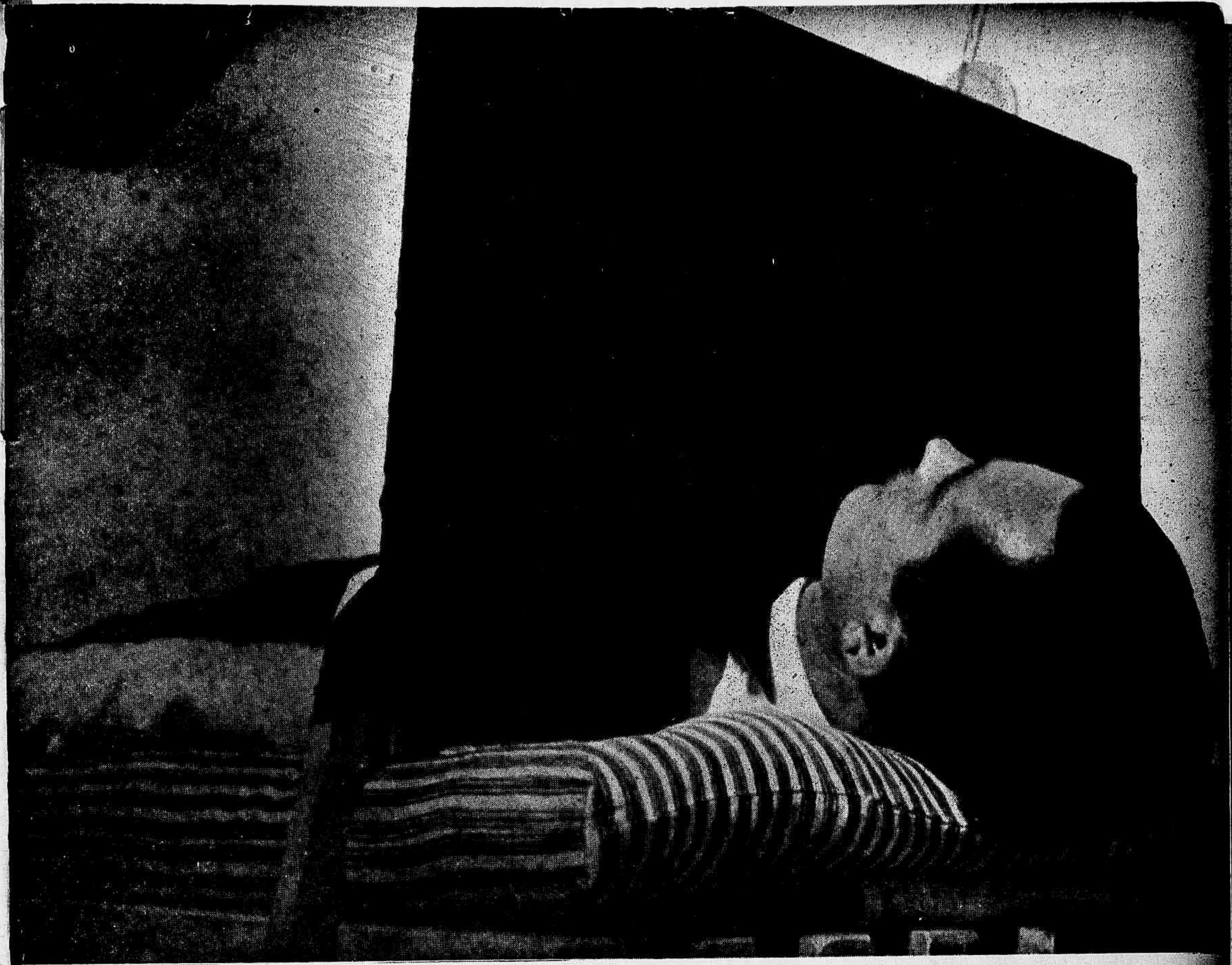
— Não, mas eu sentia um fenómeno esquisito. Estremecia, era como se uma sensação sobrenatural me envolvesse. E envolvia, realmente. A operação durou quase duas horas. Depois o "medium" foi prevenido de estarem terminados os trabalhos, iluminaram o aposento, entraram para ver-me e... pronto!

— E os apetrechos que o espírito havia ordenado que fôsem deixados na mesa junto à sua cama?

— Permaneciam intactos. Apenas senti que o médico, o dr. Luiz Gomes do Amaral, pois era êle, tenho a certeza, lavou as mãos na bacia ao meu lado, antes de se retirar. Não vi as mãos, mas vi efetivamente a água agitar-se e ouvi o ruído característico de quem está enxugando as mãos. Outra coisa: o avental que lá fôra deixado encontraram-no abotoado, tal como o colocaram ali, mas com visíveis sinais de humidade e suor, principalmente nas axilas.

Nosso interrogatório com André di Bernardi estendeu-se durante os dois dias que permanecemos em Pindamonhangaba. Por várias vezes lhe indagámos outros detalhes e procurámos, mesmo, fazer que André caísse em qualquer contradição. Tarefa inútil.





PODERIA O PACIENTE "VER" O ESPÍRITO? — "Foi assim — disse-nos Bernardi. — Deitei-me e dei aviso para a outra sala. Podiam começar. Tudo ficou escuro e nada ouvi. Apenas vi. Vi, sim, uma luz azulada, flutuando por vészes... Uma luz que não sei bem definir..." E adiantou que durante a operação o médico palestrara em voz baixa, mas explicando o andamento dos trabalhos. Em baixo: o apêndice, tal como foi encontrado no frasco de álcool, com a rôlha tapada por esparadrapos e autografada pelos que assistiram à prova.

— Mas com exceção da luz inexplicável que você viu ao se iniciarem os trabalhos, não houve mais luz alguma?

— Sim, houve. A lâmpada vermelha, deixada aos pés da cama, envolta em um pano também escuro, piscou por três vészes, embora a instalação se encontrasse totalmente desligada.

Foi um dos diretores do Centro Espírita Irmã Terezinha quem procurou dar-nos a definição dos três sinais. Em linguagem espírita, um sinal luminoso quer dizer Fé; dois, Esperança, e três, Caridade.

— Outro detalhe — acrescentou o operado. — Também por determinação do dr. Luiz Gomes do Amaral, meu operador, a lâmpada de luz clara existente no aposento onde permaneci quatro dias, foi coberta por um "abat-jour". Ele me explicou a origem dessa recomendação. É que durante todo o tempo da minha permanência nesse lugar o quarto ficaria tomado de fluidos protetores, que se aderiam ao teto, necessitando assim o teto de ficar no escuro. E como centenas de pessoas ali entravam e saíam, constantemente, tomou-se essa providência.

Os olhos claros e penetrantes de André di Bernardi fixam-se nos nossos, sempre que nos fala. Encara o interlocutor com firmeza e não tartamudeia. Dá a impressão exata de estar plenamente convencido da realidade do fenômeno. A êsse respeito não alimenta a menor dúvida. Mais tarde, quando nos avistávamos com o padre João José Azevedo, cuja participação no caso foi sempre de acentuada incredulidade, dizia-nos o sacerdote:

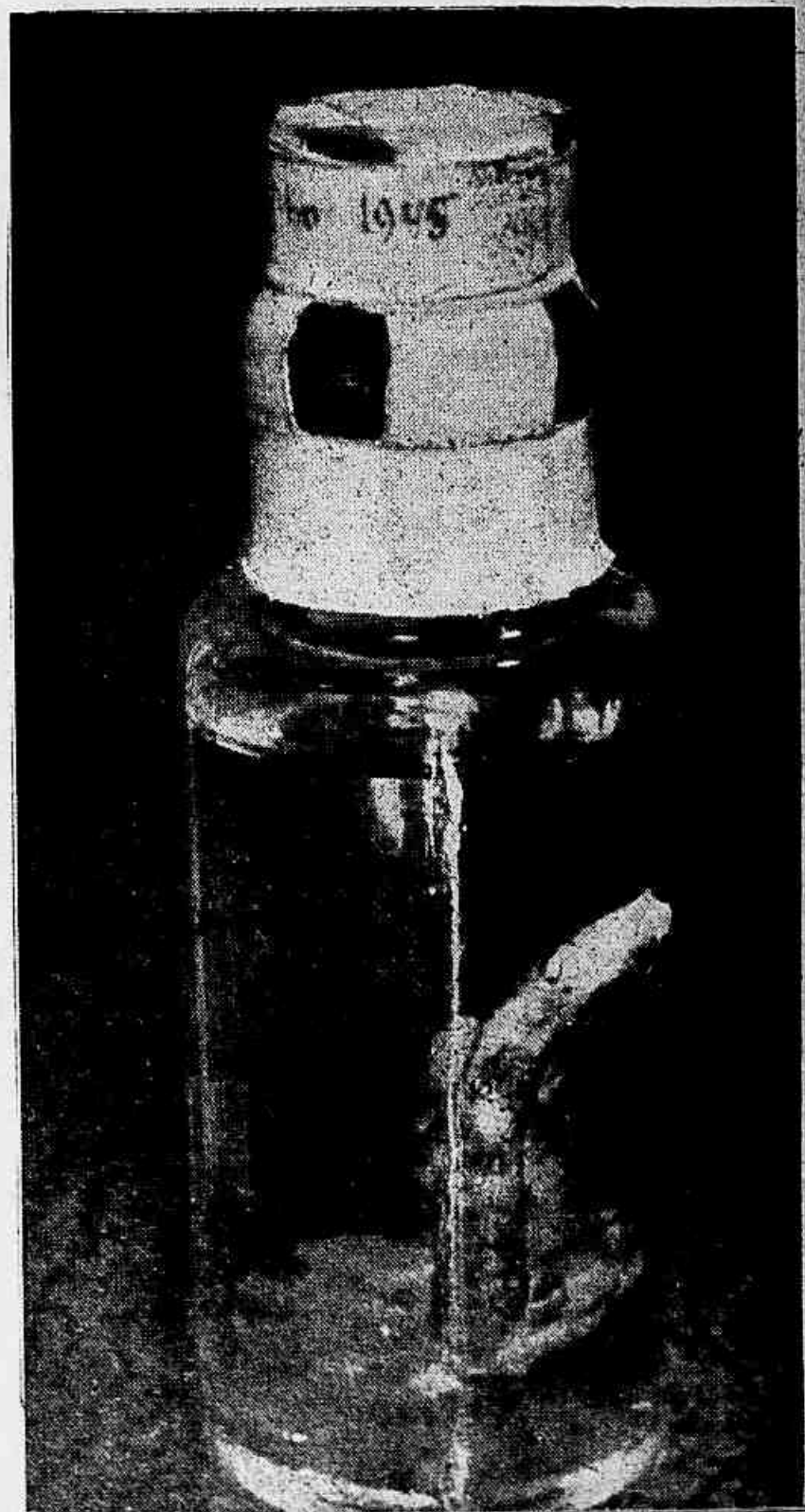
— Que há embuste, tenho a certeza. Mas acredito que o operado seja também um dos iludidos...

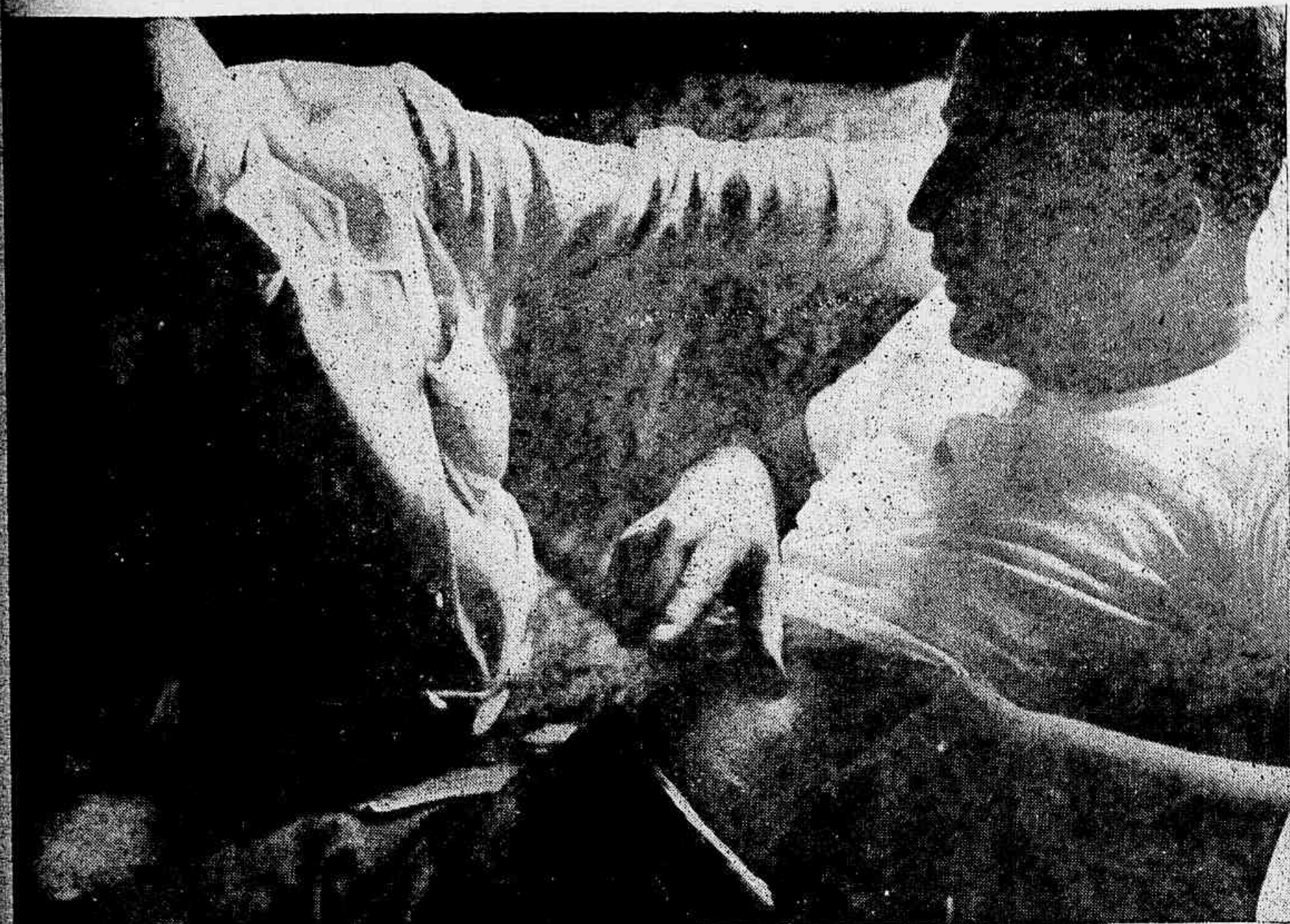
Falam o presidente e o vice-presidente do Centro

Os irmãos Amadei têm sobre os ombros a responsabilidade maior do Centro Espírita Irmã Terezinha, onde ocorreu o estranho caso. O Centro fica situado num arrabalde afastado da cidade dez minutos de automóvel, mas os srs. Mario e Arnaldo Amadei, respectivamente presidente e vice-presidente daquela agremiação espírita, residem no coração da cidade, cada qual em um bonito e elegante "chalet". Ambos os "chalets" ladeiam o estabelecimento comercial dos irmãos Amadei, a "Casa Marconi", "especialista em instalações elétricas, de rádio, luz, força e eletricidade em geral". A loja e as duas residências ocupam um quarteirão inteiro. Foi lá que procurámos os chefes espíritas mais acusados pelo sacerdote da terra. Ambos nos receberam com afabilidade, pondo-se inteiramente à nossa disposição para toda sorte de investigações. Em casa de um deles encontrava-se outro personagem famoso do caso, o "medium" Francisco Bello, que sofreu as dores da intervenção cirúrgica.

— Realmente eu senti dores horríveis — disse-nos então. — E confesso, em que pese a minha devoção pelo credo, não estou disposto a repetir a façanha.

A um apêlo nosso, prontificou-se a mostrar-nos o local onde teria aparecido a man-





A MANCHA NO ABDOME DO "MEDIUM". — Vinte e quatro horas após a intervenção, o "medium" Francisco Bello apareceu com uma pronunciada mancha no lado esquerdo do abdome. "Foi o reflexo", disseram-nos. Se bem que o apêndice de Bernardi foi extraído pelo lado direito... Em cima, Bello mostra-nos os últimos vestígios da mancha, naturalmente quase dissipada após dezesseis dias, mas ainda visível.

cha que André di Bernardi atribuiu a um "reflexo".

— Já está quase inteiramente desaparecida e desfeita — respondeu-nos — mas podem ver.

E levantando, ali mesmo, a parte diantei-

ra da camisa, na altura do abdome, no lado esquerdo, apontou-nos vestígios de uma ligeira irritação na pele. A puridade, não se pode garantir que tenha sido mancha, mas irritação ainda existe, duas semanas após a verificação do caso.

FOI PRECISO SERRAR O CADEADO DA ALGEMA. — Quando se procedeu à reconstituição da prova para a nossa reportagem, Francisco Bello, o "medium", teve os pulsos algemados. Mas, uma vez batido o cadeado, verificou-se que a chave para abri-lo desaparecera. Todos os esforços para encontrá-la resultaram inúteis. Foi mister requisitar uma pequena serra que o sr. Mario Amadei, presidente do Centro, manejou, devolvendo à liberdade, em dois minutos, os pulsos já torturados de Bello. Instantes após a chave caía no solo, tinindo. Mas ninguém pensou em fenómeno...

— Com o término da prova não sentiu mais nada?

— Apenas uma certa perturbação no aparelho digestivo — replicou — da qual ainda me ressinto. Mas coisa sem importância.

Os irmãos Amadei, mas principalmente o sr. Arnaldo, vice-presidente do Centro, prestam-nos outros esclarecimentos:

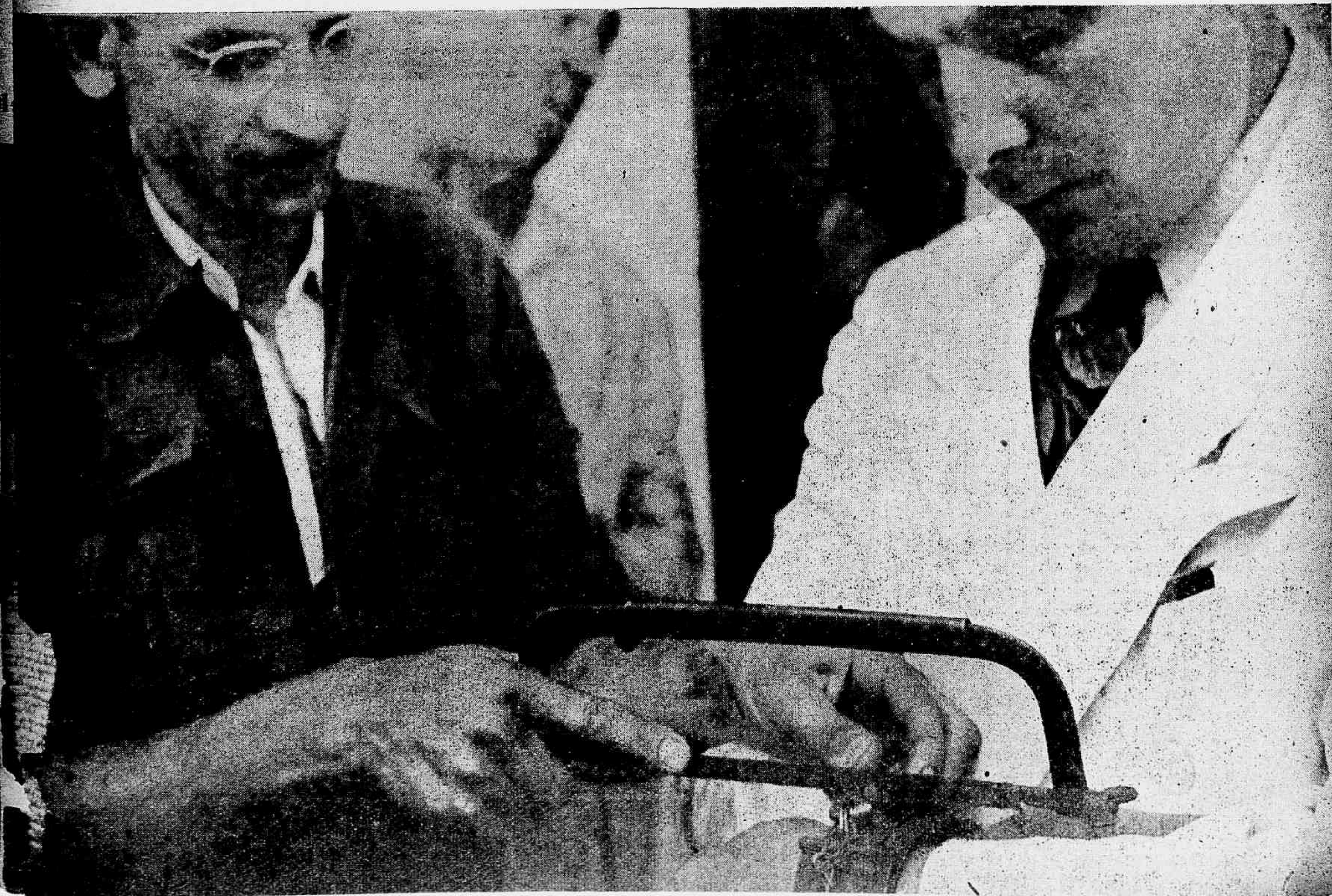
— O fato não tem a importância que lhe estão dando lá fora, pois na realidade muitos outros, de igual relêvo, têm se verificado no desenrolar frequente dos nossos trabalhos. Já é de domínio público o fenómeno de levitação do livro que apareceu em meio a uma sessão por nós realizada.

— Como ocorreu êsse episódio?

— Da maneira mais simples. O guia disse-nos estar disposto a dar aos presentes uma prova irrefutável da verdade do nosso credo. Propunha-se a trazer, de um lugar distante, um objeto, dentro de poucos minutos. E realmente jogava-nos sobre as cabeças, em cheio, na mesa junto à qual nos encontrávamos, um volume. Disse-nos a quem pertencia. Deu nome e endereço, em São Paulo, do seu legítimo dono. No dia seguinte, alguns nossos companheiros viajaram à capital do Estado e lá encontraram, no referido endereço, o dono do livro, que não soube explicar como poderia o mesmo ter sido retirado da estante, onde, ainda na véspera, o havia folheado. Iguais a êsses, outros fenómenos estão constantemente ocorrendo.

— E o episódio do livro no qual o espírito, durante a operação de André di Bernardi, teria deixado vestígios?

— Eu lhe conto. Foi o dr. Francisco Lessa, médico acatado aqui em Pinda, quem se lembrou de deixar no aposento da operação um volume. Aqui está.





OS CURATIVOS SÃO FEITOS, AGORA, PELA ESPÓSA. — Uma vez terminada a operação, o "guia" indicou o dr. Francisco Lessa para fazer os curativos do paciente. Ele os executou nos primeiros dias. Quando, porém, fomos a Pindamonhangaba, estando a incisão quase inteiramente fechada, era o serviço confiado a d. Virginia, esposa de André. Como se pode ver na gravura, quase não se admite que de um talho tão curto fosse extraído um apêndice de proporções enormes. A radiografia feita em Taubaté, no entanto, acusou o desaparecimento do mesmo.

E passou-nos às mãos um exemplar do "Diagnóstico Precoce do Abdome Agudo", de autoria de Zachary Cope, vendo-se, na página 81, uma grande mancha reproduzindo aparentemente o contorno de uma palma de mão que tivesse sido aderida ao papel depois de umedecida em um líquido pastoso. Mas a umidade foi grande, perpassando para outras páginas.

— O dr. Francisco Lessa — continuou o sr. Arnaldo Amadei — pensava obter do espírito do dr. Luiz Gomes do Amaral, que foi quem fez a intervenção, um autógrafo. E realmente ele o deixou por este processo.

Pouco depois, na garagem da residência do sr. Mario Amadei, examinávamos outros objetos cuja aparição se atribuía a novos fenômenos:

— Aqui também nos reunimos para uma série de trabalhos, independentemente dos que realizamos no Centro. Vê este tijolo? Foi jogado aqui em cima da mesa, em meio a uma sessão agitada, por um espírito rebelde. Ninguém o poderia ter trazido para este lugar. E, não fôsse a advertência do nosso guia, talvez um de nós o recebesse em cheio, na cabeça...

Mostrou-nos também uma pequena caixa de papelão, à guisa das que se adquirem por ocasião da compra de um tubo de pasta dentífrica. Na parte superior o papelão foi substituído por um pedaço de papel transparente. E, dentro, fôlhas secas de árvore.

— Também esta caixinha aqui apareceu, de súbito, trazida por um espírito.

— Mas os senhores realmente escutam o que esses espíritos dizem?

— Como não?! E se o senhor aqui estiver, acaso, durante uma dessas provas, ouvirá também. Todos nós ouvimos, quantos aqui estivermos...

— E o episódio do vagalume, na famosa noite de Reis?

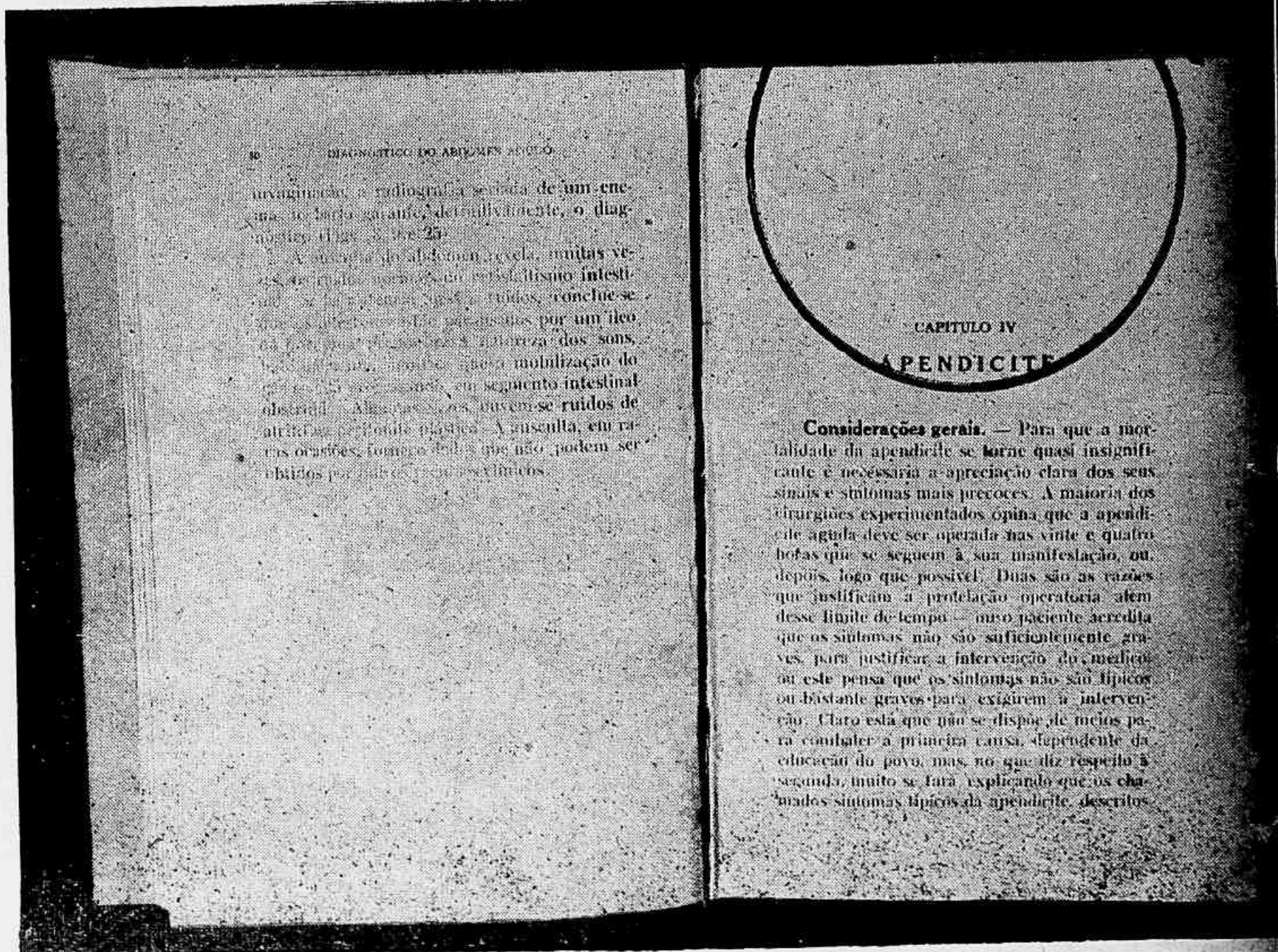
— Que lhe hei de dizer! Fizeram um "bicho de sete cabeças" com o que não tem importância alguma. Na sala onde nos reunimos para efetivar a sessão tudo ficou nas trevas. Os fusíveis foram desligados como medida de prevenção.

— Um momento. Medida de prevenção — por que?

— Porque a prova teria de realizar-se no escuro, por determinação do guia. Foi quando apareceu um vagalume.

— Já a sessão estava iniciada?

A "IMPRESSÃO MANUAL" FIXADA NA PÁGINA 81 DO "DIAGNÓSTICO". — Não é verdade que o "espírito" solicitasse livro algum de medicina. Foi o dr. Francisco Lessa — ele próprio nos declarou — quem ali deixou, junto ao paciente, um exemplar do "Diagnóstico Precoce do Abdome Agudo", de Zachary Cope, na esperança do seu colega do paciente, além de deixar-lhe um autógrafo. E quase assim sucedeu, segundo afirma o dono do livro. Na página 81 ainda se distingue a mancha perpassada para outras páginas adiante. Seria mesmo o "espírito"?





O "MEDIUM" BELLO E' APICULTOR. — Francisco Bello é um experimentado apicultor. Ele nos ofereceu esta fotografia, com o rosto quase totalmente coberto por uma terrível máscara de abelhas, fazendo o V da Vitória.

— Não. Começava nesse instante. O guia gritou: — "Matem êsse vagalume!" Nós obedecemos, mais nada...

— Acha que a simples luz do vagalume poderia interromper ou prejudicar o andamento dos trabalhos e, principalmente, da operação?

O vice-presidente do Centro dá de ombros:

— Quem sabe? O guia mandou — nós obedecemos.

Reconstituindo a prova no Centro Irmã Terezinha

Manifestámos vontade de visitar o local da intervenção mais famosa destes últimos tempos. Nosso desejo foi imediatamente atendido, e logo se formou uma caravana, ocupando três automóveis, que rumaram para o bairro de Santana, onde está localizado o Centro Espírita Irmã Terezinha. É uma casa de aparência modesta, situada a dez minutos da cidade, como dissemos, numa reta da estrada. Já lá conosco André di Bernardi, os irmãos Amadei, o "medium" Francisco Bello e vários adeptos do credo, todos tendo participado da reunião de 6 de Janeiro. Não foi possível encontrarmos o dr. Francisco Lessa, a quem havíamos sido apresentados horas antes, na praça. Mas o dr. Lessa, embora confessando-se plenamente convencido da verdade do fato, pediu-nos insistentemente que o poupássemos de qualquer instantâneo fotográfico. Já o nosso companheiro se preparava para bater a chapa quando o apêlo, franco e decidido, lhe foi feito:

— Sustento as minhas atitudes, não recuo na minha palavra, mas detesto excessos de publicidade. E quanto ao fato em si mesmo, só lhe repetirei o que estou cansado de dizer: não fui eu quem inventou o espiritismo... De resto, estou tranquilo com a minha participação no caso, e tudo quanto se possa arguir contra essa participação em nada me afetará, nem material nem moralmente.

Eis por que também o dr. Francisco Lessa deixou de comparecer à visita por nós feita ao Centro. E estávamos agora, finalmente, sob o teto onde se teria desenrolado o discutido acontecimento. Ali se reuniam, conosco, negociantes, industriais, homens do povo e até mesmo um oficial do exército, o tenente Julio, por sinal que absolutamente convicto da realidade do fenômeno.

A sede do Centro é constituída de duas únicas peças. A primeira, maior, na qual se realizam as sessões. Ao centro da sala uma pequena mesa e, sobre a mesma, uma vitrola portátil. Na vitrola um disco de Dajos Bela: "O Du Fröhliche" e "Stille Nacht, Helise Nacht".

— Foi êste o disco tocado durante a operação?

— Este e outros — respondem-nos. — Foram tocados vários. Todos de músicas sérias, entre êles a "Ave Maria", de Schubert.

— Mas com que fim os senhores escutam música nestes momentos?

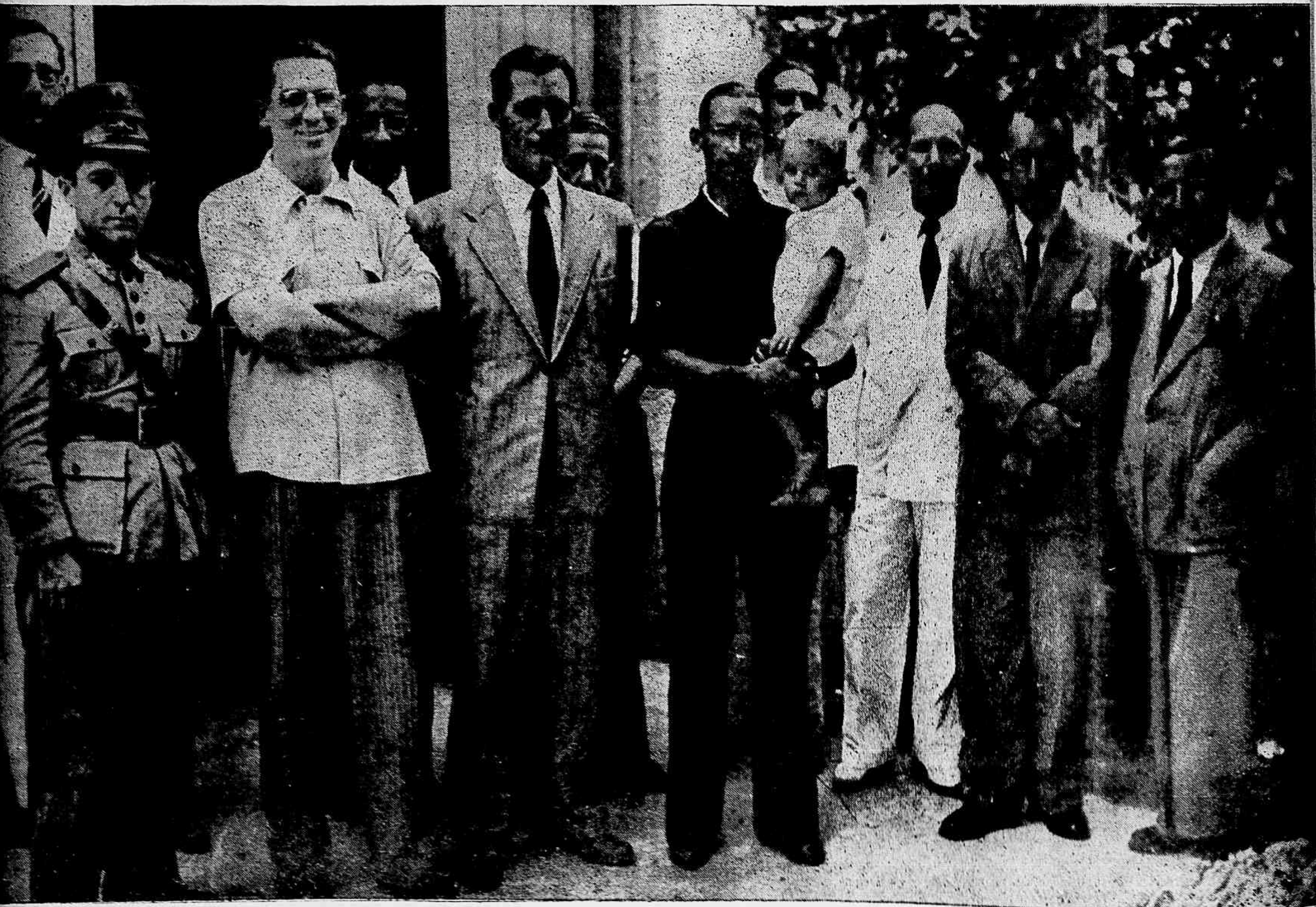
— A música auxilia poderosamente o poder de concentração — responde o sr. Arnaldo Amadei. — Tal como se faz nas igrejas com os solos de órgão... A música transporta-nos a regiões mais puras e altas, faz que os espíritos se associem num mixto de inspiração e enlêvo, afugenta os maus pensamentos e, portanto, facilita o curso dos trabalhos...

Examinámos detidamente o interior da vitrola. É de funcionamento manual. Na parte inferior da mesa, sobre a qual ela se encontra, surpreendemo-nos com uma pequena caixa. Nós a retiramos. É outra vitrola, também portátil, de dimensões ainda menores.

— São duas vitrolas, portanto? —

— Exatamente...

CELEBRANDO O BOM ÊXITO DA GRANDE PROVA. — Na garagem da residência do sr. Mario Amadei, presidente do Centro, distante do local da operação alguns quilômetros, também se realizam sessões e trabalhos de levitação, transportes físicos, etc. Na tarde do domingo 21 de Janeiro, ali se reuniram alguns amigos e adeptos da causa para festejar o êxito daquela memorável prova. Da esquerda para a direita: tenente Julio, Arnaldo Amadei, o paciente André di Bernardi, Mario Amadei com um filhinho no colo, e outros.



— E para que serve esta, menor?
 — Tem a mesma finalidade da outra. Aqui onde a vê, chega a ser manejada pelos espíritos...

— Pelos espíritos?!
 — Se duvida, venha assistir algum dia. Eles chegam, dizem-nos que vão ouvir um pouco de música, abrem a caixinha das agulhas, tiram uma, aplicam-na no diafragma, põem um disco, encostam a agulha no disco e fazem-no girar...

— Os senhores vêem tudo isso?
 — As vezes chegamos a ver o espírito. Outras, vemos apenas a agulha movimentar-se, o diafragma levantar-se, o disco ajeitando-se no prato, tudo funcionar depois, e ouvimos a música, naturalmente!

— Estranho! Muito estranho!
 — Mas tem mais... Quando o espírito é gaiato e quer divertir-se, chega a pegar na vitrola, pelo espaço, brincando com ela e, não raro, pousando-a sobre a cabeça de algum de nós...

— Quando os espíritos querem divertir-se...

E por maior crédito que de nossa parte se queira dar a essas palavras, emitidas por gente de responsabilidade e não por indivíduos inconscientes, o reporter não pode afastar um pensamento: serão os espíritos que agora se estão divertindo à nossa custa?

Continuamos a nossa pesquisa. Agora deparamos com um cone de papelão, à guiza de alto-falante.

— Para que serve isto?

— Não está vendo? Aqui, o papelão está impregnado de uma substância fosforescente. Durante as sessões por nós realizadas os espíritos utilizam este cone para mostrar-nos que estão presentes, e com êle batem em nossos próprios corpos...

— Fantástico!

— E não é tudo! Já temos recebido flores materializadas por êles, flores que nos são entregues por mãos invisíveis mas que nós sentimos, palpando as nossas mãos... Não raro a materialização cinge-se apenas aos dedos, à mão ou vai até o pulso. Se quisermos apertar alguma coisa mais adiante, encontramos apenas o vácuo...

Agora é uma possante algema de ferro, presa a uma corrente aproximadamente de um metro, tendo na extremidade um forte cadeado, que nos cai nas mãos. Também estava no interior da mezinha da vitrola.

— Os espíritos precisam ser algemados?

— Não os espíritos, mas o "medium" — explicam-nos ainda.

— Com que intenção?

— A de evitar seja dito que seja o "medium" quem faça o que acabamos de lhe contar, pois estamos no escuro, durante a sessão... Quer ver?

O "medium" Francisco Bello é chamado e acede em reconstituir como costuma trabalhar. Aplicam-lhe a algema, passam a corrente em volta aos dois pulsos e comprimem o cadeado. O fotógrafo bate a chapa. Mas só então os presentes dão por falta da chave do cadeado. E agora? Tôda a sala é rebuscada, sacodem-se as cadeiras, vira-se e revira-se a vitrola mas a chave não aparece.

Os pulsos do "medium" devem estar doendo... Não há outro remédio, só mesmo serrando o cadeado. Uma serra é trazida e, dois minutos depois, o sr. Francisco Bello tem os pulsos devolvidos à liberdade.

— Está vendo só? Se houvesse "truc" para abrir o cadeado, não seria preciso recorrer à serra...

Mal essas palavras são pronunciadas, entre o bom humor geral, escuta-se o tinir da chave, batendo no chão de pedra.

— De onde terá caído? De onde?

E o reporter, aproveitando a maré de bom humor:



"NÃO TENHO A MENOR DÚVIDA, ESTE É O MEU APÊNDICE". — Empunhando o frasco onde o "espírito" mergulhou o apêndice que dele teria sido extraído, André di Bernardi fala-nos assim: "Fiquei bom de um dia para outro, a radiografia acusou o desaparecimento do apêndice e não tenho a menor dúvida. Ele é este que o senhor vê, e foi retirado pelo pai do dr. Edson do Amaral, falecido há muito mais de vinte anos. Agora posso trabalhar e cuidar do futuro de meus filhos, sem maiores preocupações".

— Não vá alguém lembrar-se de dizer que foi fenômeno sobrenatural...

Todos riram. E ninguém, realmente, falou em fenômeno.

A saleta contígua, onde foi recolhido o paciente, é apenas um cubículo. Paredes de barro, o teto em declive, acompanhando a descida do telhado naquela parte trazeira da casa, e o chão de tijolos. Há uma única janela, dando para o terreno da casa, que ficou trancada à chave e a sarrafos, na noite da prova. Depois, coberta por um pano preto que ainda ali encontramos. Um detalhe importante: da sala onde ficaram os que acompanharam os trabalhos, para o gabinete do

operado, não existe porta, mas apenas uma cortina preta. E lá dentro, sobre um catre de proporções normais, um colchão inteiramente novo. Nele se estendeu André di Bernardi, reconstituindo a posição em que ficou durante a operação, com o anteparo na altura do pescoço. O chão desse cubículo é de tijolos. O lugar onde devia existir a porta de comunicação, mede 60 centímetros de largura. Lá estão duas pequenas instalações elétricas: aos pés do catre, o lugar da lâmpada vermelha na parte lateral, a lâmpada clara com "abat-jour" de lata, recomendado pelo espírito.

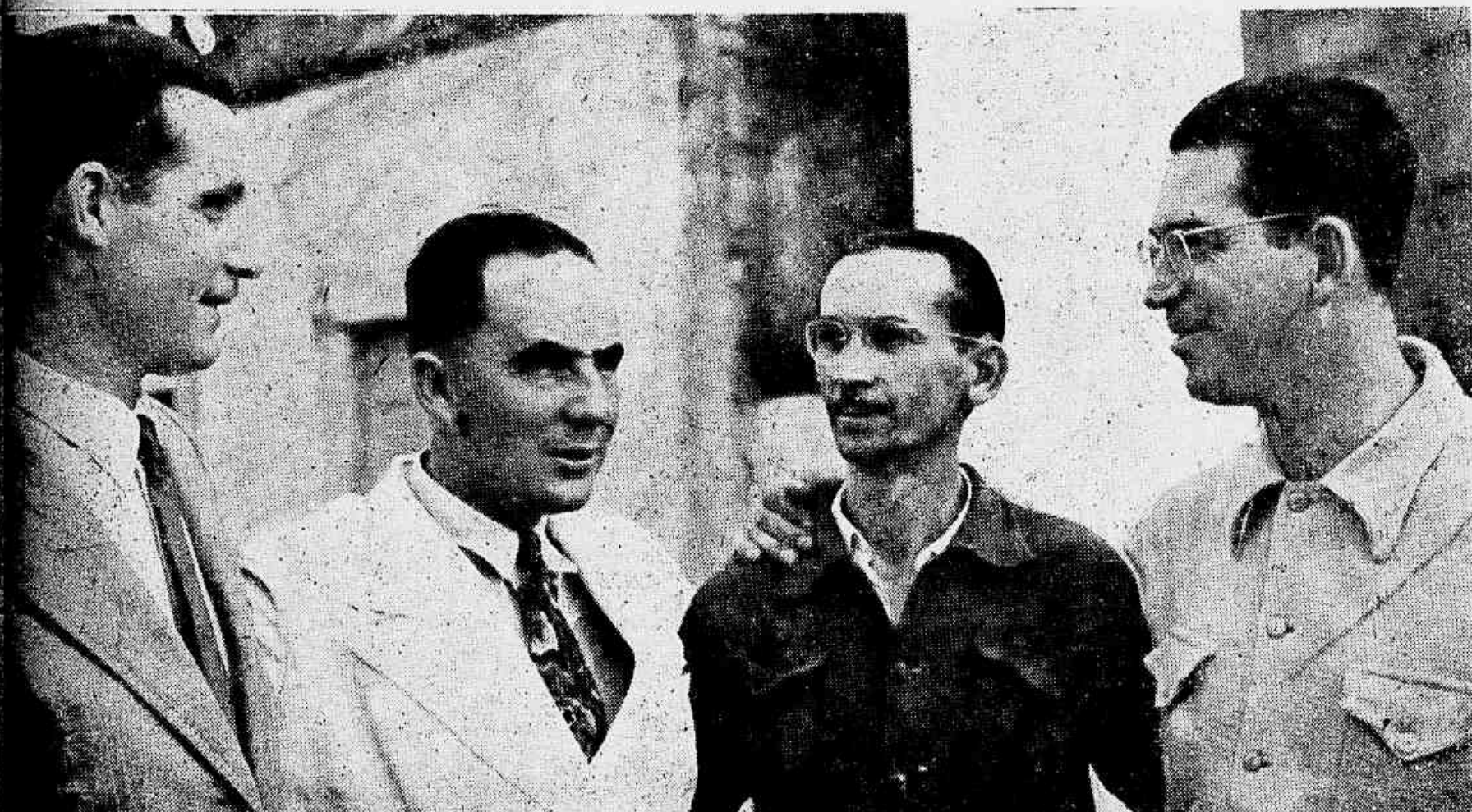
— Quem ficava fazendo companhia a você depois da operação?

André responde prontamente:

— O pessoal aqui mesmo, do Centro.



A CONVERSA DE TODAS AS RODAS. — Nos bars, confeitarias, nas esquinas, em tôdas as rodas de Pindamonhangaba o assunto é discutido à vontade. E as opiniões divergem, é claro. Aqui está um flagrante-batido na padaria do sr. Tininho, componente do Centro, o qual, debruçado no balcão, interrompe suas atividades para desenhar o "croquis" reproduzido em outra página. A esquerda, de mangas arregaçadas, o "ex-paciente" acompanha a discussão.



OS QUATRO GRANDES HERÓIS. — Estes são alguns dos mais discutidos homens do momento, dentro do palpitante assunto. A começar da esquerda: André di Bernardi, o operado; Francisco Bello, o "medium"; e, abraçados, os irmãos Amadei, Mario e Arnaldo, presidente e vice-presidente do Centro Espírita Irmã Terezinha. Eles continuam indiferentes às acusações muito sérias que lhes são feitas. Não foi possível convencer o dr. Francisco Lessa a participar do grupo, pedindo-nos para não ser fotografado, pois detesta a publicidade.

— E durante a noite?
— Também. Cada noite se revejava.
— Sua senhora também?
— Não, ela ficou sempre em casa. Mas gente aqui não faltou, gente até de mais. Eu era tratado como um bicho esquisito... E em Taubaté, então? Quando ali fui, para bater as chapas radiográficas depois da prova, torturaram-me a valer.

Na manhã seguinte, à hora do curativo, quando pudemos examinar a incisão de André di Bernardi, observámos a existência de duas pequenas equimoses, na parte inferior do abdome.

— Isto é dos maus tratos que recebi dos médicos. Espremiam a ferida como se desejassem espiar tudo lá dentro... Nem imagina!

Realmente, a incisão estava com a cicatrização muito adiantada.

— Mas você tem certeza de não ter sido anestesiado? Não dormiu?

— Absolutamente não... Estive sempre no meu perfeito estado de espírito e acompanhei todo o desenrolar dos trabalhos.

— Ouvia o que se passava lá fora, na sala?

— Isso, não.

De volta à sala das sessões observámos, no teto, uma pequena abertura, igual à que dá ingresso ao porão de uma casa comum:

— Costuma ser aberta essa portinhola?

— Só quando faz muito calor, pois tanto a porta como as janelas têm de ficar hermeticamente fechadas durante os trabalhos.

— No escuro?

— Sim, no escuro.

E ali temos, também, à nossa disposição, o vidro de álcool no qual foi depositado o apêndice extraído. Apêndice de proporções enormes, não se compreendendo facilmente como teria saído de uma incisão que não se estende, a rigor, além de dois centímetros e meio. O frasco está fechado com rólha e esparadrapos.

— Como vê — diz-nos um dos presentes — ainda se notam ligeiros vestígios de san-

DE NOVO TRABALHANDO. — O discutido operado de Pindamonhangaba reassumiu suas funções de técnico, chefe de serviço, na fábrica de botões instalada naquela cidade. Aqui o vemos, controlando o trabalho das operárias, explicando-nos como são feitos os botões da sua fábrica.





A FAMÍLIA BERNARDI. — Não foi tarefa muito fácil convencer a senhora Virgínia di Bernardi, esposa do operado, a posar para o nosso fotógrafo. Mas, quando a advertimos da semelhança de André com um famoso "astro" cinematográfico e dos perigos de uma popularidade maior — "as fãs podem aparecer, dona Virgínia!" — prontificou-se e posou no jardim público de Pinda, junto à cascata, em companhia de Andrezinho e Vitória, filhinhos do casal.

gue na parte interna da rôlha. Devem ter sido da operação.

— Mas saiu sangue? Encontraram sangue?

— Não. Só o que ficou na cicatriz, cujos curativos foram feitos pelo dr. Francisco Lessa, por indicação do dr. Luiz Gomes do Amaral.

— E o dr. Edison do Amaral?

— O filho do dr. Luiz? Voltou para São Paulo, naturalmente, agora, convencido da verdade do nosso credo...

— Tem se pesado depois da prova, sr. André?

— Frequentemente. E posso dizer-lhe mais, já emagreci aproximadamente nove quilos. Assim mesmo ainda peso oitenta. Estou satisfeito, mais leve, sem as perturbações de outrora...

E triunfante:

— Se duvidarem muito ainda voltarei a praticar os meus esportes prediletos...

— Quais?

— O box, a esgrima e a luta romana...

Mas d. Virgínia, esposa de André, acha que seria muita violência. Ela está feliz porque o marido sarou, mas preocupa-se:

— O senhor sabe, ele está sendo falado de mais e não é bom... Eu não queria que ele andasse tanto nos jornais, pode envaidecer-se...

Quando lhe dizemos que o marido se parece com Errol Flynn, sorri:

— Bem, mas a "estrêla" sou eu, não é? E ele tem os dois filhos, o Andrezinho e a Vitória...

Vitória é o nome da linda filhinha de André e o de sua mãe. D. Vitória di Bernardi soube da notícia, em São Paulo, pelos jornais. Assustou-se e correu para Pindamonhangaba no primeiro trem. Aqui saltando, perguntou a um rapazinho, na estação:

— O senhor acha que esse negócio é verdade mesmo?

E o rapazinho:

— Qual o que! Isso é "tapeação" e "da boa"... O operado deve ser um espertalhão de marca...

Mas d. Vitória não acha. Ela passou a acreditar. "É" vero"...

Fala o padre João José Azevedo

Não foi muito amável, no seu primeiro contacto com o reporter, o sacerdote da matriz de Pinda. Quando o procurámos, na sede da paróquia, terminada a missa, recebeu-nos de olhar frio e penetrante:

— Nada tenho a dizer-lhe. Isso é caso de polícia; procure as autoridades.

Mas depois retificou a sua atitude, embora esclarecendo:

— Aqui só têm aparecido reporters espíritas. Por isso...

E acabou fornecendo-nos cópia do "croquis", que publicamos em outro local, baseada nos apontamentos feitos "pelo representante da polícia técnica", o qual teria assistido, incógnito, à famosa sessão de 6 de Janeiro. Esse polícia, conquistando a confiança e simpatia dos maioraes do Centro, ali fôra admitido, acompanhando todos os trabalhos e coligindo elementos para desmascarar o embuste.

A acusação do sacerdote cita nominalmente a pessoa do dr. Edison do Amaral, que teria vindo de São Paulo, de propósito, para a "sortida" espírita. Trouxe consigo dois "mediuns" da própria confiança, em contradição com as afirmativas dos elementos do Centro.

E continua monsenhor Azevedo:

— Note-se o ambiente: tôdas as portas fechadas hermeticamente, à exceção da que dá para o quarto da operação... A vitrola funcionando para encobrir o movimento do quarto... O dr. Edison, calçado de galochas... Os dois "mediuns" de confiança, sentados justamente à direita e à esquerda do dr. Edison. A lâmpada vermelha, única acesa durante a

sessão, com tomada para oftalmoscópio, lâmpada de têsia, usada pelos médicos que operam em ambientes escuros...

Uma observação do reporter: no "croquis" fornecido pelo Centro, o dr. Edison está ladoado por "Osvaldo" e "Guido Scarriotta", como se vê no "cliché" respectivo, que o leitor pode confrontar com o fornecido por monsenhor Azevedo.

Mas continua monsenhor com a palavra:

— Agora a ação. As vinte horas em ponto, sessão aberta, orações rituais, mãos dadas pelos "mediuns" para a corrente espírita, etc. O dr. Edison sentou-se bem em frente à cortina que fechava a porta do quarto da operação, única porta sem fôlha no ambiente. Escuridão tétrica, profunda... Soou a vitrola, sem parar, até o fim da sessão... O dr. Edison

(Conclui na pág. 51)

A ÚLTIMA PÔSE. — Antes de encerrarmos os nossos trabalhos em Pinda, depois de quarenta e oito horas de exaustivas investigações, foi o próprio operado quem reclamou esta pôse. Seria a última e serviria de recordação "dos seus dias de muita chapeação". "Que vem a ser isso, "seu" André?" E ele: "Não tenho feito outra coisa senão ser "chapeado"... São chapas e mais chapas"...





OSWALDO ARANHA FILHO NO "FRONT". — O soldado expedicionário brasileiro Oswaldo Aranha Filho, filho do ex-ministro das Relações Exteriores, encontra uma conhecida, miss Diana del Rio, em terras italianas. A jovem faz parte da organização dos serviços unidos U. S. O., onde canta. Conheceram-se anteriormente em Nova York. Aqui se vê o militar patricio agasalhado convenientemente para fazer face ao rigor do inverno europeu.

A GUERRA EM MARCHA

DESASTRE ABSOLUTO DA WEHRMACHT. — Quando fechamos os serviços desta edição os despachos telegráficos que nos chegam sobre a ofensiva russa são dos mais animadores. A arrancada soviética ao longo de toda a frente oriental desenvolve-se com incrível fúria — afirmam os comunicados oficiais — e sem paralelo em toda a campanha. Não resta dúvida de que os exércitos nazistas no leste estão sendo feitos em pedaços. Suas veteranas divisões fogem por toda parte, desordenadamente. Diversos grupos de combate estão cortados do grosso das tropas e vêm sendo encurralados em "bolsões", que ficam na retaguarda para serem dizimados quando chegar a ocasião, pois, na palavra de Moscou, "é inevitável o desastre absoluto da Wehrmacht".

Apenas 170 quilômetros, uma distância mais ou menos igual à do Rio a Volta Redonda, separam Berlim das vanguardas de Stalin. E sabe-se, agora, que as populações da Silésia, Alemanha Setentrional e Polônia Ocidental já iniciaram em massa a evacuação para regiões distantes. Trinta quilômetros, em média, estão sendo conquistados diariamente pelos russos, na sua arremetida fulminante para a capital do Reich, ameaçando o último reduto de Hitler.

Positivamente, estamos diante do maior feito militar da História.

ENCONTRAM-SE VELHOS AMIGOS. — Quando o capitão Fortunato Câmara de Oliveira (à esquerda) encontrou pela primeira vez o sargento John D. Leighton, de Lynn, Mass., pertencente à aviação comercial e o sargento fazia parte de um posto de observações meteorológicas no Brasil. Agora encontram-se novamente, um ano mais tarde, na base em que estão destacados, na Itália. E matam saudades dos "bons tempos" de paz, aqui no Rio...

ACOMPANHARAM FERIDOS. — Esses membros do Serviço de Saúde do Exército Brasileiro acompanharam feridos de regresso à nossa pátria. Os soldados sofreram ataques inimigos na Itália e foram transferidos para os Estados Unidos. Da esquerda para a direita: sargento Antonio Bittar, primeiro tenente Walter Santos e sargento Orlando Lima. Agora eles voltam a seus postos e continuam a serviço da grande causa em proveito da Humanidade.



A FORÇA AEREA BRASILEIRA NA ITÁLIA. — Pilotos do 1.º Grupo de Caça da F. A. B., na Itália, estão recebendo, na presença do ministro da Aeronáutica, sr. Salgado Filho, instruções para fazer um vôo de reconhecimento sobre posições alemãs. Pode ver-se, na gravura inferior, o ministro acompanhando os preparativos do vôo. Esta foto foi batida quando, recentemente, o sr. Salgado Filho realizou sua excursão aos campos europeus da grande luta.



DUAS PAULADINHAS

A última notícia que tive do "Professor" Zé Bacurau — aliás já conhecida de todo mundo — certifica-me que o impenitente clown caipira, doublé de "galã-bandeja" em espetáculos teatrais de subúrbios da Leopoldina, além de paulificante, de prejudicial ao bom nome da arte no Brasil, é um refinado mentiroso. Ainda tenho aqui, na retina da memória, as palavras que ele publicou em entrevista num vespertino carioca: — "Não quero mais, nunca mais, saber de microfones! Afinal de contas, sou homem de teatro e não de estúdio! Fizem ingratidão comigo! Meio indesejável!". E outras frases, assim, deste jaez.

Na verdade, Lourival Reis, o superífero "mestre-escola" do Arraial de Pau Fincado, após cansar o público com suas chanchadas, tornou-se xareposo mesmo para os diretores artísticos que durante tantos anos o impingiram à massa radiofônica. Por isso, entrou como leão e saiu no passo trôpego e acanhado dos sendeiros, dizendo o diabo de uma organização que, de fato, sustentou as suas veleidades artísticas.

Zé Bacurau está atuando no "broadcasting" de S. Paulo. Não é de escachar? E logo em uma estação que se chama Cultura. Positivamente o rádio não tem sorte, e o terrível tartamudeador de cassangice não possui senso de ridículo.

Aliás, foi tolice minha acreditar que ele cumpriria a palavra: quem profere tais sandices ao microfone é capaz de tudo!

Ainda dizem que a crônica especializada não presta serviços ao rádio! Convenhamos que essa afirmativa é feita muito mais por força de mau hábito do que por imperativo de convicção de quantos a formulam. Entretanto é injusta. Senão veja-se o que sucedeu, há dias, com o famoso "Trio de Ose", isto é a tripeca Lamartine Babo, Yara Sales e Heber de Bóscoli, cuja persistência nos palcos e microfones da cidade constitui, sem a menor dúvida, uma das maiores vergonhas da radiofonia nacional. Os três esportíssimos compadres, loucos por dinheiro que são, em vias de terminar contrato com a Mayrink Veiga, foram sondar a Rádio Globo, na esperança de um bom negócio. Andavam encantados os três magriscos pela ofensiva de arregimentação da nova emissora. Esta, naturalmente, pôs-se a estudar o caso, que no entanto se tornou conhecido dos cronistas. Houve comentários; noticiou-se o fato largamente, e a Mayrink, desejosa de não perder o concurso dos três funâmbulos, logo apressou a renovação do seu compromisso.

Diga-me o leitor, sinceramente: mesmo sem querer, não prestaram os críticos um grande benefício às duas estações? À P. R. E-3 livrando-a de comprar um autêntico "abacaxi"; à P. R. A-9 fazendo-a conhecer que espécie de ingratos são os "ferroviários" do "Trem da Alegria"...

Djalma Maciel

SAGRAMOR SCUVERO, cujo contrato com a Mayrink vem de expirar, transferindo-se agora, com o seu popular programa feminino, para a Rádio Globo.

MAFRA FILHO, um dos bons elementos do nosso rádio-teatro, que também costuma aparecer em filmes nacionais.

Alô... Alô...

Confirma-se a passagem de Osvaldo Diniz Magalhães para a Rádio Globo, onde estreará com o seu popularíssimo programa de ginástica. Foi esta, indiscutivelmente, a mais sensacional conquista da P. R. E-3, pois a realização de Osvaldo Diniz Magalhães, festejadíssima em todo o Brasil, estava na emissora da Praça Mauá desde sua fundação, tornando-se, mesmo, um dos símbolos de sua operosidade.

A Cruzeiro do Sul continua apresentando, em excelentes audições de música erudita, a pianista Maria do Carmo de Arruda Botelho.

Uma interessantíssima audição deu aos seus ouvintes a Tupi, com a "Festa do Frêvo". Música buliçosa, de alegria contagiante; ótima apresentação; interpretação segura do programa organizado. Assim vale a pena ouvir programas populares...

Cine-Rádio Novela, da Rádio Globo, vai apresentar, em Fevereiro, "De mulher para mulher", teatralização de Celestino Silveira, do filme que teve como protagonistas Joan Crawford e Greer Garson.

O "estrilo" da Mayrink por ter a Globo retransmitido o primeiro jogo do Brasil no Campeonato Sul-Americano foi a sensação radiofônica da semana passada. E os ouvintes divertiram-se... Só não se repetiu o escândalo da outra vez porque a Globo não ligou muito. E o "goal" irradiado antes do locutor que estava em Santiago do Chile continua comentado. Que cochilo, "seu" Cozzi!

Mario Lago veio de São Paulo. Oduvaldo Viana foi contratado para fazer novelas na Nacional. E a Pan-Americana da capital bandeirante?

DE RADIO



Ela recebeu uma carta incompreensível...

A CARTA REGISTRADA

Novela de Mathew Webb

Estava sobre a mesa, na hora do café, com o resto da correspondência. Ela rasgou o envelope, desdobrou o papel e leu:

"Prezada cliente:

Consegui, finalmente, provas. Espero-a, hoje à tarde, na rua Albany n.º 13. É uma casa vazia. Passe pelo escritório do correio e peça a chave. Diga que está interessada. Endereço do correio: rua Saidler 44, 1.º andar. Respeitosamente, Agente X."

A caminho da casa perguntava a si mesma por que ia até lá. Nada sabia a respeito de agente algum e não entendera palavra do que vinha na carta. Talvez fosse por isso mesmo. Despertara a sua curiosidade, tanto mais que o endereço estava certo. Seu nome no sobrescrito: Virginia York. Como houvera aquele engano, então?

— Virginia York?

Era um rapaz alto. Estavam sós na casa vazia. Não havia, porém, razões para receio. A rua era movimentada e a porta estava aberta.

— Eu mesma...

— Recebeu a carta?

— Sim.

— Não está ansiosa por saber que provas eu tenho?

— Francamente, cavalheiro, eu vim aqui por curiosidade somente. Recebi uma carta e não entendi nada do que ela dizia. Quero dizer, a linguagem era suficientemente clara, mas eu confesso que não sei do que se trata.

O rapaz franziu as sobrancelhas:

— E o contrato?

— O contrato com a agência para descobrirmos as "provas"?

— Mas que provas?

Compreendeu que ele é quem estava falando. Não era possível continuar assim. Era preciso que ela falasse, dissesse alguma coisa que a incriminasse, que a pudesse ligar com os outros agentes e, então, teriam provas.

— A senhorita sabe muito bem do que se trata.

— Senhorita, não. Senhora. Sou viúva.

Ele pareceu estranhar a informação:

— A senhora sabe do que se trata.

— Afianço-lhe que não.

— Não minta!

— Ora essa! Eu lhe digo que nada sei.

— A senhora é mais hábil do que eu pensava!

— E o senhor é mais mal educado do que era de se esperar de um cavalheiro...

Dito isso, ela fez meia volta e saiu. Ora essa! Tivera a audácia de afirmar que ela mentia!

O automóvel parou à porta de casa. Virginia saltou e pagou.

Da janela de seu quarto, enquanto mudava de roupa, viu um vulto meio oculto atrás de uma árvore.

Quem seria? Seria possível que a estivessem vigiando?

— Quero falar com o inspetor Grant! É urgente.

— O inspetor está ocupado, madame.

— Mas se eu lhe digo que ele me atenderá! Ligue para o escritório dele, por favor.

— Mas...

— Garanto que ele me atenderá...

— Seu nome, por favor?

— Virginia... Virginia Dale.

O tio era capaz de não se lembrar de seu nome de casada. Desde que se casara nunca mais o vira, pois a família inteira se opusera ao casamento e ela tivera que fugir para casar. Mas agora precisava do auxílio do tio. Aquêle homem, eternamente postado à porta de sua casa, já a estava fazendo ficar nervosa. Ademais, todas as vezes que saía, ele a acompanhava e, como nunca se aproximara, nem tentara importuná-la, compreendia perfeitamente que a polícia nada poderia fazer. Seu tio, entretanto, ajudá-la-ia, mandaria investigar o caso. Era de madrugada, mas ela sabia que ele estava na Chefatura de Polícia. Estava lá toda a noite. Não conseguira esperar mais tempo. Acordara assustada, no meio da noite, e fôra até a janela: o homem estava no seu posto. Não hesitara mais. Acendera a luz e vestira o "peignoir". Descera e pegara o telefone. Agora, enquanto esperava, já se arrependia de seu ato. O tio atendê-la-ia, mesmo? Não estaria zangado com ela? Mas tio Edward sempre gostara muito dela...

— Mas é preciso descobrir o que ela faz, seguir seus passos!

O rapaz, embaraçado, disse:

— Já providenciei. Não sei como pedir desculpas...

— Ora, meu amigo, você é novo ainda. Ela, se bem que seja jovem, tem mais experiência nessas intrigas do que você: o método do ditafone para gravar palavras comprometedoras é antigo. Ela estava prevenida. Não a perca de vista, entretanto. Ela é bem capaz de subestimar sua inteligência e fazer alguma tolice. Então, você terá sua oportunidade.

— E' só o que espero.

— Não terá que esperar muito.

Nesse momento o telefone tocou. O inspetor disse:

— Quem será, a essa hora?

— Talvez seja um de meus agentes com o relatório, disse o rapaz.

O inspetor atendeu.

— Alô! Quem? Virginia! Ligue imediatamente. Alô, Virginia, minha filha, como vai?... Claro que não... Sei... Sei... Mas, minha filha, eu... Sei... Como?... Como?... Espere um instante: você mudou de residência?... Mudou?... Qual é seu novo endereço?... Hein?... Olhe, não se preocupe com isso. Eu sei do que se trata. Sim. Compreendo perfeitamente, mas não posso explicar agora. Olhe, vá para a cama e amanhã, às duas horas da tarde, venha: me fazer uma visita.

O inspetor desligou o telefone, olhou para o rapaz, seriamente, e em seguida pôs-se a rir.

— Que há? perguntou o jovem.

— Pode mandar o agente que está de serviço para casa. Anna Guntz não é Virginia York.

Quase deu um grito, tão grande foi sua surpresa. O tio apresentou-os.

— Mark Warren... Virginia York, minha sobrinha...

Mark compreendeu tudo. Virginia, entretanto, ainda não sabia de nada. Foi preciso que o tio lhe explicasse.

— Foi, evidentemente, um engano. Imagine você que, não faz muito tempo, soubemos que uma espiã alemã, que estávamos procurando, havia contratado os serviços de uma agência de detectives particulares para vigiar um cúmplice seu que ela desconfiava de traição. Ora, é claro que não disse que era espiã. Limitou-se a esclarecer que desconfiava de Karl Meister — é este o nome do cúmplice — e queria que o vigiassem. Se descobrissem que ele é um agente diria, naturalmente, que era por isso mesmo que mandara investigar e entregá-lo-ia à polícia. Se ele a estivesse traído, vendendo informações sobre agentes alemães à polícia, ela tomaria providências. Essa mulher era Anna Guntz. Pouco depois de receber a ordem de vigiar Karl, Mark, que foi o detective contratado, desconfiou de alguma coisa e veio ver-me. Mostrou-me a carta da espiã, pois fôra contratado por carta. Eu disse-lhe que tentasse descobrir provas contra ela. A mulher lhe dera um endereço. Ele escreveu para lá, dizendo que conseguira provas contra Karl, esperando que ela viesse. Mas acontece que o nome e o endereço dados pela mulher eram seu nome e seu endereço.

— Mas como pode ter sido isso?

O tio Edward encolheu os ombros:

— Francamente, não sei.



Mark porém sugeriu:

— Quem sabe se ela não tem meios de ler a correspondência de sua sobrinha?

— Mas como?

— A senhora não tem uma criada? Será que ela é alemã?

— Quem? Minha? Ela é de descendência alemã, mas está comigo há muito tempo e...

— Não custa investigar.

— Nada.

— Nada?

— Absolutamente nada. Minna Grunfeld é, de fato, cidadã americana, nascida aqui em Nova York.

— Nesse caso...

— Nada feito.

Virginia sorriu.

— Graças a Deus!

— Você dá graças a Deus e eu me lamento.

Ela disse:

(CONTINUA NA PÁGINA 53)

ESCRAGNOLLE DORIA

SEMANA DA IGREJA

CREDENCIAIS DE MONSENHOR

(SEGUNDA FEIRA 23 DE JANEIRO DE 1826)

DESAPOSSADA de seus Estados Pontifícios pela unificação da Itália, reduzida territorialmente hoje à Cidade do Vaticano, desta a Santa Sé rege vasto e intangível reino espiritual de população de almas espalhadas por globo todo.

A Igreja mantém representação diplomática junto a côrtes e governos. Nuncios e internuncios de serviços e brilho são cardinaláveis e até papáveis.

Em nossos anais diplomaticos, por figura singular de ministro junto à Santa Sé, ficou sacerdotalmente monsenhor Francisco Corrêa Vidigal, nascido no Rio de Janeiro, de estudos em Coimbra.

Encarregado de negocios em 1824, Monsenhor Vidigal veio a Roma incumbido de negociar o reconhecimento do Imperio, a criação "no Brasil de uma nunciatura com os privilégios da de Lisboa, e uma concordata.

O reconhecimento da Independência por parte de Portugal delongou a apresentação de credenciais de Vidigal, só entregues a 23 de Janeiro de 1825, quando pontífice Leão XII, que Chateaubriand retratou nas suas *Memorias* divulgadas por leituras do autor antes de o serem de *Além Tumulo*.

Tornado a Roma, então ministro, em 1829, Monsenhor Vidigal encontrou sempre dificuldades para exito reduzido de suas missões.

Foi mais feliz no Rio de Janeiro natal, onde por morte do bispo D. José Caetano foi vigário capitular de 1831 a 1838, ano do seu falecimento. Só em 1839 a diocese carioca teria *sacerdos magnus*, vago o solio episcopal por motivo da questão do celibato clerical, Monsenhor Vidigal meio bispo por espaço de anos até morte.

A ENTREGA DA ROSA DE OURO

(TERÇA FEIRA 28 DE SETEMBRO DE 1888)

Presentes ha que um apenas pôde dar, um apenas receber. Tal a Rosa de Ouro, objeto precioso bento pelo Papa na quarta e ultima dominga quaresmal. A minu-

A ROSA DE OURO CONFERIDA Á PRINCEZA ISABEL. EM 1888, POR MOTIVO DA LEI 13 DE MAIO.



ciosa descrição da Rosa de Ouro encontra-se em opusculo de Monsenhor Esberard, futuro arcebispo do Rio de Janeiro. O opusculo é de texto erudito e de esmero tipografico convidando a lêr. Os bons livros merecem bom traje.

A Rosa de Ouro é dadia de distinção destinada a soberanos catolicos, a pessoas notaveis, a santuarios celebres, até a cidades. Leão X deu a Rosa de Ouro a D. Manoel o Venturoso; Gregorio XIII ao santuario de Loreto, concedendo-a antes Pio V á cidade de Florença. Gregorio XVI, em 1842, premiou com a Rosa de Ouro D. Maria II de Portugal, tia paterna de D. Isabel, princeza do Brasil. A esta coube a Rosa por ter sido sancionadora da lei de 13 de Maio cognominada Aurea.

Enviada por Leão XIII, a entrega da Rosa de Ouro, em 1888, não podia dispensar solenidade. Marcou-se para data assinalada, a de 28 de Setembro de 1888, 17.º aniversario de outra lei sancionada pela princeza, a lei do Ventre Livre.

O ato da entrega da Rosa de Ouro pelo internuncio Francisco Spolverini deixou repleta a Capela Imperial do então Largo do Paço, multidão nas circumvizinhanças.

Nem faltou ao luzimento exterior da cerimonia pompa militar, a de forças do exercito e da armada ao comando do marechal Severiano da Fonseca, ajudante general e irmão de Deodoro.

A entrega da Rosa de Ouro era feita a quem anistiára os bispos de Olinda e do Pará como termo da Questão Religiosa. Os sucessos a cabo de tempo conhecem passar de esponja.

CREAÇÃO DO ARCEBISPADO DO RIO DE JANEIRO

(QUARTA FEIRA 27 DE ABRIL DE 1892)

Prelasia de 1575 a 1676, o Rio de Janeiro subiu a bispado naquele ultimo ano e o foi até 1892. O Imperio deixou no Brasil um arcebispo e onze bispados mantidos na Republica aliás por pouco tempo.

Em Abril de 1892, Leão XIII deu nova organização á hierarquia eclesiastica no Brasil e o fez creando e desmembrando. Da reorganização surgiu a promoção pastoral do bispado do Rio de Janeiro a arcebispo.

De 1676 a 1892 haviam recebido nomeação de bispos do Rio de Janeiro onze prelados, o terceiro deles D. Francisco de São Jeronimo tomando casa grande, palacio só pelo habitante, no morro da Conceição onde até não ha muito residiram os bispos e o primeiro arcebispo do Rio de Janeiro.

Elevado o Distrito Federal a arcebispo a criação encontrou bispo da diocese D. José Pereira da Silva Barros, antes de solio em Olinda. Pouco permanencia D. José no palacio da Conceição ao topo de ingreme ladeira que o carro dos bispos a sacolejos vencia.

Não foi D. José promovido a arcebispo do Rio, ele paulista de Taubaté substituido por D. João Esberard, nascido em Barcelona e vindo criança para o Brasil onde se educou e ordenou. Era o sucessor de D. José sacerdote de elevados meritos, bem evidenciados em escrito do Tanner de Abreu, homem de ciencia e de fé.

O primeiro arcebispo do Rio de Janeiro precederia na morte, em 1897, a D. José, arcebispo de Darnis e cnde de Santo Agostinho. Taubaté dera-lhe berço, deu-lhe tumulo.

CARDINALATO DO ARCEBISPO ARCOVERDE

(QUINTA FEIRA 14 DE DESEMBRO DE 1905)

Se muito tarde o Brasil recebeu cardial seu, muito cedo, no seculo passado, o Rio de Janeiro conheceu o primeiro purpurado vindo á America, o cardial Caleppi, acreditado desde Lisboa junto ao Principe Regente, e das mãos deste a receber barrete no Brasil.

Em 1875 a Santa Sé purpurava nos Estados Unidos o prelado Claskey. Durante o Imperio não nos consta ter havido movimento em favor de cardinalato para o Brasil.

A Republica, apesar do laicismo da Constituição de 24 de Fevereiro, agitou a questão, de duas fases. A História, que é justiça, recolheu na primeira fase a atuação do ministro de Exterior, dr. Olyntho de Magalhães e do nosso ministro junto à Santa Sé, o dr. Ferreira da Costa, ambos servindo cargos na presidencia Campos Salles.

Em Maio de 1899 surgiu na imprensa européia a nova da criação de um cardinalato americano. Logo se anunciaram cardinalisaveis os arcebispos de Santiago, Buenos Aires e Montevideo. Tais os disse imprensa, ao envez da voz popular não raro nada de Deus. Mas na ocasião as noticias eram inspiradas indiretamente por Ferreira da Costa, no sentido de evitar a formação de opinião influente por ciumes naturais dos prelados de outros paizes, com prejuizo de negociações combinadas no Itamarati a favor de um cardinalato brasileiro. Tais negociações se entabulariam entre o cardeal Rampolla e o ministro Ferreira da Costa. Os tempos da missão Penedo na Questão Religiosa já iam longe.

O ambiente do principio de 1899, primeiro ano da presidencia Campos Salles, em nada era o mesmo de 1873. As negociações bem encaminhadas tiveram forçado parentesis com a reunião em Roma de um Concilio Latino Americano. Trouxe á sede pontificia não poucos prelados trazendo eles aspirações ao cardinalato, apoiando oficialmente o Chile e a Argentina os desejos de seus prelados, segundo o proprio Papa a Argentina com disposições de celebrar concordata.

Com mais facilidade que o Chile, a Argentina oferecia ao Papa vantagens. Sem meios de oferecel-as tornava difícil a posição de Ferreira da Costa, expondo-a ao seu ministro, Olyntho de Magalhães, por meio do que em diplomacia é alma de negocios, a confidencial.

Informou uma de Ferreira da Costa da disposição de Leão XIII de purpurar o arcebispo da Bahia, recomendando nesse ministro do Exterior que a honra cardinalicia fosse pleiteada para o arcebispo do Rio de Janeiro, de residencia na capital do Brasil, centro de maior brilho e representação, embora o desejo de Leão XIII a favor do primaz da Bahia se firmasse "no prestigio da autoridade e no sentimento conservador da diplomacia pontificia.

Valendo-se de eterna, a Igreja valer-se portanto da paciencia. Não leva questões de corrida, nem providencia da manhã para a noite.

Resistencias, hesitações, adiamentos suspenderam negociações. Campos Salles deixou a presidencia da Republica, Olyntho de Magalhães a pasta do Exterior, Ferreira da Costa seu cargo em Roma.

Veio Rodrigues Alves governar a Republica, Rio Branco ministro do Exterior, Bruno Chaves ministro junto ao Vaticano. Reviveram negociações Rio Branco e Bruno Chaves, Pio X não continuou a idéa de Leão XIII. De tudo resultou, a 14 de Dezembro de 1905, a imposição, em consistorio publico, do chapéu cardinalicio ao arcebispo do Rio de Janeiro, D. Joaquim Arcoverde de Albuquerque Cavalcanti.

ELEIÇÃO DE LEÃO XIII

(SEXTA FEIRA 20 DE FEVEREIRO DE 1878)

De Colonia a Republica, o Brasil, de população em maioria catolica, tem conhecido a ação e o influxo da Igreja e de seus Papas. Um deles, sobretudo após a queda do Imperio, teria subido papel nos destinos do Brasil eclesiastico. Está nomeado Leão XIII, de tantas enciclicas magistrais, uma por exemplo a *Liberitas Praestantissimum*, na qual, em 1888, Leão XIII passou em revista a liberdade humana no seu bom e no seu má emprego.

Dez anos antes da enciclica e cardial Joaquim Pecci recebera tiara para ser, como Leão XIII, um dos maiores vultos da serie dos pontífices romanos, justificando a divisa de suas armas, *Lumen In Coelo*. Uma Luz No Céu foi o que Leão XIII procurou ser do alto espiritual de sua missão.

A 20 de Fevereiro de 1878 era Leão XIII sucessor do combativo e combatido Pio IX, este um dia de passagem pelo Rio de Janeiro como o atual Pio XII. No humanismo e na diferença de épocas, Leão XIII se apresenta um tanto com Leão X, o favorecedor do progresso da imprensa para instrumento da Renascença, saibam-o os jornalistas de hoje.

No fim da vida fisionomicamente com traços de Voltaire, Leão XIII na longevidade se podia dizer no espirito, o *lumen* da inteligencia nele de todo brilho.

Mais que otogenario foi um dia Leão XIII cumprimentado por diplomata. Disse então ao Papa que daí a dez anos desejava saudal-o de novo.

— Não ponhamos limite á misericórdia divina, retorquiu Leão XIII com um sorriso de finura.

MORTE DO PAPA CELESTINO V

(SABADO 19 DE MAIO DE 1296)

A Historia no correr dos seculos, registra bastantes abdicções de imperadores e reis, de renuncias impostas ou voluntarias. Na lista das abdicções só uma pontifical figura, a do papa e confessor São Pedro Celestino, no seculo Pedro Mouron.

Adolescente, Pedro deixou a vida mundana para dedicar-se á prece e á solidão. Fundador, acabou por destacar do tronco da ordem beneditina o ramo de nova ordem, a dos Celestinos.

Aos setenta e dous anos de idade foram pedir a Pedro Celestino para ser Papa. Idoso, emaciado por jejuns, o amigo do retiro recebeu com lagrimas a nova de sua elevação ao pontificado.

Sagrado em Aquila, Celestino V entrou na cidade-sinha da Italia Central, montado num burro cujas redeas eram seguras pelos reis Andre III da Hungria e Tiago da Sicilia. Cristo, cumprindo profecia, no domingo de Ramos entrara em Jerusalem sobre uma jumentina.

Após atribulados mezes de tiara, a 13 de Dezembro de 1294, Celestino V reuniu o Sacro Colegio em consistorio e deu-lhe leitura desta declaração:

"Eu, Celestino, papa, quinto de tal nome, movido por causas de humildade e pelo desejo de melher vida, não querendo ferir minha consciencia, justamente assustado com a minha fraquesa corporea, minha falta de ciencia e com a malignidade popular, deixo voluntaria e livremente o Papado; renuncio expressamente a este cargo e a esta dignidade; dando desde já ao Sacro Colegio dos Cardiais plena e livre faculdade de eleger canonicamente um pastor da Igreja universal".

Sabado 19 de Maio de 1296 marcou o dia da morte de São Pedro Celestino, canonizado em 1313.

PRIMEIRA MISSA NO BRASIL

(DOMINGO 26 DE ABRIL DE 1500)

O domingo de Pascoela ou de Quasimodo encerra a Pascoa redentora. Justo em domingo de Pascoela o céu do Brasil deu tétó e a sua terra ar livre á primeira missa celebrada no que a gente de Cabral descobridora julgou ser para D. Manoel a ilha de Vera Cruz.

Carta celebre, a de Caminha, pinta o espetáculo da primeira missa no Brasil, como tela de Vitor Meirelles popularisa a cena, no ilhéu da Corôa Vermelha, da enseada de Porto Seguro, ilhéu só atingível de barco ou a nado e vistoso na baixa mar.

No ilhéu posto bem disposto altar á ele vieram Cabral e os seus para missa e sermão. Disse uma e pregou outro frei Henrique de Coimbra celebrando com voz entoada, acompanhado na mesma voz por outros sacerdotes, a bandeira de Cristo á esquerda, na parte do Evangelho.

Antes de monge fôra frei Henrique magistrado e, desabusado do seculo, trocára toga por burel. Finda a missa, desvestido do paramento branco, obrigatorio no domingo *In Albis*, frei Henrique pregou, de ouvintes espanhados pela arcia, os indios com arcos e setas a principio andando e afinal sentando na arcia do ilhéu com sobra de cascalho e areia.

Reembarcados todos em bateis, na pressa de ir á India, em varios trabalhos aproveitaram tempo os ouvintes da primeira missa no Brasil. Tiveram segunda a 1.º de Maio, em terra firme, aquela que quasi todos os navegantes iam deixar. Dois degradados ficavam entre os selvicolas para lhes aprenderem a lingua e se tornassem "linguas" ou interpretes uteis aos que de futuro buscassem a suposta ilha de Vera Cruz.

Nos bastidore feminino



ANNE SHIRLEY (RKO-Radio)

Poucos dias nos separam do Carnaval e no entanto já não existe aquela expectativa ansiosa que precedia aos três dias de alegria, como também já não são feitos os grandes projetos de fairs, e não se fazem em segredo as ricas e originais fantasias que iriam deslumbrar os admiradores e fazer com que as amiguinhas mordessem os lábios de inveja.

Neste ano, os clubes elegantes apenas permitirão que seus associados se divirtam com "elegante moderação". Aliás, se bem que não acreditamos muito que os que se

divertem no Carnaval tenham noção do que seja uma "elegante moderação", achamos justíssima essa medida, pois torna-se necessário respeitar a dor daqueles que têm seus parentes queridos lutando nos campos de batalha.

Você, querida amiga, no calor da sua juventude, talvez não se conforme muito com essa "sufocação" de Momo. Para você nem mesmo a guerra é motivo para impedir

que se divirta: "E' tão longe essa guerra...". E, se realmente pretende fazer Carnaval neste 1945 ainda triste e trágico, procure pelo menos fazê-lo sem excessos, procurando lembrar-se de que outros anos virão e aí, livre o mundo da guerra, voltará a haver durante o Carnaval todo o esplendor de alguns anos passados, e você poderá se divertir com a consciência tranquila, sem receio de ofender alguém com a sua alegria natural de moça nova e bonita.

Kitty.



Uma saia branca em "shantung" ou linho-seda, com uma prega funda na frente e as laterais apenas marcadas; pala enviezada, ligeiramente drapeada, e uma blusa estampada com flôres em cores vivas sobre um fundo branco; gola esporte arrematada sob o busto



por um laço. Eis uma encantadora "toilette" que as nossas leitoras por certo irão copiar. Com a mesma blusa Ann Sheridan usa uma calça de corte elegantíssimo que, como nota original e feminina, tem uma faixa enfiada no cós, dando um laço do lado.

Novidades para o Verão

"Cumpra o teu dever, Quincas!"

DENTRE as pessoas que frequentavam a casa dos meus pais, quando eu era pequena, uma ficou para sempre gravada nas minhas reminiscências. Foi o dr. Quincas Pereira de Vasconcelos. Era um homem já entrado em anos, grandalhão, eternamente vestido de preto, muito lo-

quaz e sempre pronto para contar uma história ou para encher o ar com uma gargalhada.

Minha mãe detestava-o e chamava-o "velho lambão", "Dr. Pouca-Vergonha" e outros apelidos pouco honrosos. E isso porque o dr. Pereira de Vasconcelos tinha por hábito

beliscar as criadas e dizer-lhes dicheitos pelos cantos. Fazia essas coisas, porém, com tão pouca sorte que invariavelmente era visto por minha mãe. E ainda me lembro bem dela, muito vermelha de indignação e muito cheia de gestos, a queixar-se a meu pai:

— Precisas pôr um côbro a isso, homem! Esse Quincas é um cínico, um velho sem compostura! Lembra-te de que temos filhas e que não podemos consentir que ele continue a portar-se dessa maneira na nossa casa.

E, habitualmente, ela citava o último "escândalo" do dr. Pereira — um dito pesado a Fortunata, uma mulata sestrosa, que trazia sempre à orelha um ramo de alecrim; uma palmada nas banhas da Atanásia, a cozinheira, etc.

Meu pai ouvia essas queixas em silêncio. Depois franzia a testa, prometia agir e voltava a afundar os óculos nos jornais...

Para falar a verdade, nunca vi nada de extraordinário na conduta desse velho amigo da família. Para mim ele sempre me pareceu igual aos demais cavalheiros que costumavam aparecer lá em casa após o jantar, a maior parte para a partida de solo, que, em geral, se jogava na varanda, à luz mortíça de um bico de gás e entre as cortinas verdes das samambaias choronas, que com tanto carinho eram cuidadas pelas mãos finas, deliciosamente brancas, da minha boa tia Marta.

Quê ele sempre me pareceu igual aos outros não digo, pois que, mais do que qualquer um deles, o dr. Quincas nos enchia — aos meus irmãos e a mim — de palmadinhas afetuosas e de gostosíssimos caramelos. Sim, nunca chegava sem nos trazer o seu pacotinho de balas e uma frase carinhosa. Ficávamos, por isso, tristes quando minha mãe se punha a exigir a sua expulsão do nosso lar. E, por mais de uma vez, fomos unânimes em achar que dar beliscões nas mulatas não podia constituir uma coisa tão feia assim. Afinal, que mal podia haver nisso? perguntávamos. Elas ficavam zangadas? Não. Ao contrário, saíam gingando pelos corredores, a sorrir e a exclaimar um "êsse dr. Quincas!..." tão satisfeito que nos faziam rir.

Ninguém como ele para contar casos. Era um "causeur" magnífico e, muitas e muitas vezes, deixávamos a porta do quarto de dormir entreaberta, só para ouvi-lo após as partidas de solo, quando ele voltava para a cadeira de balanço, afim de saborear a sua chicarazinha de café.

Homem muito viajado, sabia uma porção de coisas interessantes. Conhecia os índios; falava dos Andes e do rio Amazonas como se fossem pedaços do seu quintal; descrevia combates com onças pintadas e com giboias de vários metros; narrava desastres de trem; explicava como eram as minas de ouro e as quedas do Iguassú...

E, por isso, nós fazíamos o possível para não dormir, afim de escutá-lo.

Uma noite — lembro-me bem — já estávamos deitados, quando percebi que o dr. Quincas ia narrar uma das suas façanhas. Chovia muito e estavam todos na sala de jantar jogando uma partida de vispora, que era cantada pela voz roufenha e monótona do desembargador Coutinho, parente distante de meu pai e padrinho de um dos meus irmãos.

O desembargador tinha o mérito de tornar terrivelmente insípidas essas partidas de vispora. Os seus chistes eram invariavelmente insossos e inoportunos. Além do mais, como era muito míope, errava com frequência os números...

— 46!

— Desembargador, atalhava alguém. O senhor já cantou êsse número...

— Não, eu cantei o 42, retrucava ele, arrastando as sílabas.

— Impossível! explicava o outro. O 42 ainda não saiu. Tenho-o aqui, em branco.

Ele então olhava melhor o número, e verificava que era o 48...

Mas, apesar de êsse fiasco todo, não se dava por achado e insistia em cantar o jogo. E como era desembargador e muito citado pelos jornais, ninguém se opunha aos seus desejos.

— Se ele olha para os artigos do Código com a mesma atenção com que olha para os números do vispora, costumava dizer meu pai, coitado dos réus!

E alisando os bigodes:

— Sujeito cacete, êsse Coutinho...

Uma noite, dizia eu, o jogo na sala de jantar morrera em consequência da monotonia com que o desembargador o conduzia, e a Fortunata apareceu com uma grande bandeja repleta de chicarazinhas de café e de copos de cacajuda. Vários assuntos começaram, então, a ser focalizados à volta da mesa, até que a conversa convergiu para o terreno do dever. Muito magro, quase histérico, a sacudir as mãos descarnadas, o Arturzinho, o nosso vizinho, pôs-se a dizer, em voz alta, que a noção do dever desaparecera da face da terra e que nos dias que corriam ninguém mais se preocupava senão consigo.

— Morreu tuco — o caráter, a honra, a vergonha, a dignidade, o senso da responsabilidade, afirmou num gesto teatral, os olhos de físico brilhando muito à luz anêmica do lampeão.

Houve protestos. Também não era tanto assim, atalhou o desembargador. E, para exemplificar, lembrou que ali estavam reunidas à volta daquela mesa várias pessoas



que, em matéria de fidelidade ao dever, eram como o aço — quebravam, mas não vergavam.

O Arturzinho explicou então que "essas honrosas exceções" só serviam para confirmar a regra; que falara em tese apenas, que, nem por um momento, ele se esquecera da inatacabilidade dos caracteres que ali se encontravam, "todos nomes acima de qualquer suspeita".

Atraída pelo barulho, eu me levantei e fui, pé ante pé, até a porta, que estava, como de hábito, entreaberta, e pus-me a espiar discretamente para a cena, para acompanhar melhor os lances dessa discussão. As crianças em geral são curiosas, e eu neste ponto fazia jus não a um, mas a vários prêmios. Principalmente quando era mandada para a cama cedo e que, a poucos metros dela, ouvia os adultos a tagarelar.

Limpando o seu pince-nez na ponta da toalha, o dr. Quincas foi de opinião que o não cumprimento do dever dava azar.

Todos o olharam, surpresos.

— Sim, dá azar! insistiu ele. Eu que o diga, meus amigos! Eu que o diga...

E teve um suspiro triste.

— Conte-nos como foi isso, Quincas, disse meu pai com um sorriso de descrença.

O velho passou a mão pela calva e, dando a seguir um puxão no colete, começou:

— Foi há muitos anos, ao tempo da monarquia. Eu vinha de me formar pela Escola de Minas de Ouro Preto e conseguira, graças a um empenho de Cotegipe, ser nomeado para dirigir um posto de pesquisas minerais em Paracatú, posto esse então recém-criado. Não sei que fim levou essa repartição, nem por que o Governo a criou, pois durante os dias em que lá estive viveu sempre às moscas.

E depois de provar um gole da sua cajuada:

— A gente no começo da vida aceita tudo e, apesar de torcer o nariz à perspectiva de ter que morar em Paracatú, para lá parti uma bela manhã, levando o meu baú de fôlha e as bênçãos de minha finada mãe. Esta, antes de me dar o último beijo, aconselhou-me a não me desviar jamais da rota do dever. "Ainda que fiques com as mãos vazias, ainda que tenhas que te desfazer da tua camisa, cumpre sempre o teu dever, Quincas", disse-me ela. Eu tinha, porém, os meus vinte e poucos anos e, mal perdi de vista a casa paterna, esqueci-me por completo dos conselhos de minha mãe. O que me interessava era fazer carreira, fortuna, deixar o mais cedo possível o sertão e vir para a Corte. Sabia o que tinha a fazer e que o faria como pudesse, sem maiores escrúpulos que os de salvaguardar as aparências. Além do mais, pensava eu, o que de extraordinário poderia acontecer naquele fim de mundo de Paracatú, que pudesse merecer um exame de consciência maior da minha parte?

Do meu canto, eu não perdia uma só das palavras do dr. Quincas e, pela fresta da porta, acompanhava todos os seus gestos.

— Paracatú, continuou ele, foi uma decepção bem amarga para os meus sonhos de começo de carreira. Nada mais era do que um punhado de casas desconfortáveis à margem de um dos afluentes secundários do rio do mesmo nome, um burgo esquecido nos confins de Minas Gerais, longe de todas as rotas humanas. E a minha repartição! Que coisa horrorosa, santo Deus! Praticamente não passava de um pardieiro sórdido, absolutamente inadequado para o fim a que se destinava. Faltava tudo dentro dela e o meu primeiro trabalho foi dotá-la com uma taboleta, uma mesa e duas ou três cadeiras. Sim, porque não tinha nem onde me sentar...

Fez uma pequena pausa para esmagar no ar um mosquito que lhe rondava as orelhas luzidias, e prosseguiu:

— Com um pouco de boa vontade consegui dar àquilo um vago ar de repartição pública. Depois mandaram-me de Ouro Preto algum material: vários livros e um ou outro apetrecho. Tudo isso chegou-me com um companheiro — um assistente. Chamava-se Lopes; não sei o que Lopes. Jamais me esquecerei desse tipo, porém. Foi o homem que maior prejuízo me deu.

E, exaltado:

— Que maior prejuízo já deu a qualquer mortal e a qualquer país! Era um protegido da política local, um ignorantaço completo, mas um ignorante perigoso, dêsses que para encobrirem as suas inculturas não hesitam em afirmar a primeira asneira que lhes vem à cabeça. Oh! quando me lembro do que se passou, fico até doente!...

E apertou a cabeça com as mãos, desolado.

— Paracatú cedo me fatigou e, irritado com a sua pasmaceira, enviei um requerimento ao meu chefe em Ouro Preto, pedindo-lhe licença para me ausentar por algum tempo da minha repartição. E' que estava para se casar um parente meu em Juiz de Fora, e eu não queria perder essa festança. Contra a minha expectativa, porém, o despacho foi negativo. Isto me indignou, mas não conseguia me demover do intento de me ausentar do posto. Sim, confabulei com os meus botões, quem é que iria se dar ao trabalho de verificar se eu estava ou não em Paracatú? E se, por acaso, aparecesse algo, para que serviria o tal Lopes, o meu assistente? Encurtando a conversa, digo-lhes apenas que arrumei as trouxas e que parti, recomendando ao meu companheiro toda uma longa série de mentiras para a eventualidade de ter que explicar a minha ausência. Lembro-me ainda que, em relação aos ofícios, deixei-lhe instruções no sentido de assiná-los por mim, elucidando à margem que eu estava impossibilitado de escrever, por ter quebrado o braço direito...

Todos riram.

— Que marôto! exclamou o desembargador.

— Pois é como estou lhes contando. Não me esqueci de nenhum pormenor. Só me esqueci do conselho de minha mãe, segundo o qual devia ficar até sem camisa, contando que cumprisse o meu dever, isto é, o dever de ficar no meu posto, conforme me ordenara o meu superior. E aí é que foi a minha desgraça!...

Eu ardia em curiosidade e não despregava os olhos do dr. Quincas.

— Durante a minha ausência, continuou ele, apareceu na repartição um boiadeiro ou coisa que o valha. Trazia, para ser examinada, uma quantidade razoável de pedregulho e areia que, pelo seu brilho esquisito, lhe chamara a atenção. Explicou ao Lopes que estivera perdido durante muito tempo na mata virgem e que só por acaso é que lograra dar com as botas em Paracatú. Ao que parece, ele se destinava a Patos e procedia de Goiás. Quanto a isto, entretanto, não posso afirmar nada de positivo, porque o animal do meu assistente nem sequer teve a curiosidade de lhe pedir maiores informes a esse respeito. E' verdade que o aparecimento de um desconhecido naquela região não constituía novidade. Volta e meia eles surgiam por lá, sem que ninguém pudesse explicar os comos e os porques das suas visitas. Quase sempre era gente que perdia o rumo na viagem, e que, depois de caminhar daqui para acolá, chegava a Paracatú ou a outro qualquer lugar, quando não desaparecia de vez na mata virgem.

Novamente o dr. Quincas interrompeu a sua narrativa, para saborear a sua cajuada. Tornou logo ao assunto:

— Deixando na repartição o material para ser examinado, o tal sujeito retomou a estrada prometendo voltar dias depois, afim de saber o resultado. Ora, o imbecil do Lopes conhecia tanto de mineralogia quanto nós de chinês. Mas, ao invés de dizer francamente ao desconhecido que não entendia patavina do riscado e que devia esperar pelo meu regresso, quando este retornou da sua viagem afirmou-lhe sem reboços que aquilo que trouxera não era nada, que não passava de uma areia pedregosa como outra qualquer. O tipo sorriu e respondeu que já estava desconfiado disso, pois que era tal a quantidade daquilo que só por curiosidade é que apanhara um pouco, para ver se valia a pena. "Tinha tanto e brilhava com tal intensidade que eu calculei logo que devia ser coisa sem nenhuma serventia", disse ele, retomando a sua montaria e desaparecendo para sempre na estrada, sem deixar rastro.

E chegando-se mais para perto da mesa e largando nela as suas mãos de gigante:

— Quando voltei de Juiz de Fora encontrei a repartição sem maior novidade. Tudo estava nos lugares de costume e, segundo o Lopes, ninguém me procurara, nem de Ouro Preto chegara qualquer papel. Fiquei satisfeito e resolvi prolongar as minhas

férias, ficando em casa, para melhor orientar os trabalhos de um pomar, que idealizara para me distrair. Uma tarde, entretanto, tive que ir à repartição, afim de consultar uns livros. Lá encontrei o meu assistente dabrugado sobre a escrivaninha, a gastar o papel e a tinta do governo na redação de um folhetim para o jornalzinho local. Não querendo perturbá-lo, pus-me a andar de um lado para outro, aguardando que desocupasse a mesa. Foi então que bati com os pés no monte de pedregulho e areia trazido pelo boiadeiro, e que ali estava esquecido a um canto. A princípio não liquei importância, mas a coisa brilhava de tal maneira que apanhei um punhado para examinar. A olho desarmado constatei então, com o sangue a gelar-se de emoção dentro de mim, que aquilo era platina! Sim, um minério riquíssimo em platina!...

Sem me conter, dei um grito e, muito nervoso, pedi explicações ao meu assistente.

O velho suava e torcia os lábios grossos, como que torturado pelas suas reminiscências.

— Foi aí que vim a saber de toda a história do boiadeiro, da abundância tão grande daquele mineral a ponto do sujeito desconfiar que o mesmo não valia nada e da resposta apressada do Lopes...

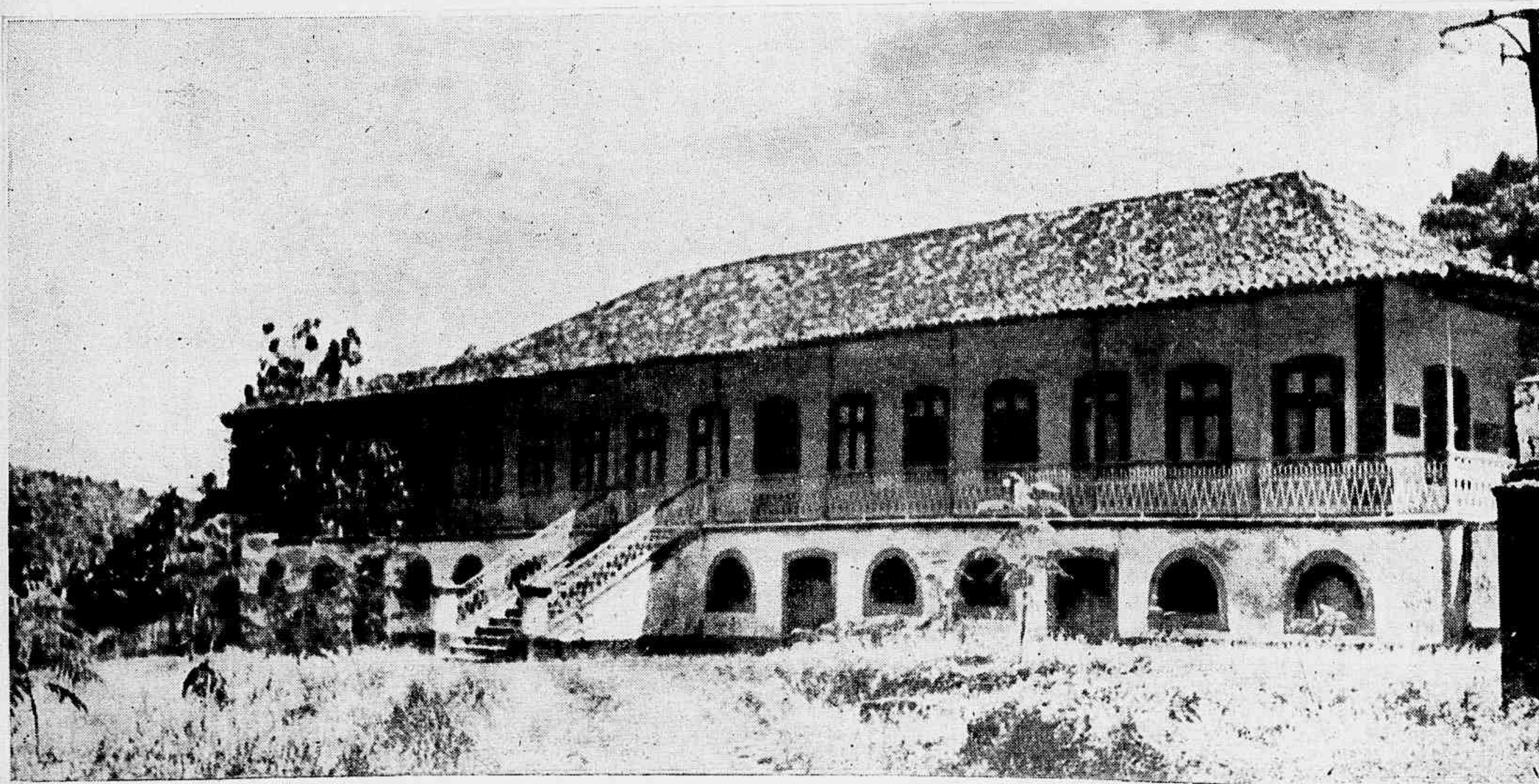
Continua na pág. 45





COISAS DO BRASIL

Visitar o Recife, conhecer-lhe os arredores, privar com a gente simples mas decidida e brava da terra pernambucana é, acima de tudo, percorrer o País do Açúcar. Lá estão ainda os velhos e tradicionais engenhos, as casas grandes que fazem lembrar a obra de Gilberto Freyre, os grandes pátios, as ermidas muito alvas, contrastando o estilo colonial português com as palmeiras e coqueiros do clima tropical... e tudo é assim calmo, poético e tipicamente campestre. Estas duas gravuras oferecem-nos, a do alto, uma paisagem que é ainda um sedativo para a alma, enriquecida pelo céu de nuvens brancas e imensas; a de baixo, um pedaço de engenho em hora quieta e tranquila. Tudo quanto pode existir de mais enraizadamente pernambucano. E pernambucano "do bom"...



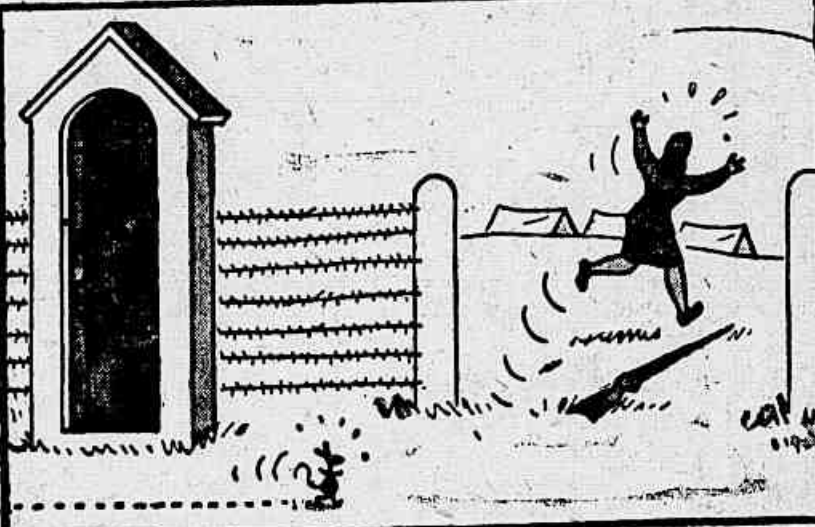
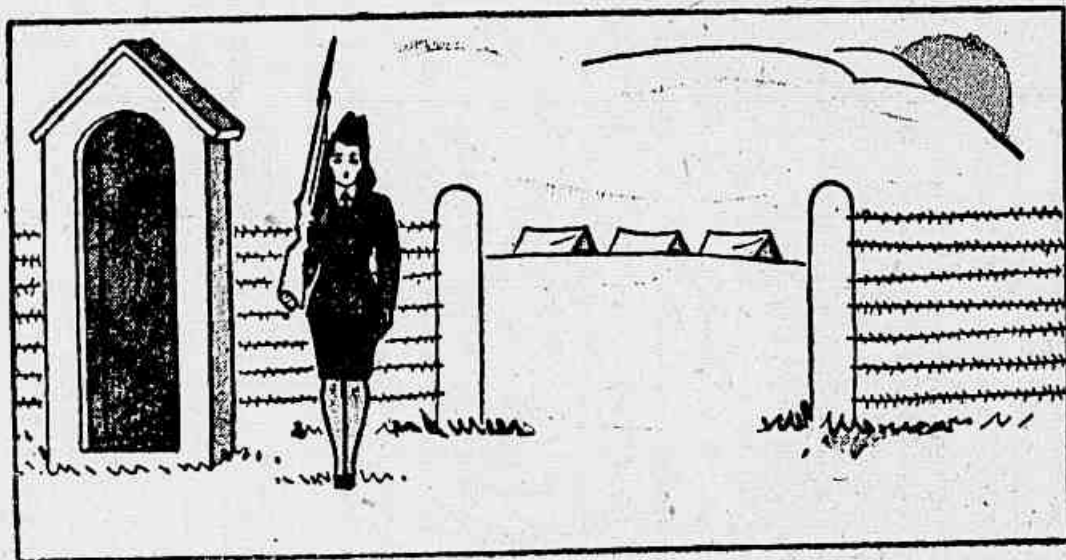
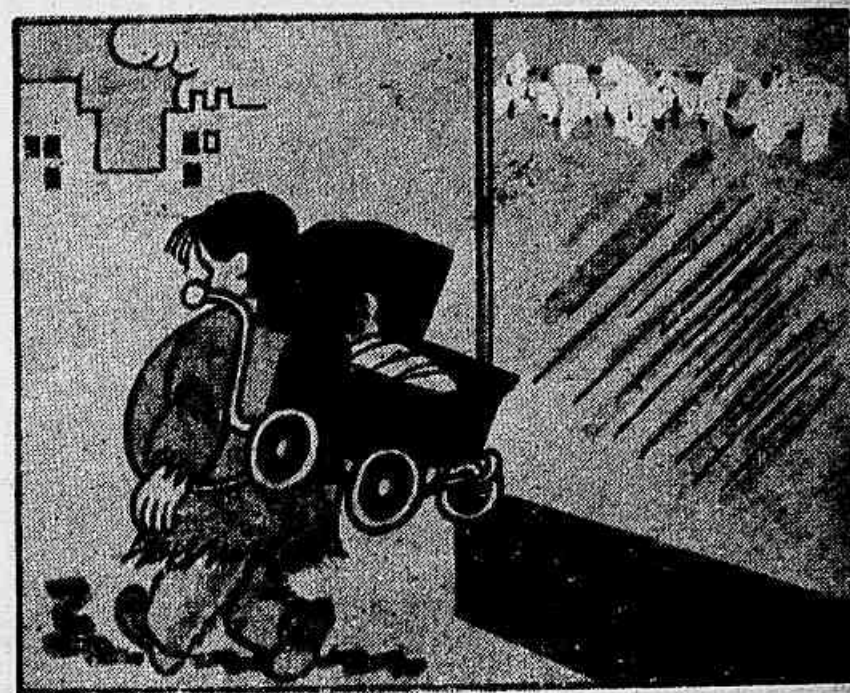
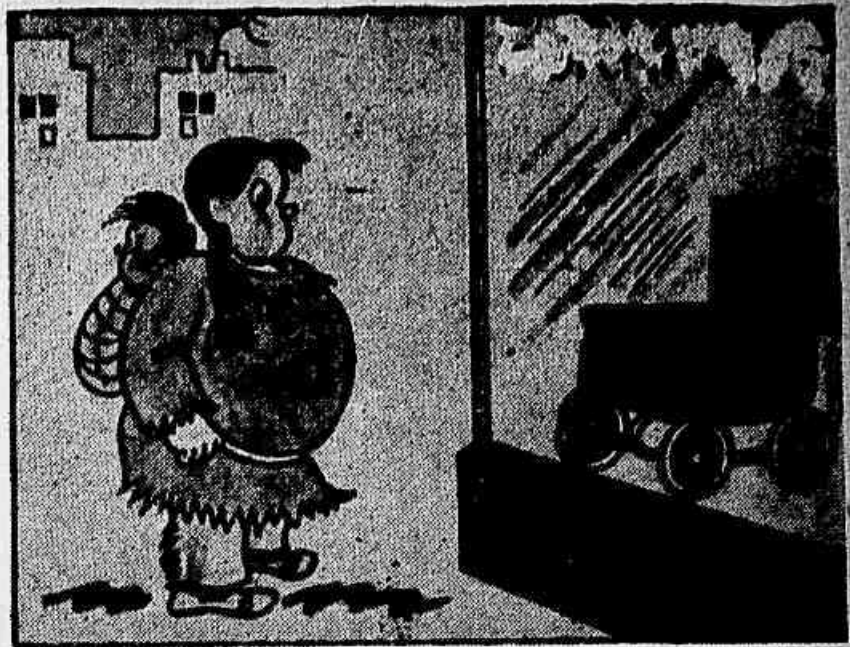
DE BOM HUMOR

35

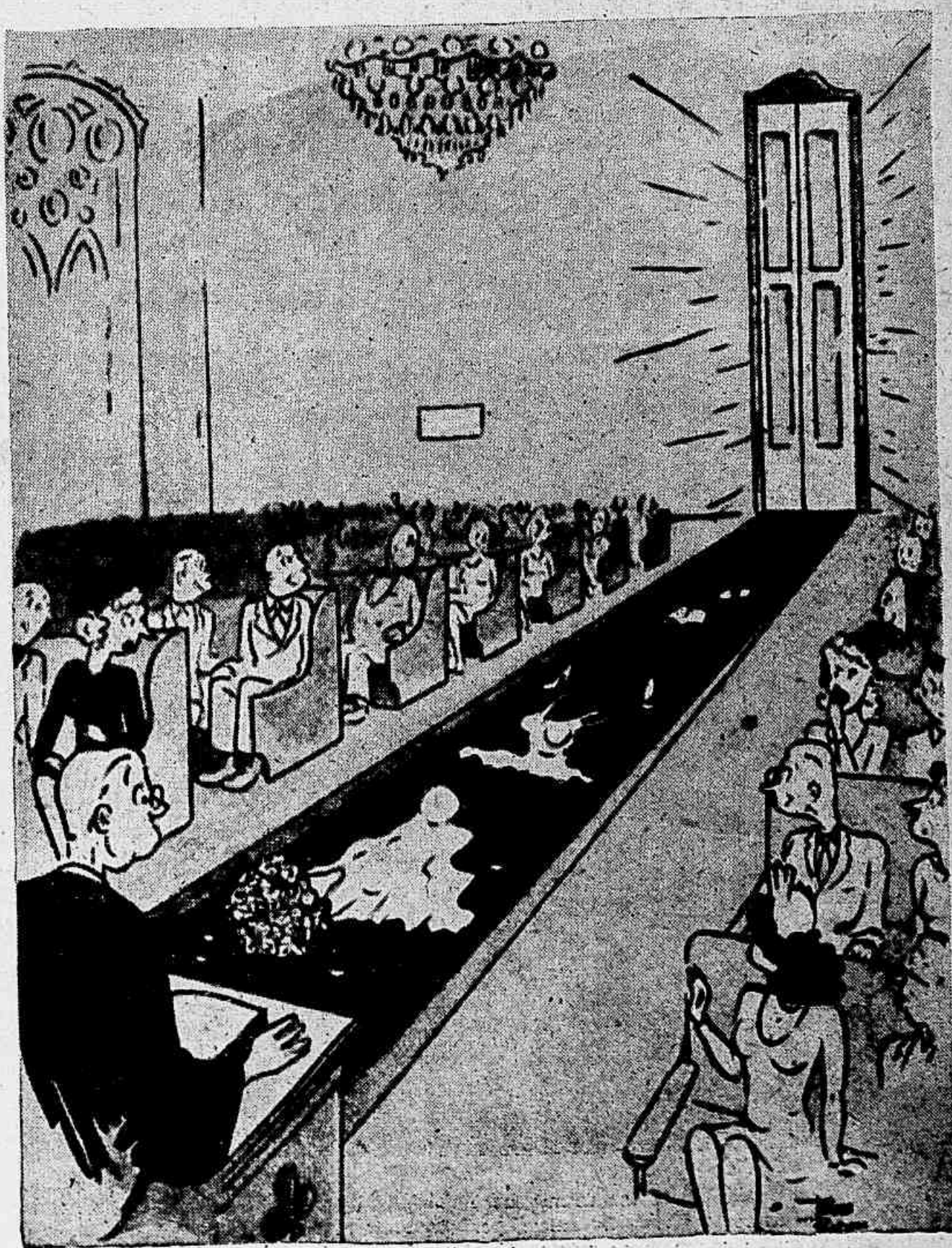
4 FT.



— O senhor já conhecia a minha companheira de quarto?

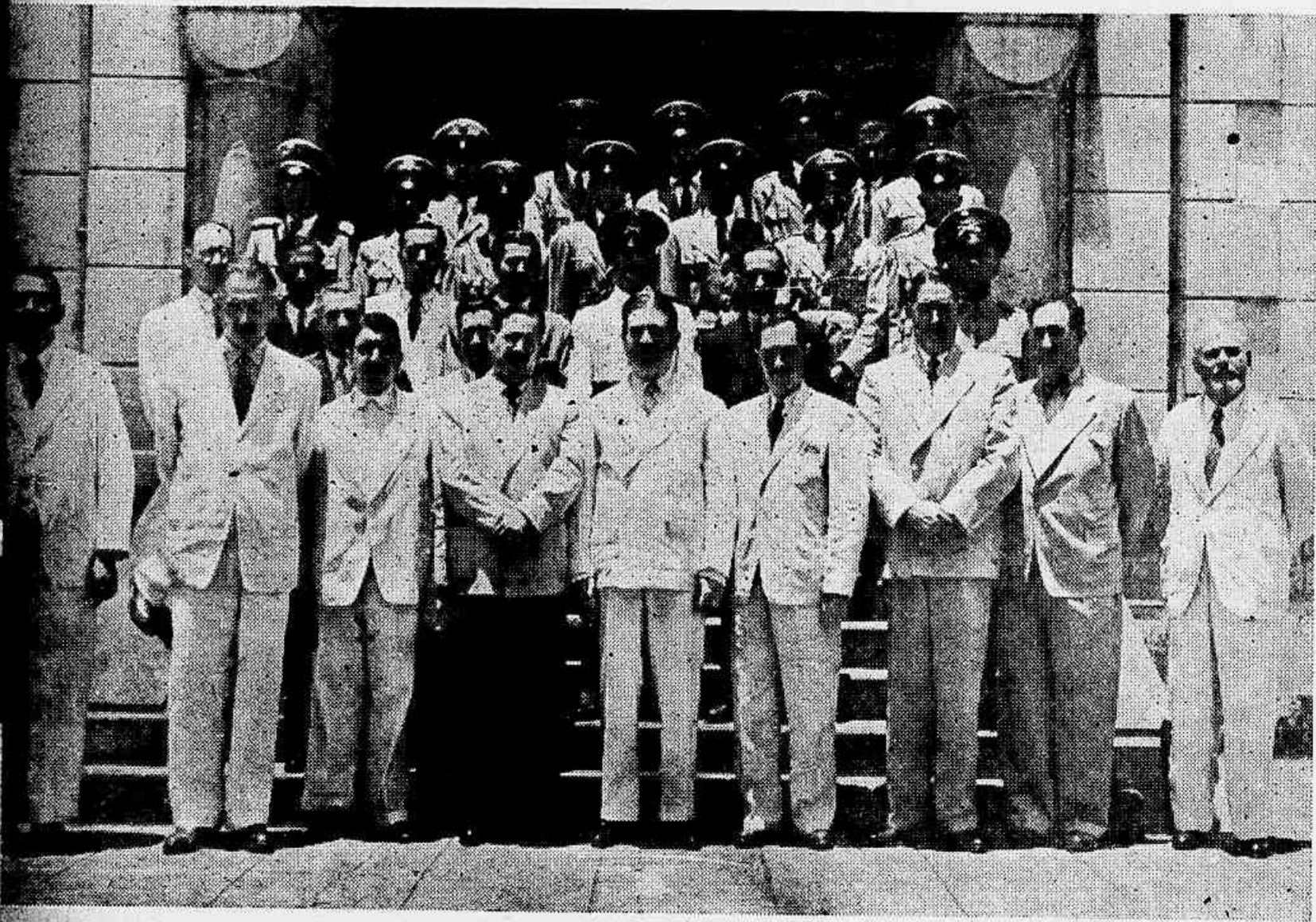


— Um momento, bensiho... Estou acabando de ouvir a novela...

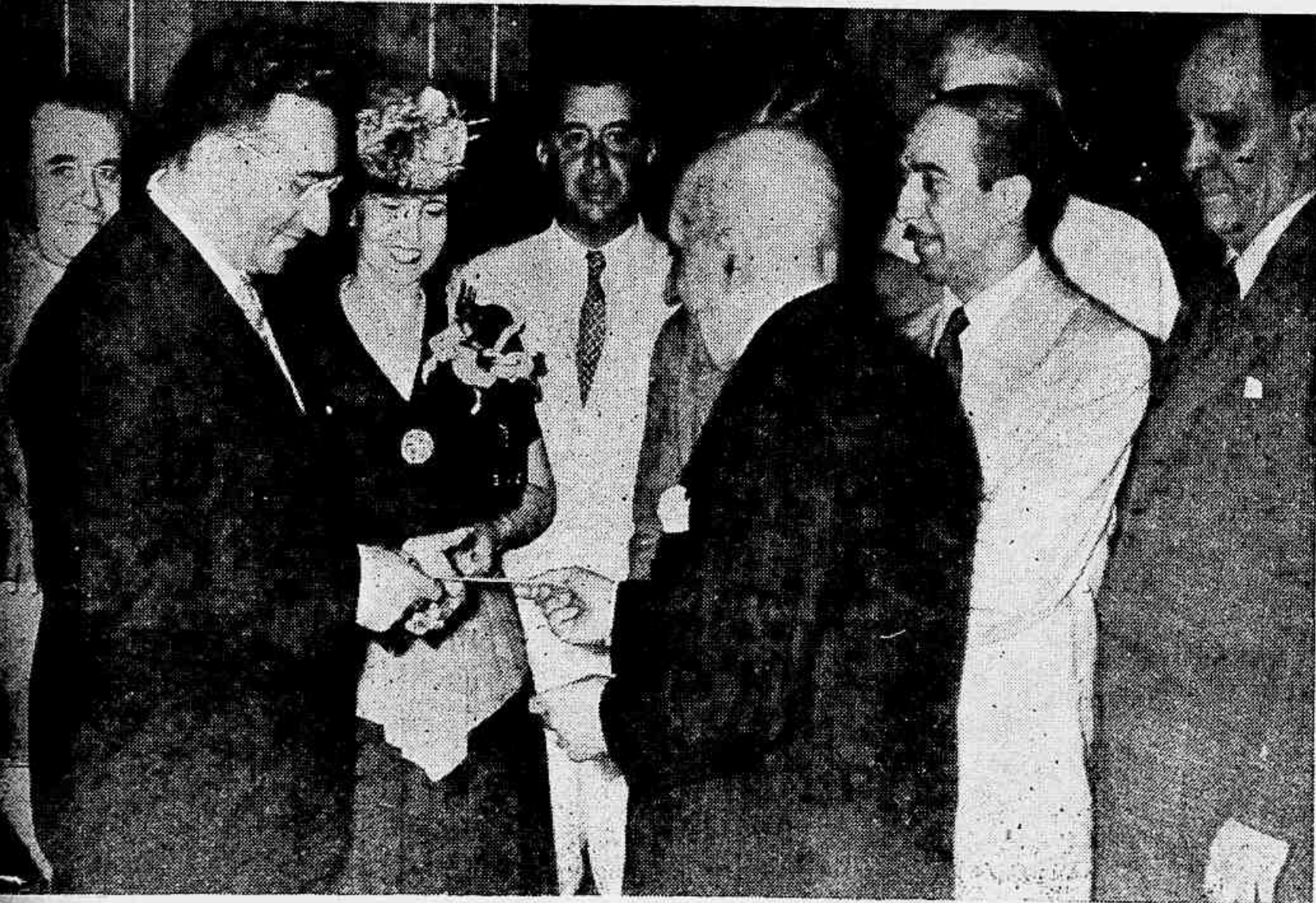




Por iniciativa da exma. sra. Irene Mena Barreto, que administra os trabalhos do Pósto n.º 7 da Cruz Vermelha Brasileira, instalado nos terrenos da igreja São Francisco Xavier, na rua Haddock Lobo, foi promovida uma "bolsa" de encomendas de Natal para os Expedicionários Brasileiros. Antes de ter remetido esse material para a Europa, em artística vitrine exposta em um estabelecimento da avenida Rio Branco, ponde o público certificar-se daquele louvável e patriótico empreendimento.



Formada a Guarda Noturna de Jaú, Estado de São Paulo, em 31 de Dezembro de 1944, em homenagem ao exmo. sr. dr. Laudelino de Abreu, delegado auxiliar da Terceira Divisão Policial de São Paulo. Ladeado s. excia. por amigos e admiradores, que lhe foram apresentar os votos de Boas Festas.



Realizou-se, no dia 17 de Janeiro último, no Itamarati, a cerimônia da entrega do prêmio a que fez jus o compositor brasileiro Camargo Guarnieri, por ter conseguido o primeiro lugar entre os latino-americanos que concorreram ao concurso de música de câmara, patrocinado pela "Chamber Music Guild", de Washington, e pela "R. C. A. Victor". E' desta cerimônia, à que compareceram altas autoridades diplomáticas, a fotografia que publicamos acima, fixada no momento em que o notável maestro brasileiro recebia o prêmio.



ENLACE YEDDA MENA BARRETO MONCLARO-ANTONIO AVILA DE MALAFAIA. — O ato religioso foi celebrado na igreja de Santa Terezinha do Menino Jesus, no Túnel Novo, no dia 3 de Dezembro p.p.

Um ângulo da sala do chefe da Cirurgia da Caixa de Aposentadoria e Pensão dos Funcionários da Central do Brasil, onde se vê o dr. Francisco de Assis Ribeiro entre pessoas de sua exma. família, amigos e colegas, quando teve inaugurado o seu retrato ao completar sete anos naquela chefia, na Fundação Gaffrée Guinle.

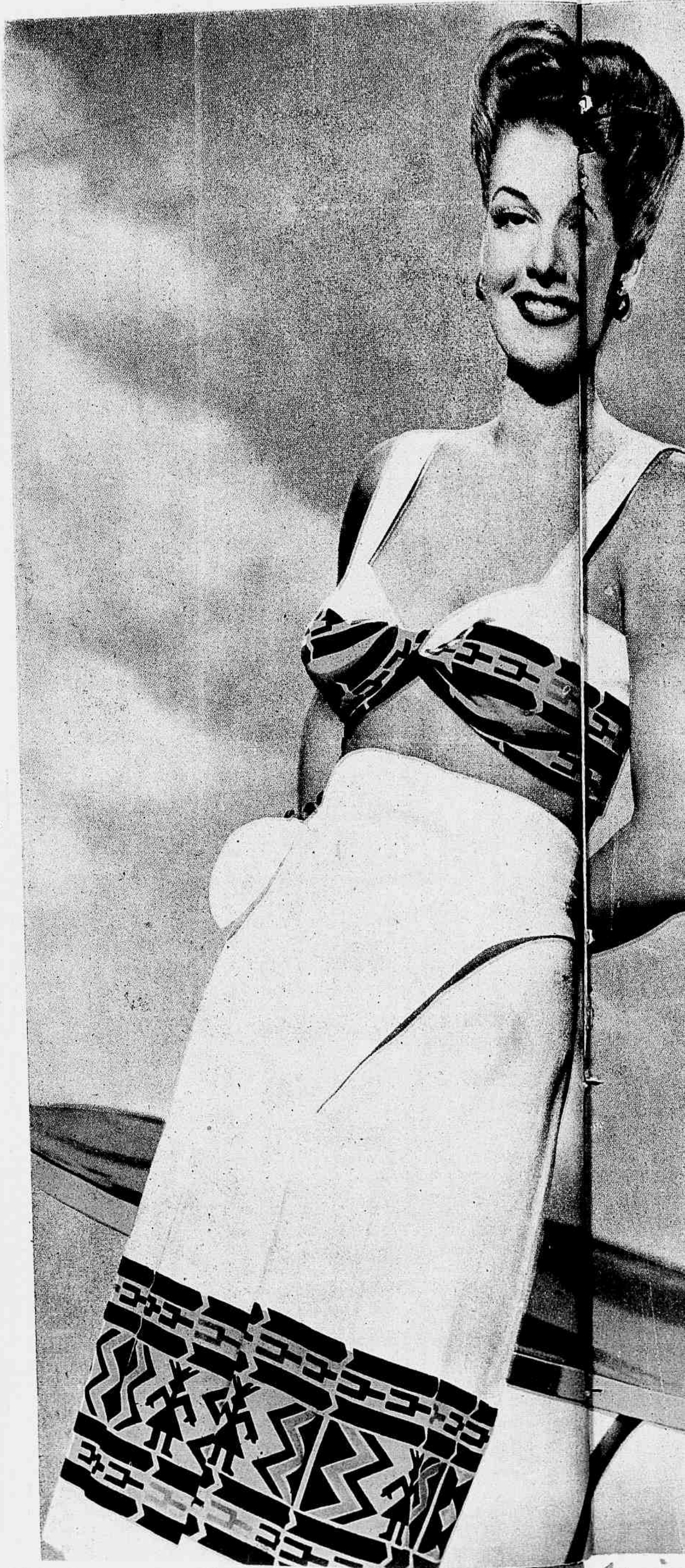
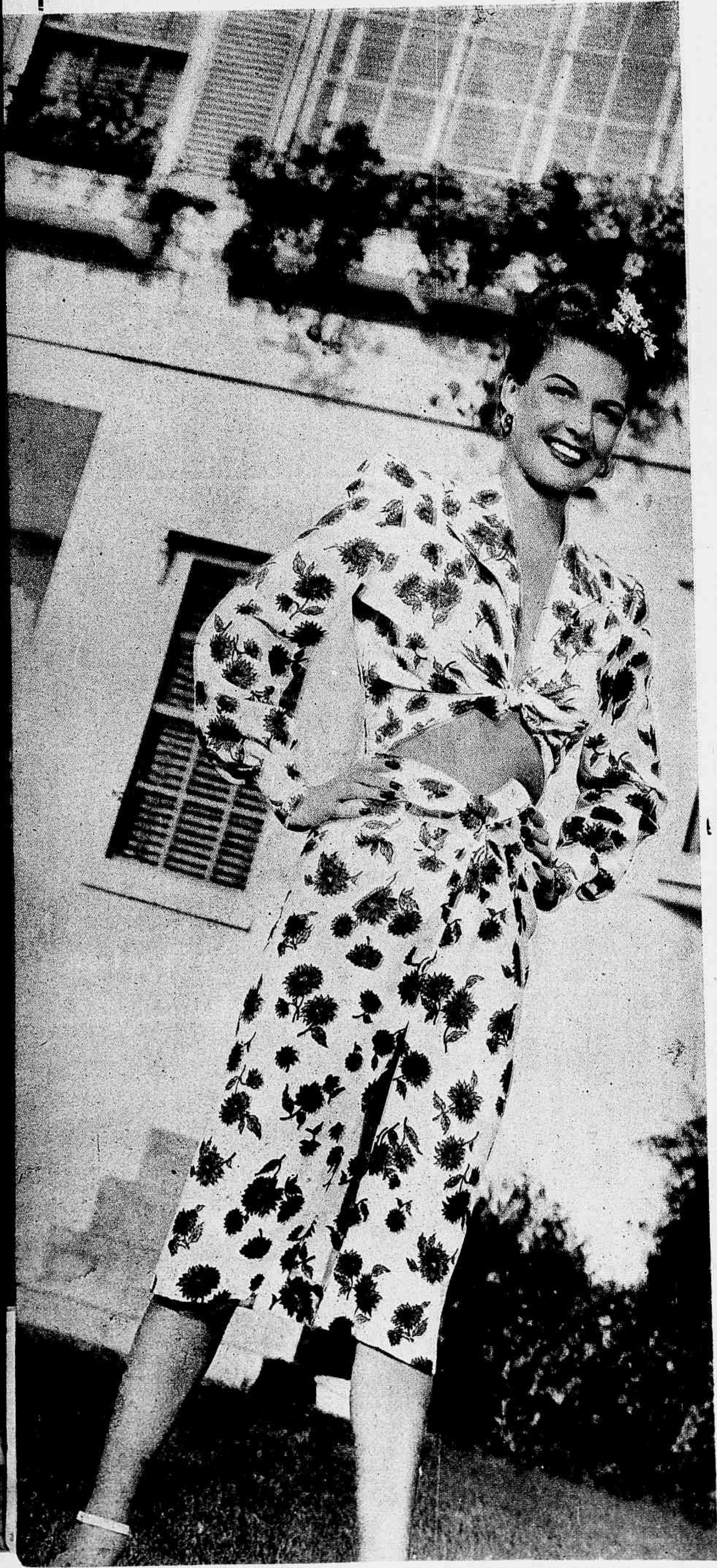




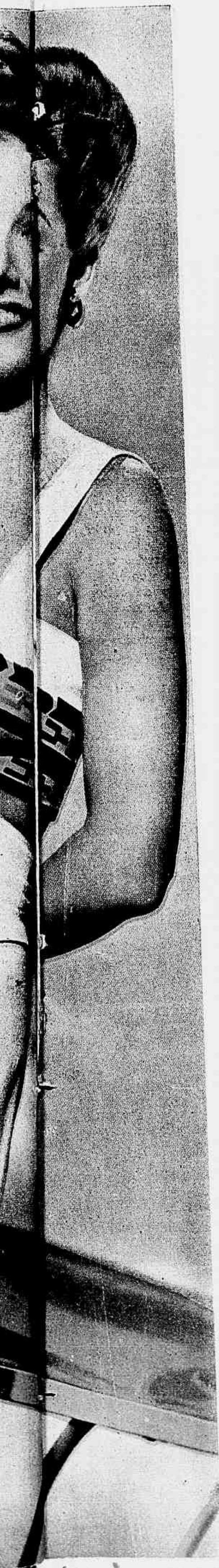
Para a noite ela nos apresenta uma variação dos seus modelos anteriores. Blusa de "lingerie" branca; mangas fartas e compridas ajustadas ao pulso por largos punhos; gola esporte; nó sob a mesma formando "drapée". Saia de seda pesada; fundo branco com flores em cores vivas "apanhadas" na frente por um laço.

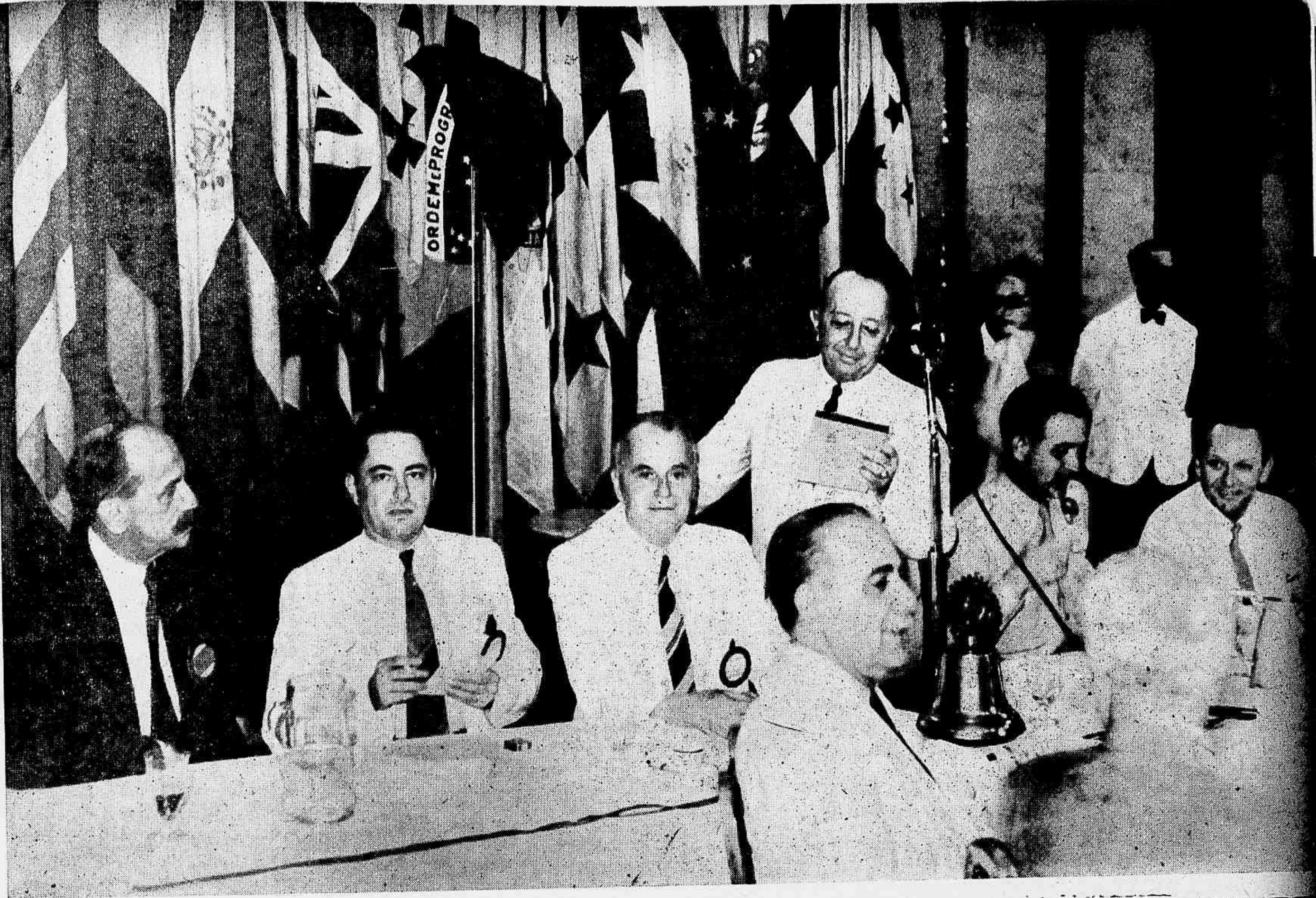
Da esquerda para a direita: — Decididamente, Ann Sheridan é adepta da ventilação no estômago... Vejam este modelo para a tarde, em seda branca com estamparia de margaridas amarelas. Não resta dúvida de que o vestido é interessante, muito interessante mesmo, não acham? Bem, este agora é para a praia. A blusa (?) é feita de uma tira torcida na frente. A saia tem um movimento interessante, que consiste numa larga pa'la com um ligeiro "drapé" na cintura e que fazendo a volta por trás vem terminar numa ponta enfiada

numa casa aberta do lado direito. Shantung branco com motivos mexicanos é o tecido empregado nesse traje. Bastante gracioso este outro modelo da linda "estrêla", feito em algodão ou seda estampada. A manga é japonesa, tendo à sua volta uma fita de gorgurão vermelho. Cintura franzida, onde enfiado um cordão do mesmo tecido do vestido, terminando em laço na frente. A saia é um pouco aberta na frente, deixando ver uma largata, também de gorgurão vermelho.



ativos mexicanos
moda linda
ponendo à
onda enfiado
ço nrente. A
argata,





O ROTARY A "REVISTA". — Na reunião da Sexta-Feira 19 de Janeiro último do Rotary Club desta capital, foi prestada brilhante homenagem à REVISTA DA SEMANA, tendo falado, como intérprete do Club, o sr. Renato Campos, cuja oração, muito aplaudida, sensibilizou deveras a quantos trabalham nesta casa. Em nome da REVISTA falou, agradecendo, o sr. Gratuliano Brito. O flagrante acima foi tomado quando o sr. Renato Campos pronunciava sua formosa oração. A direita do orador vê-se o sr. J. A. Pacheco de Aragão, presidente do Rotary, que tem à direita o diretor desta revista e, a seguir, o sr. Raul Pederneras. Ao Rotary Club do Rio de Janeiro, na pessoa do seu ilustre presidente — figura das mais eminentes no meio social brasileiro — manifestamos, ainda nesta oportunidade, o nosso mais vivo reconhecimento.

FIGURAS E FATOS

NATAL DOS POBRES. — Flagrantes tomados no Palácio da Redenção, em João Pessoa, Paraíba, em Dezembro último, durante a distribuição de presentes de Natal às crianças pobres. Uma multidão encheu as dependências do Palácio do Governo reservadas pelo interventor Ruy Carneiro para o mencionado fim. Na fotografia acima aparece a sra. Alice Carneiro; a seguir vêm-se senhoras e senhoritas da sociedade local, que auxiliaram os trabalhos de distribuição de brinde; afinal, um aspecto geral do acontecimento.



O Público Quer Música Moderna?

O maestro Szenkar, em companhia da esposa e de seu filhinho, cujo pendor para a música naturalmente já se revelou, pôs para o nosso fotógrafo, após nos ter concedido esta oportuna entrevista, na qual focaliza o assunto da música moderna e a predileção das platéias de nossos dias.

Reportagem de

ROBERTO LYRA FILHO

O SUCESSO DE VILA LOBOS
E O CASO DA O. S. B.

Recentemente, Vila Lobos arrumou as malas e partiu para os Estados Unidos como embaixador da nossa música contemporânea. Antes de partir, armou-se de um rôlo de partituras e tirou carta de seguro. Não ia, disse à Imprensa, mendigar aplausos. Ia dar aos "yankees" uma amostra de sua música tão somente. Se não gostassem, voltaria. Um fracasso não havia de desesperá-lo. Aliás, uma injustiça nos teria surpreendido. Vila Lobos foi recebido de braços abertos. Teve aplausos estrondosos nos concertos, e artigos laudatórios na imprensa. O entusiasmo era contagiante e repercutiu aqui, aparecendo todos os dias, ao lado das notícias dos triunfos do maestro brasileiro, comentários em que os elogios eram irrestitos. Poucos foram os que discordaram. Entre estes estava — como não haveria de estar? — Agripino Grieco, que mimoseou Vila Lobos com epítetos nada amáveis, numa crônica em que arrolava alguns cabotins, na opinião dele, é lógico. Porém, em quase todos os artigos elogiosos, havia sugestões e críticas aos músicos brasileiros, lembrando que estava sendo executada, no estrangeiro, a música de um patricio que raramente se ouvia aqui. E voltou à baila — a propósito de Vila Lobos — o caso da inclusão de música moderna nos concertos das nossas orquestras sinfônicas. Lembrou-se que a Orquestra Sinfônica Brasileira bem podia incluir nos seus programas mais música moderna. Que diz a isso o maestro Szenkar?

O maestro Szenkar diz que:

"NÃO É POSSÍVEL!"

E conta à REVISTA DA SEMANA o seguinte caso:

— Terminara, no Teatro Municipal, a execução de "La Mer", de Debussy, e ninguém percebera. Larguei a batuta e fiz sinal para os músicos. Silêncio absoluto. Precisei avisar: "Acabei". Somente então ouviram-se algumas palmas.

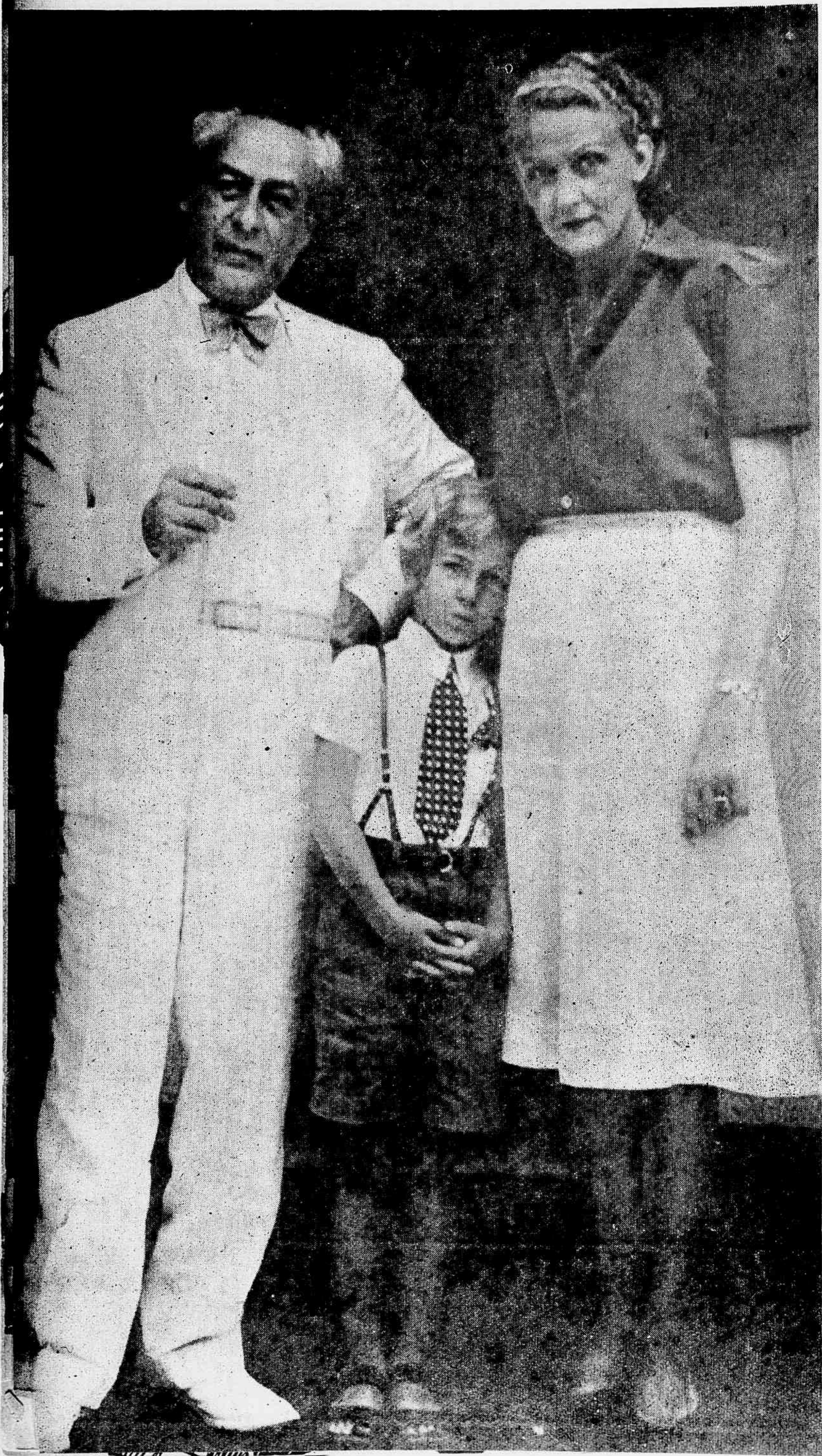
CRITICAR É FÁCIL...

Quando o entusiasmo o domina, Szenkar chega a gaguejar um pouco. É que, querendo ser preciso, não encontra facilmente palavras que exprimam, com justeza, seu pensamento. Talvez porque fala em língua estrangeira, em francês. De vez em quando, um ou outro vocábulo alemão é enxertado na conversa.

— Ah, a crítica! É fácil sentar-se e escrever algumas amabilidades e outras tantas descortezias!

Szenkar ilustra com um gesto a maneira displicente do crítico ao escrever... O reporter lembra a necessidade e a utilidade da crítica. Szenkar não contesta.

— Sim, mas é preciso que seja compreensiva. Tenho experiência. Durante muitos anos, na Europa, onde o ambiente





O artista e a sua permanente preocupação: a música. Em casa seus momentos de lazer são desviados para novos ensaios, novas perspectivas de maior êxito. Szefer acaba de falar-nos da necessidade e utilidade da crítica, "mas é preciso que ela seja compreensiva", convém acrescentar. E diz: "É fácil sentar-se e escrever algumas amabilidades e outras tantas descortezias"...

é mais favorável, tive lutas tremendas em favor da música moderna. E consegui fazer alguma coisa. Não é a totalidade do público, mas sempre se arranja um grupo selecionado que estima e aprecia a música contemporânea. Mas é preciso ir com calma e medida.

O secretário do maestro lembra que ele incluí música moderna nos seus programas, de maneira sistemática. Acabaria por perder seu tempo, se exigisse do público mais do que um pouco de paciência, uma vez por outra.

Szefer explica:

— Assim, consigo muita coisa. A primeira vez que executei "La Valse", de Ravel, foi um fracasso. Sim, um verdadeiro fracasso. Não tive mais do que palmas de cortezias. Pois bem. Já à segunda vez não foi tão mal, e à terceira vez houve palmas entusiásticas!

— Não é tanto a falta de música moderna que se aponta, mas, sobretudo, a insistência em programas de valsas de Strauss e a inclusão frequente de Tchaikowski..

Szefer sorri.

— Olhe, meu amigo, estes recitais são os que mais sucesso obtêm. E digo-lhe uma coisa: este ano, com o Municipal cheio, tivemos um déficit de quatrocentos e tantos mil cruzeiros... Que espera que

façamos? Se me dessem uma subvenção que me permitisse não dar importância ao fator financeiro... Em Colônia, onde fui diretor da Ópera, recebia dois milhões de marcos por ano para fazer o que entendesse. Ali montei a ópera mais revolucionária da música moderna, uma obra de Alban Berg; dirigi Hindemith, que tocava violino na minha orquestra. Não importava que poucos assistissem ao espetáculo. E, ainda assim, era preciso introduzir a música moderna aos poucos, gradualmente.

O QUE A O. S. B. REALIZOU

Perguntámos a Szefer como veio para o Brasil.

— A primeira vez fui convidado pelo maestro Masson para dar uma série pequena de concertos aqui.

— Muito sucesso?

— Pelo contrário: frieza absoluta.

Szefer começa a contar como fundou a O. S. B.

— Disse que havia de fazer alguma coisa pela música sinfônica, no Brasil, e fiz. Está aí a O. S. B. Criticam-na tanto, não é verdade? Pois bem, vou apontar alguns resultados: demos, com grande sucesso, o ciclo de Beethoven, um festival de Bach e outro de Mozart. Agora, tes-

ponda: se o público já aprecia Beethoven, Bach e Mozart não é um passo adiante? Não podemos ir depressa de mais. Assim, nada se conseguiria. Creia que não é por mim que falo. Não preciso de elogios. Mas é triste encontrar-se incompreensão e má vontade por toda parte.

E Szefer volta à crítica para mencionar um confrade nosso que sempre lhe fez justiça:

— Sempre reconheceu o nosso esforço e isso já é uma grande coisa.

— Como organiza a música moderna nos seus programas?

— De vez em quando incluo um número. Pouco depois repito-o. Em geral, da segunda vez o público aprecia melhor. Já incluí Ravel, Debussy, Stravinski e até o próprio Schönberg, se bem que tenha dado somente um trecho de uma obra do seu primeiro período: "Verklärte Nacht".

— E este ano?

— Este ano tenciono apresentar algumas obras de De Falla, entre as quais o "Amor Brujo", o próprio "Pássaro de Fogo", de Stravinski, a "Terceira Sinfonia", de Gustav Mahler, e outras.

— E na ópera? Desde que regeu "Don Giovanni" não tornou a aparecer.

— Não tenho culpa. Já pedi que dessem "Fidélio", de Beethoven, um sucesso garantido. Já sugeri Mozart: "As Bodas

de Fígaro", "A Flauta Mágica", "La Vita Breve", de De Falla. Acho que o repertório da companhia lírica devia ser renovado.

COMPOSITORES NOSSOS

Szefer contempla com simpatia e até mesmo admiração o panorama da música moderna brasileira. Cita alguns nomes: Villa Lobos, Camargo Guarnieri, Francisco Mignone, José Siqueira. Depois fala sobre o nacionalismo na nossa música.

— E' claro que há alguns compositores que vão buscar temas folclóricos. Mas eu creio que o nacionalismo da música brasileira contemporânea é mais um nacionalismo de atmosfera.

EIS A QUESTÃO

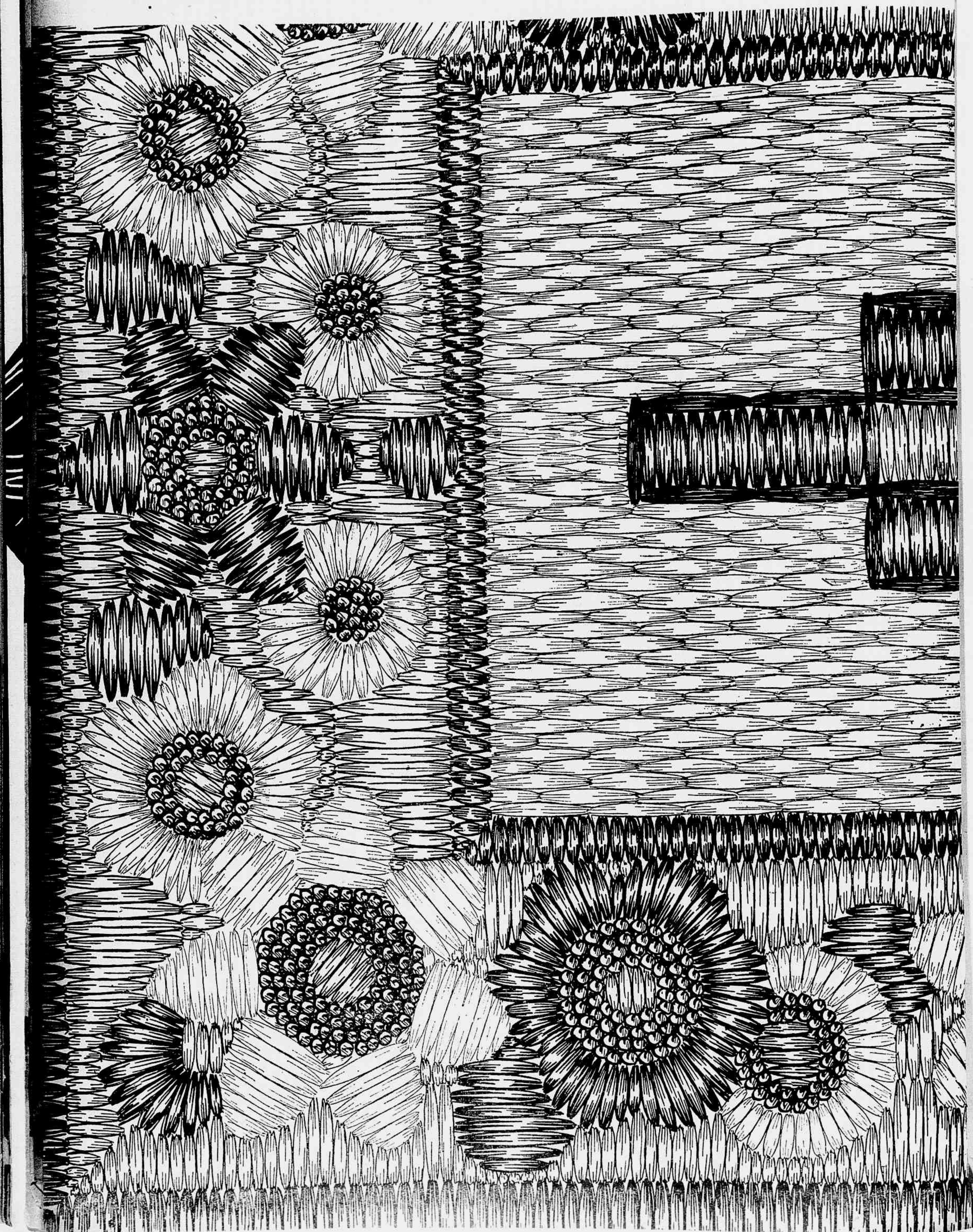
Eis, em resumo, o problema da música moderna nos concertos: o público pede Tchaikowski; a crítica exige Stravinski; o músico precisa viver; o que o Governo dá não é suficiente.

Solução? Até hoje não foi encontrada.

Dará resultado o método de Szefer? Ele parece convencido disso e é impossível negar-lhe autoridade para falar, porém não é nossa tarefa tirar as conclusões, que deixamos aos leitores, agora de posse dos fatos..

TRABALHO MANUAL

Este bordado bastante vistoso serve para uma toalha de granité. O desenho das flôres e motivos decorativos podem ser contornados com ponto de haste, e o centro cheio com pontos de fantasia em quadriculados. O centro das flôres é feito com ponto de nó.



Ele não tinha a quem dar as flores...

ESTAVA ali, na vitrine, lindo, fresco, desabrochando no fulgor das pétalas vermelhas: um bouquet de rosas. Maurício parou, indeciso. Pensou um pouco, depois sorriu amargamente e encolheu os ombros. Ia passar adiante. Naquele momento, porém, avistou a moça. Viera sentar-se num banco, ali na praia, bem defronte à loja de flores. Lançara um olhar invejoso para o ramo. Depois passara. O rapaz hesitou mais uma vez; depois, tomando uma decisão, entrou na casa e comprou as rosas. Sorria ao pagar. Era um sorriso estranho, meio tímido, meio audacioso, de um menino que ia fazer uma travessura. Por que não? Sua vida estava, mesmo, precisando de uma boa dose de romance, de alguma coisa de maravilhosamente imprevisível e inverossímil, como o que planejava. Diria, talvez, que ele estava louco. Talvez chamasse o guarda, que passeava perto brincando com o casse-tête. Valia a pena tentar. Endireitou o paletó, mas não teve coragem de olhar-se no espelho que havia na loja. Não ousava. Sabia muito bem que ele haveria de refletir as suas feições, o rosto que ele tanto odiava. Refletiu, irônico, sobre a estúpida frase que se costuma dizer: um homem não precisa ser bonito. Não. Ele era feio, e sabia o que estava dizendo. Beleza masculina, é certo, não depende de simetria de traços nem de delicadeza de feições, mas existe e é um dote magnífico.

Ele era feio. Seu rosto sardento, seu nariz achatado não impressionavam as moças. Tinha duas coisas belas: o olhar e o sorriso. Mas estes raramente se mostravam como deviam. O sorriso quase nunca aparecia nos seus lábios. Não era austeridade porém o que fazia com que ele adotasse aquela atitude. Era timidez. Sempre fora tímido. E, por ser tímido, fora chamado de mal educado, de severo. Mas quando sorria mudava a sua fisionomia. Ela adquiria, de repente, uma simpatia envolvente, os olhos riam também com os lábios e a dentadura, vigorosamente escovada, brilhava, regular e branca.

A moça levantou os olhos e viu de pé, à sua frente, um rapaz alto, magro, feio — sim, feio mas simpático. Um lindo sorriso, uns olhos brilhantes e escuros. Ele, de repente, colocou o bouquet de flores

que trazia na mão no seu colo e disse:

— São para você.

Em circunstâncias ordinárias ela teria recusado o presente tão estranhamente oferecido. Entretanto, qualquer coisa — talvez tivesse sido o tom da voz — dizia que ele não era um audacioso qualquer, que, de certa maneira, aquele gesto era diferente. As rosas, cheirosas e belas, quase rolarão no chão. Ela apartou-as.

— Muito obrigada.

— Não tem de que. Eu... Você achou-as lindas...

— De fato, eu ia passando e

parei para admirá-las. Mas por que fez isso?

Ele riu, desajeitado.

— Não sei. Eu não costumo fazer isso, creia. Mas, de repente, tive vontade de fazer qualquer coisa esquisita, louca... Você ia passando... Sabe que nunca fiz presente de flores a moça alguma?

— Foi uma estréia original.

Ele tornou a rir.

— Você também é diferente. Eu esperava que você me mandasse embora, chamasse o guarda...

— Em outras circunstâncias confesso que seria exatamente isso o que eu teria feito...

— Então...

— Quando você me depositou as flores no colo, com um sorriso meio tímido, e disse simplesmente "são para você", vi logo que não era um audacioso qualquer...

— Audacioso? Até dá vontade de rir. Sabe que eu nunca consegui falar com uma moça com naturalidade?

— Você não me parece constrangido agora.

— Porque também, de certo modo, sem saber como, eu senti que você me compreenderia. É estranho, mas toda vez que estou prestes a confiar em alguém, paro. Sempre a tempo. Tenho sempre a impressão de que vão rir de mim. Tenho sempre a certeza de que ninguém vai compreender.

— Você deve sofrer muito por causa disso.

— Acha que sou anormal?

Ela encarou-o, espantada com a pergunta abrupta?

— Ora essa! Por que?

— Não sei. Quero saber o que os outros pensam de mim. Eu sempre tive uma curiosidade enorme de saber o que os outros pensam de mim. Perguntei muitas vezes, mas ninguém me disse a verdade.



— Isso a gente sente.

— Será? Você não acha que anda exagerando tudo?

Ele ficou pensativo.

— É possível.

Ela estranhava a seriedade com que ele se pusera a fazer introspecção com a ajuda de uma desconhecida. Mas, pouco a pouco, à medida que ele falava, ela ia compreendendo como ele conseguira construir, ajudado pela sua sensibilidade exagerada, um outro mundo dentro de si, que acreditava ser o reflexo do verdadeiro mundo. O mundo que ele via era uma coisa tremenda. E não era de espantar que se assustasse. É estranho, refletiu ela, como se necessita de uma pessoa em quem se possa confiar. Vejam esse rapaz que começa a contar os seus segredos mais íntimos a uma moça que encontra na rua. Uma contradição tão humana: ele, que desconfia de todos, confia, pela aparência, na primeira pessoa que encontra.

— Em que está pensando?

— Em você...

— Que é que tem?

— Você é esquisito.

— Eu sei. Todas dizem que sou esquisito.

— Mas, por outro lado, quem não tem sua esquisitice?

— É...

— Como foi? Esgotou a loquacidade?

— Não. Eu também estou pensando...

— É?

— Você sabe de uma coisa? Eu acho que isso foi o destino...

— Isso, o que?

— Eu encontrar você assim.

Ela sorriu.

Caminhando para casa, ela refletia. Talvez tivesse sido melhor assim. Ele partira, dizendo: amanhã você vem de novo? E ela respondera: talvez... Fora prudente. Por que iria? Era estranho. Não conseguia compreender como aquele rapaz meio doentio a cativara daquela maneira. Mas, enquanto ele falava, com uma seriedade enorme, sobre os seus problemas, ela ia sentindo crescer uma ternura inexplicável por aquele moço que a escolhera entre todas para contar o que o afligia. Trouxera aquele bouquet com ar tão desconfiado, tão sem jeito... Ela jamais gostara tanto de um presente. Já ia de novo deixando-se levar, quando decidiu energicamente: "Eu estou ficando meio louca! Não é atoa que os médicos dizem que as mulheres têm que dar vasão de qualquer maneira ao instinto maternal". E riu das suas próprias emoções.

Sentada no banco, esperando por ele, pensava. "Sou, de fato, louca. Por que vim? Além disso, nem sei se ele é solteiro ou casado. Pode ser um assassino". Mas, lembrando-se dele, sorriu: um assas-

Continua na pág. 42.

ENCONTRO

Conto de
MARIAN ANDERS

HOTEL SERRADOR

O MAIOR DA AMERICA DO SUL



Forneceram os aparelhos de iluminação para este
luxuoso hotel.

Corrêa, Setta & Cia.
AVENIDA MEM DE SÁ, 101 — TEL: 22-6706

PETROLINA MINANCORA

O TONICO CAPILAR POR EXCELENCIA

O verdadeiro Elixir
da longa vida...
dos Cabellos

REVIGORA
PERFUMA
HIGIENISA



INFALIVEL NA CÁSPA,
QUÊDA DOS CABELOS
e demais Afecções do Couro Cabeludo

Livros

O DISCIPULO DE EMAÚS, reflexões de Murilo Mendes — Livraria Agir, editora — Rio de Janeiro, 1945.

O DISCIPULO DE EMAÚS

Como antelóquio, dá-nos o autor deste livro o vigésimo quarto capítulo do Evangelho segundo São Lucas, no qual Jesus ressuscitado aparece aos dois discípulos que se dirigiam à aldeia de Emaús. E, ao que podemos deprender de tal invocação o Sr. Murilo Mendes imaginou um desses homens ditos mortos a quem o Cristo transmitiu d'eternamente a divina luz, encarnado, revivendo no espírito e no coração dum poeta místico do nosso tempo.

A cada momento, nestas páginas o sentimento religioso se afirma, predominando. Por entre toda a sorte de pensamentos, alguns dos quais, sinceramente, nos parecem pouco mais do que meras frases, vemos multiplicarem-se sinais duma fé bem definida, bem determinada, superior a tudo. Não se trata, pois, dum crente ligeiro, vago, satisfeito com a sua superficialidade — como toda gente. O Sr. Murilo Mendes é integral e acendradamente cristão, católico, apostólico romano. Para ele, nunca a igreja fundada por São Pedro se enganou, nunca variou ou sofreu hesitação: é a verdade soberana e inalterável. O mais obscuro ou tosco dos seus ministros traz em si a inspiração perfeita: "O padre é como o burrico em que Jesus-Cristo montou em Jerusalém; por mais me liçre que seja carrega o Evangelho." Assim, no seu fundo religioso o Sr. Murilo Mendes procura e julga encontrar o absoluto.

Nem todos os conceitos deste livro versam questões ou assuntos piedosos. Frequentemente o autor deixa falar a sua outra natureza, a qualidade de esteta. O traço de beleza e de refinamento alcança então a própria divindade: "Deus é tão elegante que não aparece para receber aplausos. Manda os santos em seu lugar." Fala outras vezes o mesmo artista requintado: "É muito significativo que o Cristo ressuscitado tenha aparecido primeiramente a uma mulher e num jardim: restaurou Eva na sua primitiva dignidade — Maria Madalena era uma mulher de tão alto espírito que só se sentiria bem como grande pecadora ou grande santa. — A doutrina católica é supremamente elegante — A Transfiguração do Cristo é a maior lição de arte. Os homens geralmente transfiguram-se na morte. Ele transfigurou-se em vida — O maior dom do Pai Eterno, depois de Jesus Cristo, consiste em ter enviado à terra estes dois grandes consoladores do homem: João Sebastião Bach e Wolfgang Amadeu Mozart".

Trata o autor longamente, embora em fragmentos doutrinários, como de tudo o mais, dos gênios de Camões e de Gil Vicente. A pintura consagra duas páginas de aforismos, como por exemplo: "Um bom quadro é o que pode ser fragmentado sem que se encontre em cada pedacinho solução de continuidade plástica. — Nenhum grande pintor moderno rompeu com a tradição plástica; antes recuperou-a". Com a mesma acuidade crítica ou os mesmos surtos de imaginação se ocupa da música, da dança, do teatro, do cinema. Mas as setecentas e cinquenta e quatro reflexões que formam o livro nos fazem sobretudo sentir o poeta que o Sr. Murilo Mendes — até nas obras do feitio chamado modernista — sempre ha de ser. E mais uma vez nos acode à memória a sentença do grande Martins Fontes: "Os poetas são filósofos que pensam com o coração."

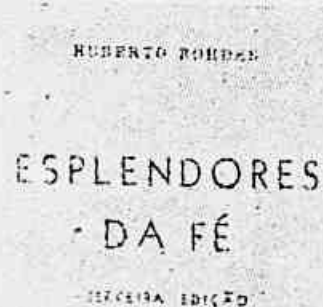
A CULTURA BRASILEIRA, introdução ao estudo da cultura no Brasil, por Fernando de Azevedo, segunda edição — Companhia Editora Nacional — Rio de Janeiro, 1944.



O trabalho, em todos os sentidos notável, do Sr. Fernando de Azevedo sobre a cultura brasileira, obteve um êxito muito além do previsto. Do previsto oficialmente, bem entendido, não pelo público leitor, nós por exemplo, que, nestas mesmas colunas, lhe proclamamos o valor e o interesse deveras superiores. Com a modestia daqueles a quem assiste pouca autoridade, e que sabem disso, louvamos o autor, acentuando como este mestre em sociologia, educador consagrado, era dos que poderiam levar a efeito tal obra, com alta competência e de maneira para toda a gente proveitosa. E não deixamos de assinalar uma virtude que, fora da ficção e da poesia, muita gente boa, ou de boa situação nas letras, considera prescindível: o estilo.

Não falta, com efeito, quem entenda que, em obras de pesquisa, sistematização, exposição de documentos ou de observações próprias, é dispensável a elegância da forma e tudo vai da exatidão dos dados e da justeza dos comentários. Quem, porém, assim entende não reflete que os volumes organizados em tais condições só verdadeiramente satisfazem os oficiais do ofício, os profissionais ou especialistas que do seu conteúdo se queiram servir para congêneres realizações. Por isso os rebuscadores de arquivos se prezam tanto uns aos outros e em tantos casos se esquecem de que para a sua tarefa se tornar de real utilidade, precisam de se fazer estimar e admirar por toda a gente. E eis a função do estilo. O presente livro cairá no agrado e fará a conquista de qualquer leitor, por efeito duma linguagem que não perde ocasião de ser ágil sem rebuscamentos, nenhuma afectação e em cuja singeleza mesma, em qualidade literária sem dúvida contribuiu para que, decorrido tão pouco tempo, se tornasse necessária esta segunda edição.

ESPLENDORES DA FÉ, estudo de Huberto Rohden — Epasa, editora — Rio de Janeiro, 1944.



Este livro se destina particularmente — embora o autor o não declare de modo explícito — aos homens de pouca fé, quer dizer: aos que duvidam, vivem sem saber se há de ou não acreditar em Deus. Só no espírito e no sentimento dos meio crentes, meio incrédulos, estas páginas se tornarão de real utilidade. E é simples compreender porque: porque os ateus ferrenhos, endurecidos, obcecados não querem receber ensinamentos nem exemplos que os possam levar à conversão — só a vida mesma os encaminhara para Deus; e quanto aos devotos essenciais, está claro, não precisam de ser convencidos a amar e louvar a Deus.

O Sr. Huberto Rohden, que recentemente nos deu um livro ao mesmo tempo de saber e de imaginação: *Por mundos ignotos*, agora nos oferece um trabalho sobretudo de pesquisa através da história dos grandes homens que sempre viveram em Deus ou a Ele, por fim, se dirigiram. Mas essa procura, só a poderia efectuar, com resultados deveras consideráveis, um homem culto, bem intencionado, bem orientado; e por entre as citações que nos vai apresentando, deixa o autor dos *Esplendores da fé* observações, contestações, comentários.

Novas

conclusões que lhe são próprios e dão ao seu trabalho inegável valor pessoal.

Entre muitos outros vultos insígnies, cientistas, filósofos, poetas, artistas, dos quais são aqui reproduzidos conceitos de fundo religioso estão os seguintes: astrônomos e matemáticos Copérnico, Secchi, Galileu, Kepler, Newton, Leverrier, Piazzi, Laplace, Euler, Gauss e Cauchy; físicos e químicos Volta, Ampère, Faraday, Biot, Mayer, Fraunhofer, Becquerel, Fizeau, Lord Kelvin, Edison, Marconi; médicos e fisiólogos, Pasteur, Carnoy, Laennec, etc.; poetas e homens de letras Dante, Jacopone da Todi; Petrarca, Manzoni, Calderón, Lope de Vega; Corneille, Brentano, Shakespeare; pintores e escultores Rafael, Miguel Angelo, Overbeck, Murillo, músicos e compositores Palestrina, Orlando di Lasso, Gluck, Haydn, Mozart; Beethoven, Weber, Cherubini, Liszt.

Outros capítulos nos falam de negativistas, céticos, livres pensadores, escarnecedores da doutrina e do templo. Palavras e mais palavras. A verdade é uma só e contra ela nunca poderá prevalecer a ignorância mesquinha nem o desmedido orgulho dos que a negam.



A DIVINA QUIMERA, versos de Eduardo Guimaraens, edição definitiva, com prefácio de Mansueto Bernardi — Livraria do Globo, editora — Porto Alegre, 1944.

O prefácio da obra presente vem a ser, e parece-nos que sem acréscimo ou alteração de maior, o excelente ensaio da autoria do Sr. Mansueto Bernardi e do qual, ha alguns mezes, tratámos nestas colunas. Foi o mesmo Sr. Bernardi, grande amigo de Eduardo Guimaraens e cheio da saudade da sua afeição como do respeito devido à sua poesia, que organizou, naquele espólio preciosíssimo, os cinco tomos agora reunidos num volume de quatrocentas páginas, tendo na capa um *ex-libris*, desenho encantador de Correia Dias e, distribuídos pelo texto, trabalhos doutros artistas e alguma documentação fotográfica.

A memória de Eduardo Guimaraens reclamava esta consagração. Era absolutamente necessário que um homem de letras superiormente orientado e uma empresa editora com outros intuitos, outro objectivo que não o bom êxito comercial se dedicasse a enriquecer a bibliografia brasileira com este padrão duma época bem marcada e bem retratada em versos dignos de ficar. Eduardo Guimaraens foi, pela inspiração e pela arte, um dos maiores poetas da sua geração. Não faltará, entre os críticos mais esclarecidos, quem lhe reconheça um lugar à parte, inconfundível. A sua individualidade vitoriosamente se impoz desde as primeiras criações, a bem dizer desde o soneto *Aos lusos*, produção da adolescência e que, graças a Alcides Maya e Marcelo Gama, então respectivamente director e redactor-chefe do *Jornal da Manhã*, de Porto Alegre, a revelou ao Rio Grande e imediatamente depois ao Brasil. De temperamento recatado, pudicamente avesso a todo aparato, toda exibição, ninguém menos que Eduardo Guimaraens cuidou do triunfo que tão legitimamente lhe cabia. Metido com os livros, metido consigo ou só a uma roda muito íntima confiando as realizações sempre, para ele muito aquém dos sonhos, trabalhava ardentemente e sem descontinuar. A sua extraordinária sensibilidade exigia o metro e a rima, sem os quais toda emoção lhe seria apenas dolorosa e inimiga da vontade de viver. Nos versos estava a razão da sua alegria e da sua esperança; e realmente a poesia lhe era, como diz o final do soneto franciscano de Martins Fontes, "mais necessária do que o próprio pão". O que menos certamente animava E. Guimaraens era o efeito "público" daquelas estrofes, a cuja emoção e cujo labor entregava todas as horas disponíveis. E, assim como nos informa uma nota do ante-rostro deste volume, ele deixou cinco livros inéditos.

Na sua educação literária consideravelmente influiu Paul Verlaine, Mallarmé e Maeterlinck também, um pouco Eugénio de Castro, bastante António Nobre. Nunca, porém, as suas composições chegaram ao carater de cópia ou sequer à imitação. O espírito e o sentimento prevaleceram sobre todas as influências. Gratíssimo embora, apaixonadamente reconhecido aos orientadores da sua arte, nem por isso o rimador da *Divina quimera* deixou de se afastar de todos o bastante para ser nobre e indubitavelmente ele próprio. Com surpreendente faculdade de assimilação, de identificação, interpretou ou traduziu Dante, Goethe, Shakespeare, Baudelaire. Compoz a *Gerbe sans fleurs*, cinquenta e um poemets em francês, onde colhemos sensações comparáveis às que se transmitem das páginas mais delicadas dum Rodenbach ou dum Samain, e entre os quais figura *Um petit rameau...*

*Les lys
d'un blanc
d'argent
fleuri...*

...tudo em versos dissilábicos duma espontaneidade e duma graça peregrinas. E novamente nos vem a lembrança de Martins Fontes, o Martins Fontes que poz em sonetos os *Fioretti*, porque também Eduardo Guimaraens, e antes dele, se aproximou do poeta de Assis, do seu enlevo e da sua santidade. Pertence a esta fase o soneto *Do modo dos "Fioretti"* depois do qual teríamos escrupulo em escrever qualquer palavra mais:

*Doçura do que existe, o bondade, ternura
das cousas! Sois talvez o visível penhor
do amor que Deus consagra a toda criatura...
E como as almas sois que se dão por amor!*

*Relva humilima, ar casto, água que cantas pura!
E vós, aves da selva! E tu, seixo! E tu, flor!
E vós, cerros que sois os senhores da altura!
E tu, vale — silêncio, aroma, sombra e cor!*

*Sois na face da terra o sorriso feliz
que o homem gosta de ver e que o seduz e aquece,
como o da boca em flor que o seu olhar bendiz...*

*Por vós é belo o mundo e bom de o contemplar,
ó frescor do que brota e do que reverdece,
entre o esplendor do sol e a graça do luar!*

J. L.

"REVISTA DE ARACAJÚ" — Recebemos, oferecido pelo sr. Garcez Vieira, prefeito da capital de Sergipe, um exemplar da "Revista de Aracajú". E' o n.º 2, do 2.º ano, e traz, além de boas ilustrações, muita matéria interessante.

"NAÇÃO ARMADA". — Recebemos o n.º 62, referente ao 6.º ano, de "Nação Armada", revista civil e militar. E' a edição correspondente a Janeiro de 1945.

Já em 2.ª Edição



O LIVRO DE
M. DEZONNE PACHECO FERNANDES

"FOLHAS DO CORAÇÃO"

Impressões sobre o livro "FÔLHAS DO CORAÇÃO", de M. Dezonne Pacheco Fernandes:

"... seu lindo livro "Fôlhas do Coração", no qual tudo é poesia e sonho. Livros assim dão-me a idéia de que o autor vive numa nuvem cor de rosa ou numa perpétua madrugada primaveril — imaginando o mundo, aformoseando-o com a imaginosa representação que tem das coisas e das gentes. Felizes os que abrem os olhos para o que é flor, cor ou perfume..."

Monteiro Lobato

"...uma prosa terna, uns períodos bem feitos e umas idéias reveladoras de um grande amor à natureza e aos menos protegidos pela sorte. E' uma literatura gentil, traçada com simplicidade mas fugindo do terra-à-terra. Páginas de coração feminino empenhado em espalhar o bem, a dizer coisas altamente humanas."

Mário Guastini

E' um livro encantador, de lúcida inteligência e delicadíssima sensibilidade. E' um desses livros bons, que elevam a alma e aos quais Deus abençoa."

Afonso Schmidt

"...felicitando-a pelas "Fôlhas" verdadeiramente encantadoras que brotaram do seu coração de mãe e de artista, e que para a felicidade de muitos despregaram-se do santuário do seu lar para ir ornar e perfumar muitos outros lares, talvez, não tão privilegiados como o seu."

Pe. Walter Mariaux, S. J.

(Chefe das Congregações Marianas do Mundo e secretário do Papa no Vaticano).

"A senhora Pacheco Fernandes dispõe da espontaneidade e da maleabilidade que o jornalismo reclama..." "A maneira é sempre límpida e como que fácil. Domina em tudo uma nota emotiva que se comunica docemente."

João Luso

"O que ela escreve se lê com encanto, porque sintoniza com a alma da gente; porque o seu estilo é simples, agradável, gostoso; porque ela não foge, quando escreve, dessa deliciosa ternura de que falamos, desse milagre de doçura tão característica na mulher brasileira, que não adivinhámos, mas sentimos sempre sob o sol de nossa terra."

Nair Mesquita

"Sua pena é leve e branca como penugem de garça e suas belas palavras luminosas como o sol!"

Fernanda Reis

"O título do livro — e como é difícil um título que se adapte perfeitamente ao assunto escrito... — foi escolhido com rara felicidade. Um livro-coração. Livro alma. Livro sentimento. Livro que tem em certas páginas a doçura sombria de uma avenida de paineiras na hora da Ave-Maria. Em outras, a claridade de um sol a pino. Não raro, o fundo prateado de vitrais molhados de luar."

Fernando Borba

"O livro da inspirada e da tagoreana autora, é um livro-lágrima, um livro-êxtase, um livro-dádiva, um livro-consolo, um livro-candura, um livro-música."

Paulo Tacila

"Fôlhas do Coração" é um livro escrito página a página por um terno coração e será uma mensagem de amor e de bondade a todos os corações..."

Cassio Nuno

"Fôlhas do Coração" é bem o modelo do livro que foi feito para ser lido nas horas amargas como as que estamos vivendo, porque à sua leitura nos transportamos para um mundo muito melhor, um mundo diferente deste nosso barulhento e ensanguentado, onde não explodem petardos que trazem a morte e a destruição no seu bôjo. Escritas com a linguagem simples e doce dos corações femininos, as crônicas que formam "Fôlhas do Coração", na sua forma sombria, no seu colorido suave, completam, em seu todo, um livro de fé e de esperança e uma exortação à coragem, no sofrimento."

Ari N. Barone

"...Tudo isso num linguajar tranqüilo, simples e acima de tudo espontâneo, sem outras preocupações além de dizer o que vai náima."

Mozart Victor Russomano



"EU ACREDITO EM PONTINHAS"

"Só não me interessam "pontas de cigarros", declara Edelweiss, uma das mais sérias candidatas a rainha do baile das atrizes

Por MARIA LUIZA



EDELWEISS, a garota que era funcionária pública e que surgiu, para a arte cinematográfica, há cerca de quatro anos, obtendo o segundo lugar no concurso de "Vamos Ler" para a descoberta da Marília de Dirceu, do filme "Inconfidência Mineira", acaba de ingressar, definitivamente, na arte dramática, depois de uma rápida passagem pela Companhia Jayme Costa, integrando o elenco da "Comédia Brasileira", em sua fase de renovação.

Para começar, Edelweiss fará uma "pontinha" em "O Imperador Galante", de Magalhães Junior, e, outra, em "O Aventureiro Diante da Porta", de Milan Begovic.

No cinema, também, ela não tem feito senão "pontas", embora muitas delas simplesmente "abafantes". Este, aliás, é um costume seu: "roubar" as cenas em que aparece, embora por pouco tempo. Quisemos, pois, ouvir a sua opinião a esse respeito, pois nos admirou que não lutasse por papéis maiores, como é costume.

— Não acredito em papéis e sim em atrizes, disse-nos ela, como início de palestra. E continuou sorrindo, de forma inconfundível:

— Além disso, estou apenas começando e penso que, se me dedicar aos pequenos papéis, procurando interpretá-los da melhor maneira possível, a minha oportunidade chegará a seu tempo. Não tenho pressa, posso esperar.

E enquanto acompanhava o fumo da fumaça do seu cigarro, depois de uma gargalhada gostosíssima que, segundo seus "fans" (e quantos ela possui!) é um dos seus maiores encantos, prosseguiu:

— Sabe? Eu adoro "pontinhas". Só não tolero "pontas de cigarros", pois para gozar plenamente o sabor do fumo é preciso começar do princípio. Além disso, no cigarro a "ponta" é o fim, significa decadência, ao passo que no teatro é o princípio, e quer dizer simplesmente isto: ascensão...



MORREU FILINTO DE ALMEIDA

As letras nacionais, tão castigadas ultimamente pela inelutabilidade da morte, vem de sofrer outro rude golpe, que nos vem privar da presença de Filinto de Almeida. O passamento deste ilustre académico, ocorrido a 28 do mês passado, representa, para a literatura brasileira, uma perda de inestimável valor, porquanto Filinto de Almeida era um dos mais lidos representantes da inteligência brasileira. O ilustre extinto que desaparece com a idade de 87 anos, nasceu na cidade do Porto e, muito cedo, ainda menino, veio para o Brasil, onde fez os seus estudos e ingressou na carreira política. Por ocasião da primeira República, foi ele deputado à Constituinte na então província de São Paulo, de 1892 a 1894. Como jornalista, militou na imprensa durante muitos anos, tendo colaborado nos principais jornais. O atual "Estado de São Paulo" deve a ele o seu nome, pois quando Filinto de Almeida ocupou o cargo de redator-chefe, chamava-se "Província de São Paulo". A bagagem

literária do ilustre desaparecido é enorme.

Com a morte de Filinto de Almeida abre-se na Academia Brasileira de Letras uma grande lacuna. Aliás, na casa de Mahado de Assis, mais, lembrada se fará sempre a sua grande figura humana, porquanto ele foi um dos grandes batalhadores em prol da realização desse cenáculo, sendo um dos últimos fundadores da Academia, que ainda frequentava as suas sessões.

Da camara ardente armada no Petit Trianon, foi o corpo de Filinto de Almeida trasladado para o cemitério de São Francisco Xavier, onde se erguerá o seu tumulo.

MAIS UM ÊXITO DO DR. DIVO ORCIOLI



Integramente restabelecida dos males do coração que a afligiam, desde muito, graças à feliz intervenção do conhecido cardiologista, dr. Divo Orcioli, a sra. Rosaly Martins, residente à rua Lavradio, 84-A, confessa-se profundamente sensibilizada àquêle ilustre clínico, que tem frequentadíssimo consultório à rua Buenos Aires 250, 1.º andar.

A beleza é obrigação

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feio quem quer. Essa é a verdade. Os cremes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alface ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme, observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade, encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alface permite à pele respirar, ao mesmo tempo que evita os pontos, as manchas e asperezas e a tendência para pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e sadia volta a imperar com o uso do Creme de Alface "Brilhante". Experimente-o.

"MENTHOLATUM
MATOU NA CABEÇA
O MEU
RESFRIADO!"



MENTHOLATUM

É usado por
multidões contra
RESFRIADOS
que atacam a
cabeça e o nariz.



PROPORCIONA ALIVIO RAPIDO

"Cumpre o teu dever, Quincas!"

Continuação da pág. 33

Um "oh!" de tristeza ecoou em todos os lábios e o Arturzinho, gesticulando muito, quis logo saber se não procurara imediatamente o paradeiro do desconhecido.

O bom Quincas fez um gesto afirmativo.

— Se não procurei? Bati todo o sertão, meus amigos. Como um maniaco saí por aí agora a perguntar a gregos e troianos pelo boiadeiro misterioso. Percorri todas as rotas possíveis, embrenhei-me pelos matos, demiti-me do emprego para melhor me dedicar às minhas pesquisas. Tudo, porém, foi em vão...

E deixando cair os braços:

— E era tanta, tanta que ele bem que desconfiou que não valia nada!... Oh! a burrice sem remédio dos ignorantes metedigos! Também quem me mandou abandonar o meu posto? Fui definitivamente castigado, porque desde então tive a minha vida estragada.

Sorriu tristemente:

— Compreendem agora por que afirmei que o não cumprimento do dever dá asar?...

SOFRE DO FÍGADO?
TOME
BIO-HEPAX
PRODUTO DO LABORATÓRIO DA GUARANIDINA

ESTE É O CHARUTO VITORIOSO



Adorável Senhora...

Naturalmente, vê-la é um encanto para os olhos, pois ela ainda possui Cremes de Beleza Yardley e Pó-de-Arroz Bond Street. E quando vier a paz, também voltarão todos os produtos de toucador Yardley.



Yardley
de Londres



— Gente nova, que agora está iniciando
— carreira e cujos rostos e nomes po-
— dem tornar-se famosos de um mo-
— mento para outro: June Duprez, Bar-
— bara Hutton, Jane Frazee e Carole
— Gallagher. A primeira e a última,
— da RKO; a segunda, da Paramount,
— e a terceira, da Columbia. Tipos
— diferentes, semblantes inéditos, no-
— vas maneiras de sorrir, de olhar,
— de dizer tudo com os olhos...





— Aurora Miranda está sendo incluída
entre as "new face" do ano que passa.
— Talvez não suplante o êxito da irmã,
mesmo assim poderá impor-se e criar
personalidade. As outras que se vêem
nesta página são: Ginny Simms, da
Metro; Yvonne DeCarlo, da Univer-
sal, e Amelita Ward, da RKO. Louras
e morenas, elas possuem seus encan-
tos pessoais. Tomem nota dos nomes
e aguardem os filmes em que virão.



Usar a pasta S. S. White é saber dar preferência ao dentifricio mais indicado para hygiene e conservação dos dentes.



CUTIS CANSADA



e sem viço

As pérfidas rugas na testa e ao redor dos olhos, as sardas, manchas, cravos e espinhas, são traiçoeiros inimigos da beleza da mulher. Quando surgem estas imperfeições, lançando nuvens sobre a sua felicidade, confie nas virtudes do Creme Rugol. Rugol corrige rapidamente as causas do envelhecimento prematuro da cutis. Este famoso creme embelezador, usado todas as noites em suaves massagens no rosto, pescoço, e todos os dias como base do "maquillage", remove as impurezas que se acumulam nos póros, fortalece os tecidos, dá vigor e mocidade à pele. Com apenas uma semana de uso do Creme Rugol a sua cutis poderá ficar macia, limpa e acetinada, aumentando os seus encantos e protegendo a sua felicidade. A felicidade de amar... e ser amada.

CREME
RUGOL

Alvim & Freitas, Ltda. - C.P. 1379 - S. Paulo



ROUGE LIQUIDO
RAINHA DA HUNGRIA

De Mme. Campos
DA AS FACES UM ROSADO
INCOMPARAVEL

A VENDA EM TODA A PARTE

CABELOS BRANCOS?
LOÇÃO
Brilhante

DR. A. MENDES MONTEIRO
OBESIDADE, MAGREZA E
ENXAQUECAS — REGIMES
ALIMENTARES

2.as, 4.as, 6.as, das 14 às 19 horas
Rua Senador Dantas, 20 —
salas 1.306/9 — Fone: 22-1776



1 — Saia em crepe preto de elegante corte, formando "godet".

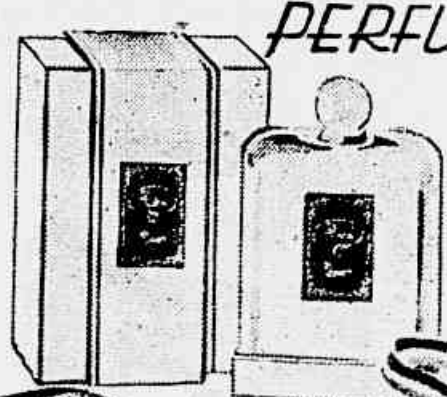
2 — Blusa "habillé" enfeitada de babadinhos.

3 — Elegante blusão azul celeste, aplicação de tiras azul forte, bordadas nas pontas.

4 — Para a noite, blusa em ianê com gracioso movimento atrás.

5 — Saia de seda com recortes, formando uma prega funda e ligeiro drapeado dos lados.

UM PRESENTE
DE CLASSE
E DISTINÇÃO



PERFUMES



PERFUMES

BELLES FLEURES
MUSGO CHINE

05

O caso completo de Pindamonhangaba

(Continuação da pag. 21)

esgueirou-se para o quarto do paciente, realizando a operação em uma hora e quarenta minutos! Voltou em seguida para a cadeira n.º 6 (vide "croquis" não-espírita) e deu o alarme: "Pronto! Graças a Deus foi feita a operação... Demorou muito porque há aqui na sessão muita gente sem fé, que enfraqueceu os fluidos necessários!" Em seguida o espetacular esculápio entrou em crise nervosa, sendo tirado do ambiente... para esconder os apetrechos da operação...

E continuou:

— Os assistentes, afoitos, precipitam-se para a sala da operação, encontrando — como não? — o doente operado... Apêndice no vidro de álcool, luvas, água iodada... e um pedaço de catgut esquecido pelo "espírito" na bacia de água e álcool! Encontrado ainda o avental usado pelo espírito, todo molhado de suor, com o cheiro característico... debaixo das mangas! O espírito também se cansa e sua...

E adiantou-nos ainda que o investigador técnico-policial lhe declarou ter ouvido do paciente o seguinte:

— Senti quando entrou o "espírito" pela porta... Vi a luz vermelha acesa na parede, aos meus pés... Senti três picadas fortes no estômago (as punções para a anestesia local). Vi uma luz "astral" que passeiava de vez em quando sobre mim... A luz da testa (oftalmoscópio) do médico...

"Houve, porém, um descuido do dr. Edisson que, falando ao irmão Bello, no Haras Paulista, lhe disse: "Ainda esta semana tenho duas operações de apendicite a fazer...". Como testemunho dessa distração, existe o sr. Freitas, instrutor do Aero Club local.

"Ora, um doutor morto há 23 anos em Pindamonhangaba, em resumo: veio do Além e operou um doente de apendicite crônica em uma hora e quarenta minutos. Só mesmo a gasogênio..."

"E mais: as precauções para não surgir luz alguma na sala, a qual poderia indicar a ausência do verdadeiro operador, chegaram ao ponto de exigir dos presentes a entrega de caixas de fósforos e até isqueiros. E o pobre vagalume, que ali apareceu de súbito, pagou com a vida a sua imprudência. Pudera! Bastava posar no espaldar da cadeira vazia para denunciar a ausência do seu ocupante!

Uma sextilha a propósito

O bom humor não tarda a fazer sentir-se à margem do ruidoso acontecimento. Aqui mesmo, em Pinda, entregam-nos a cópia de uma sextilha onde o assunto é glosado nestes termos:

"Está passando bem o operado...
Que se tornou ainda dos mais crentes.
Por nada ter-lhe o espírito cobrado.
Andam os médicos num terror profundo
Porque além de tantos concorrentes,
Agora tem rivais... "do outro mundo!"

Conclusões

Aí está, tão detalhadamente quanto possível, o relato do que nos foi dado ver e ouvir nas quarenta e oito horas de nossa permanência na cidade onde se verificou o estranho caso de André di Bernardi.

Quando o visitamos pela última vez, horas antes de regressarmos ao Rio, vamos encontrá-lo no seu posto de serviço, chefiando uma turma de operários na fábrica de botões local:

— Tenho trinta e três anos e já me considerava prejudicado fatalmente na minha saúde n o apêndice inflamado. Como vê,

A velha e histórica matriz de Pindamonhangaba, de cujo púlpito monsenhor Azevedo invectivou os propalados fenômenos do Centro Irmã Terezinha. Alto-falantes instalados à entrada do templo advertiam o povo, nas ruas, do perigo de frequentar centros espíritas.

hoje, dezesseis dias depois da operação, aqui estou, devolvido ao meu trabalho, pensando apenas em zelar pela minha família, com a minha atenção voltada para os compromissos que tenho à minha frente. De mim, estou certo que fui operado pelo dr. Luiz Gomes do Amaral, morto há vinte e três anos. Se os outros não acreditarem, tanto pior para eles...

Fomos despedir-nos dos irmãos Amadei, em seu estabelecimento de artigos de eletricidade. Percorremos a loja, hoje, dia útil, em pleno funcionamento. Há de tudo ali dentro: microfones para vender, alto-falantes, uma estação de amadores que não funciona por determinação das autoridades do país, e até vitrolas apropriadas para gravação de discos. Pensámos em gravar uma palestra com o operado. Os irmãos Amadei não tinham, no momento, discos apropriados, que haviam requisitado de São Paulo. Mostraram-se tranquilos, fiéis à sua crença, aguardando o desenrolar dos acontecimentos com serenidade. Disseram-nos que outras provas ainda mais importantes serão feitas, de futuro, e para assisti-las desde já nos convidavam.

O sacerdote de Pindamonhangaba susten-

tou já, pelas colunas de um vespertino carioca, a súpula das afirmativas que nos fez pessoalmente. Está, agora, por sua vez, aguardando as providências policiais.

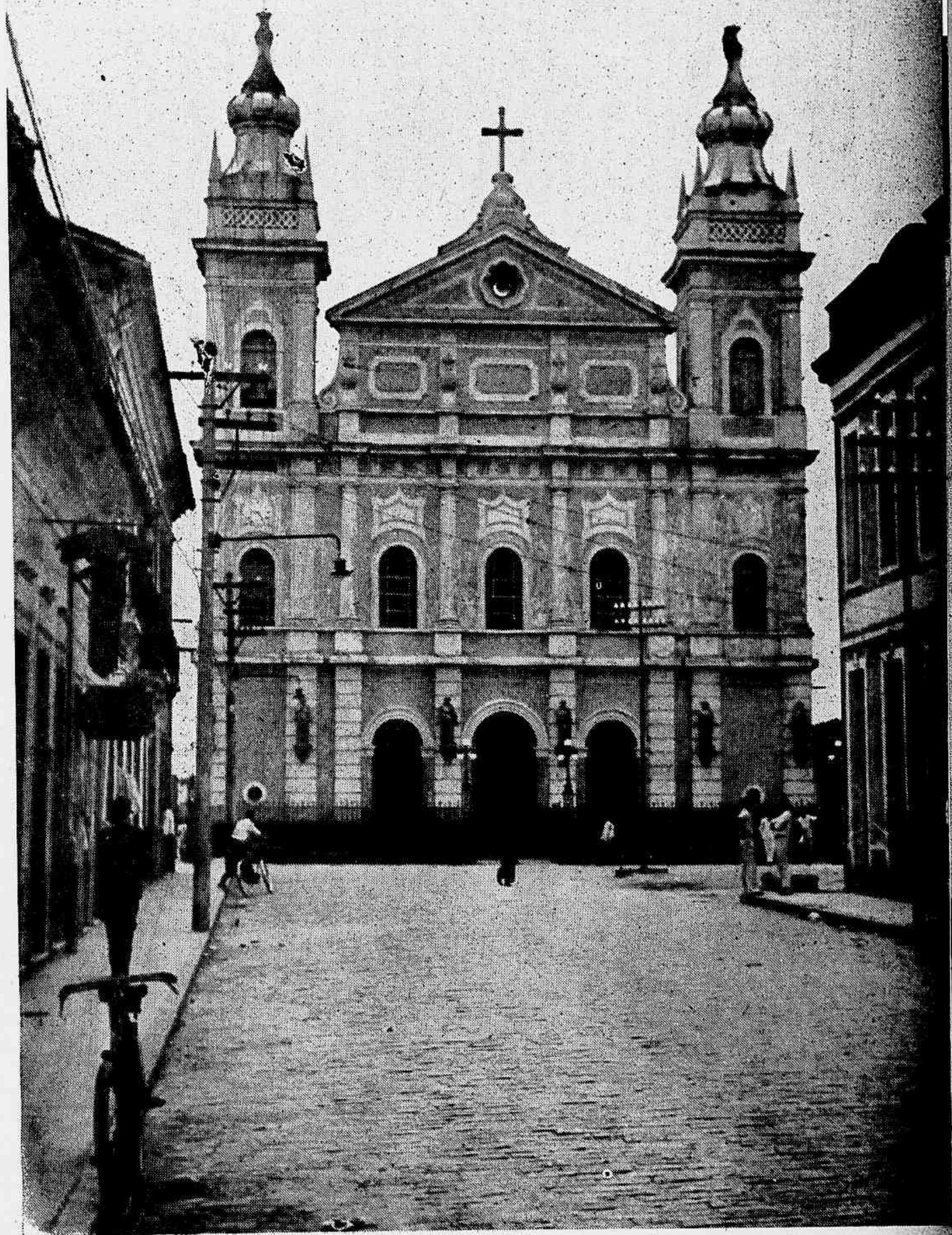
Outras pessoas com quem falámos também duvidam da veracidade dos fatos, tais como são descritos pelos crentes. As opiniões dividem-se como sempre acontece. E de nossa parte, encerrando aqui o simples relato da nossa tarefa, estamos certos de ter um dever cumprido.

Era preciso condensar em um serviço desta ordem todas as opiniões divergentes e reproduzir o que "de visu" nos foi proporcionado.

Quanto à exata, à precisa, à incontestável verdade do fenômeno, se é que fenômeno existiu, não cabe a nós, senão às autoridades, apurá-la. E o leitor, êsse, através de tudo que está resumido nestas páginas, talvez possa tirar a média da verdade, chegando a uma conclusão lógica.

Tudo dependerá, porém, antes de mais nada, do ângulo em que estiver colocado para julgar a questão.

Nossa tarefa cessou.



FORNECER-LHES AS ARMAS

para combaterem as doenças

A missão de Squibb consiste em colocar nas mãos do cirurgião, do clínico e do farmacêutico preparados medicinais da melhor qualidade possível — a fim de que possam ser evitadas ou aliviadas as enfermidades que causam tanto sofrimento à humanidade — e para que se possa viver uma vida cheia de saúde e felicidade.

É para atingir tal meta que a Casa Squibb vem trabalhando desde sua fundação em 1858. Durante esse longo período, temos cooperado estreitamente com a classe médica, acompanhando o progresso da ciência e ampliando constantemente os meios de que dispomos para a realização de pesquisas.

Os produtos Squibb são, e sempre foram, duma única qualidade: a melhor. É com o maior cuidado que nos esforçamos por manter o mesmo nível de pureza e eficácia, sendo inúmeros os exames que protegem cada fase da preparação de todos os produtos que levam o nome e o selo Squibb. A Casa Squibb garante a continuação da sua plena cooperação com a classe médica. Continuaremos lutando incessantemente e com toda a sinceridade em prol de melhor saúde para a humanidade.



Todos os produtos Squibb levam um número de controle individual. Isso significa que cada detalhe da fabricação foi examinado de acordo com os altos padrões estabelecidos por Squibb e registrado sob esse número nos Laboratórios Squibb.

DESTACAM-SE ENTRE OS PRODUTOS SQUIBB OS SEGUINTE:

Penicilina — Sulfonamidas — Anestésicos — Produtos Glandulares — Produtos Farmacêuticos e Vitaminicos, além de Dentífricos e Preparados Medicinais para o lar.



PROCURE EM CADA PRODUTO
O SÊLO DA CASA SQUIBB

SQUIBB

é um nome em que se pode confiar



A carta registrada

(CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 25)

— Mas você se esquece, Mark, que eu conheço Minna há muito anos, e que se me revelassem que ela era uma espiã nazista ficaria muito triste...
 — E meu trabalho estaria terminado.
 — Ora, não desanime. Não é tão difícil assim!
 — Você sabe que eu tenho um pressentimento?
 — Qual?
 — Que a espiã está por perto.
 — Como?
 — Ela não deu seu endereço e o seu nome? Deve estar por perto para saber o resultado.
 A voz dele parecia insinuar qualquer coisa.
 — E' possível.
 — Nesse caso, só nos resta esperar.
 — Esperemos.

No dia seguinte Virginia recebeu outra carta. Pensou, a princípio, que fôsse ilusão. Mas era verdade. Estava sobre a mesa. E desta vez tinha a certeza de que não era de Mark. Era, aliás, mais breve do que a primeira:
 "Virginia:

Venha esta tarde à reunião. Por motivos especiais realizar-se-á na rua Albany n.º 13. Faltando, morrerá." Não havia assinatura.

— Não fique nervosa. Tudo vai acabar bem.
 — Mas como posso deixar de ficar nervosa? O senhor sabe da ameaça!
 — Ora, não haverá nada!
 — Mas...
 — Já não mandei cercar a casa? Logo que entrarem todos os agentes para a reunião, prendê-los-ão.
 — E eu?
 — Você ficará em casa. Não há perigo, digo-lhe.
 Mark disse:
 — Ela está nervosa, inspetor. Eu ficarei com ela.
 — Pois bem.
 — O senhor quer ter a bondade de mandar avisar, assim que descobrirem tudo?
 — Telefonarei.

Minna estava chorando quando Virginia chegou à cozinha.



ARRID EVITA MANCHAS E ODOR NAS AXILAS

SEM IRRITAR A PELE

Arrid lhe oferece uma proteção dupla contra o odor desagradável do suor. Protege *você* contra o mau odor e a sua *roupa*, contra as manchas. Arrid é um desodorante de delicada fragrância, com a fina consistência de um creme de beleza. Desaparece instantaneamente pelos poros... produzindo efeito imediato. Com Arrid você pode ficar completamente despreocupada, e divertir-se à vontade, onde quer que seja — sem levar em conta o calor. Proteja sua beleza e encanto com Arrid... comece a usá-lo hoje mesmo. Extremamente econômico: Preço Cr.\$ 4,80 — Pote grande: Cr.\$ 9,50.

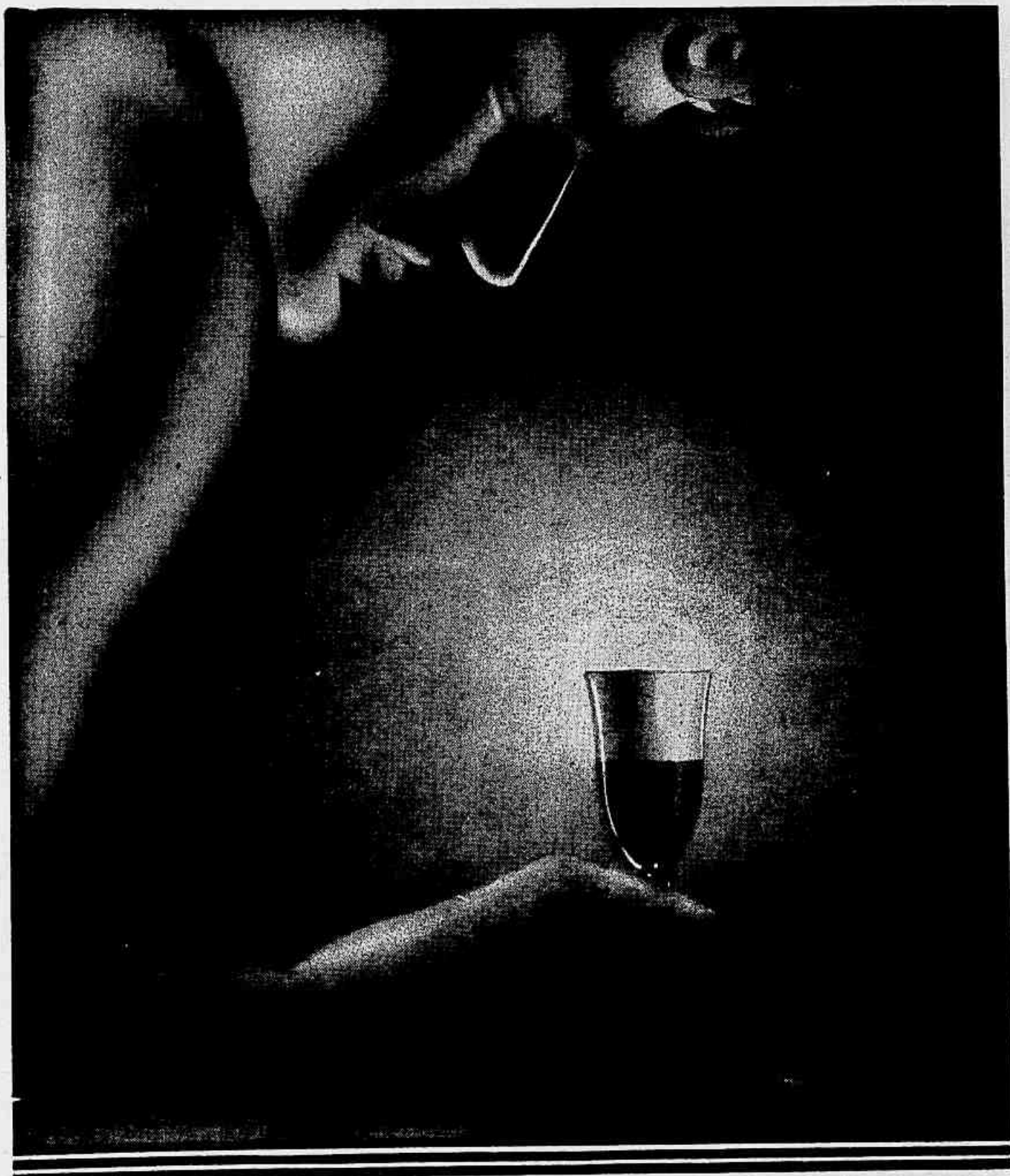
ARRID
O desodorante que mais se vende

— Que foi, Minna?
 — Meu filho!
 A pobre mulher nem articulava as palavras corretamente.
 — Que houve?
 Não podendo falar, Minna apontou para um telegrama que estava sobre a mesa.
 "Kurt muito mal. Venha imediatamente. Hilda."
 Quando se acalmou um pouco mais, Minna explicou:
 — Hilda é minha nora. Ela não passaria um telegrama destes se ele não estivesse mal de verdade.
 — Você deve ir, Minna.
 — Eu não queria deixar a senhora sozinha. A senhora tem andado tão nervosa estes dias.
 — Não se preocupe, Minna. Mr. Warren ficará comigo. Já tínhamos combinado isso.
 — Ah!
 — Pode ir.
 A velha não esperou nova ordem. Enxugando as lágrimas que corriam pelo rosto, agarrou o chapéu e o casaco e partiu. À porta, disse:
 — Amanhã, quando eu chegar lá, telegrafarei.
 — Ótimo!
 — Adeus.

— Não se preocupe. Ele há de melhorar.

Mark fechou a porta e disse:
 — Agora nós!
 Virginia riu:
 — Parece até história de mocinho e bandido no cinema. O vilão fecha a porta e diz: "Agora nós!" E' o princípio da luta.
 Mark riu, um riso frio e sarcástico:
 — Você pensa que me engana? Pode enganar ao inspetor mas não a mim. Você é Anna Guntz!
 — Como?
 — Para que segredos entre nós? Você não me escreveu que era sobrinha do inspetor? Isso ainda torna mais perfeito seu plano.
 — Ora, Mark, francamente!...
 — Não adianta evasivas, Anna. Eu tenho muito tempo.
 — Como?
 — Digo-lhe que tenho muito tempo.
 — Não compreendo.
 — Explico: ontem à noite botei uma carta no correio; uma carta registrada...

(CONTINUA NA PÁGINA 55)



CÉREBRO ILUMINADO...

O trabalho excessivo e as preocupações cotidianas esgotam o cérebro e os nervos; daí, a cabeça pesada, a falta de memória, a dificuldade de pensar, o desânimo, o mau humor, a vida transformada num doloroso fardo...

Reponha o fósforo gasto, ilumine o cérebro, reconquiste o gosto de trabalhar e de viver!

Fraqueza cerebral, dispepsia nervosa, neurastenia, falta de memória e perda de apetite — **Neurobiol**, o tônico do cérebro!

À venda em todas as farmácias e drogarias.

Neurobiol



Os conselhos da BÔA MÃE



O REGULADOR SIAN é o melhor remédio, que eu conheço, para todas as doenças, próprias da mulher, como sejam as regras dolorosas, escassas ou excessivas

REGULADOR SIAN

É um produto do

Laboratorio Sian



CORTE E COSTURA

Aprenda pelo método moderno POR CORRESPONDÊNCIA, o Curso completo de Corte e Costura. Estude em sua própria casa, nas horas livres, sem deixar suas ocupações habituais.

Em pouco tempo e com poucos gastos será uma excelente modista, perfeitamente preparada para fazer qualquer trabalho nesta profissão.

MENSALIDADES SUAVÍSSIMAS

MANDE HOJE MESMO O COUPON ABAIXO:

INSTITUTO UNIVERSAL BRASILEIRO
Caixa Postal, 5058 - São Paulo

239

Ilmo. Sr. Diretor: Peço enviar-me GRATIS, o folheto completo sobre o curso de Corte e Costura por correspondência.

NOME

RUA No

CIDADE

ESTADO

1 — Short para a praia constituído de uma só peça. A frente, duas pregas profundas com fecho éclair. Biusa de original estampado de letras.

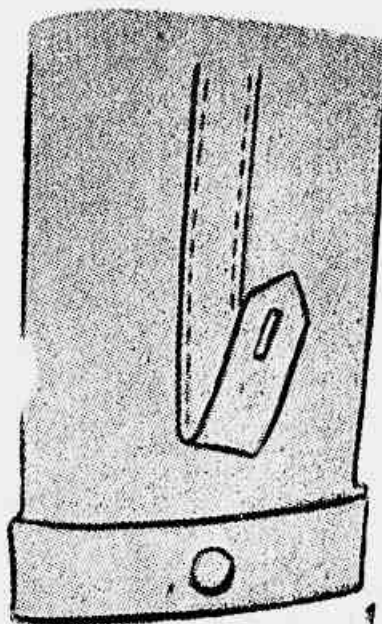
2 — Conjunto de linho branco. O short é de corte clássico. Sobre os bolsos e na saia, vão vizes de linho vermelho e marinho.

3 — Conjunto de praia em linho turquesa, com aplicações de crochet.

4 — Gracioso "short" de linho branco com grandes flores estampadas.

5 — Calça em dois tons de azul, com um original detalhe na perna.

PARA A PRAIA



RUGOL
O CREME
EMBELEZADOR DA PÉLE

Gabelos Brancos???
Escurecedor Discreta

Informações:
Rua Flach, 163-Blo. T. 29-2940
OLEO — LOÇÃO



PÓ DE ARROZ
RAINHA DA HUNGRIA

De Mme. Campos
FINO, ADERENTE E INVISÍVEL
A VENDA EM TODA A PARTE



incarelli

ALMIRANTE
BARROSO, 5

★ UM NOME QUE FAZ O RENOME DE UM CALÇADO DE LUXO ★ RIO

A carta registrada

(CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 15)

— Como?!

— Difícil a você. Ela bastou para atrair seu tio e todos mais para uma casa onde nada se passará.

— Oh!

— Mais tarde, passei um telegrama. Informava sua criada de que o filho estava doente.

— Estamos sós?

— Até seu tio telefonar. Então você tranquilizá-lo-á. Depois continuaremos nossa conversa.

— Para que? Eu nada compreendo...

— Por que não, Anna? Não adianta fingir mais. Eu sei por que você está representando essa comédia! Você não quer pagar minha parte, mas eu tenho direito a ela!

— Você está louca!

— Nunca estive tão lúcida!

— Acusa-me de ser espiã?

— Como não? Então eu não sei que é?

— O senhor nunca viu essa mulher! Só isso explica essa confusão.

— De fato, antes do nosso memorável encontro, nunca a tinha visto, mas agora a conheço, sei quem é: as cartas, a nossa combinação...

— Não entendo nada!

— Você pensa que me engana. De repente ele abandonou a frieza de costume e agarrou-a brutalmente: sua...? E disse um palavrão.



A carinha risonha

de seu filho pode torná-lo pallido e triste, quando a diarreia, atacar-lhe o organismo. Nestes casos, confie nos conhecidos comprimidos de Eldoformio, um producto de «Bayer».

Ao primeiro symptoma de diarreia, dê ao seu filho comprimidos de



Eldoformio

Bom para os adultos como para as crianças.



Vendidas! São a Natureza Falha

MENACOL

REGULA!

Virginia sentia suas mãos musculosas no pescoço. Gritou: socorro!

— Quando abriu os olhos o tio estava à sua cabeça. Ela deu um pulo na cama.

— Calma, disse o velho.

— Meu Deus! O assassino!

— Não se assuste. Já foi preso.

— Mas...

— Sei. Você quer saber de tudo. Vou contar-lhe. Há muito tempo suspeitávamos de Mark. Sabíamos que ele era um agente nazista, mas faltavam provas. Decidimos, então, recorrer a um estratagem. Havíamos prendido uma espiã nazista, Anna Guntz, que ele conhecia somente de nome, segundo ela mesma nos confessou. Mandamos a ela uma carta combinando um complicado plano de roubo de uns documentos. A parte do roubo não interessa. A segunda parte é que vem ao caso. Combinamos, por carta, que ele mandasse o produto do roubo para um endereço. Depois, ele deveria ir à polícia e contar a história que você bem sabe: que a espiã lhe escrevera para vigiar um imaginário Karl Meister. Nesse caso, confiar-lhe-íamos a in-

vestigação do caso e o fato d'ele ser detective particular ainda facilitaria o caso. Ora, uma vez confiado o caso a ele, ninguém o investigaria, e a espiã e ele estariam salvos, porque ninguém haveria de suspeitar de nada. Tudo isso propusemos a ele por carta. Mark admirou a sagacidade da espiã, e aceitou. Nunca chegou a encontrá-la. Agora, precisávamos de dar a ele um endereço como sendo o da espiã, e um nome como sendo aquele sob o qual ela se disfarçava. E aí é que eu peço minhas desculpas, minha filha: dei o seu nome. Mark escreveu a você, não para lhe oferecer provas de investigação mas para receber seu dinheiro. Como você se recusou a pagar, resolveu assustá-la, postando um homem à sua porta. Depois, ao saber que você era minha sobrinha, ficou espantado, mas logo compreendeu que você era mais sabida do que ele esperava e que queria escapar do pagamento. Por isso inventou aquela reunião para ficar a sós com você e arrancar-lhe o dinheiro... Mas eu estava prevenido e não me afastei.

A história era tão intrincada que Virginia, ainda mal rejeita do susto, não compreendeu bem. Mais tarde, quando melhorasse, procuraria entender. Virou para o outro lado, na cama, e adormeceu.

Perfume

MARCISO AZUL

de

GALLY

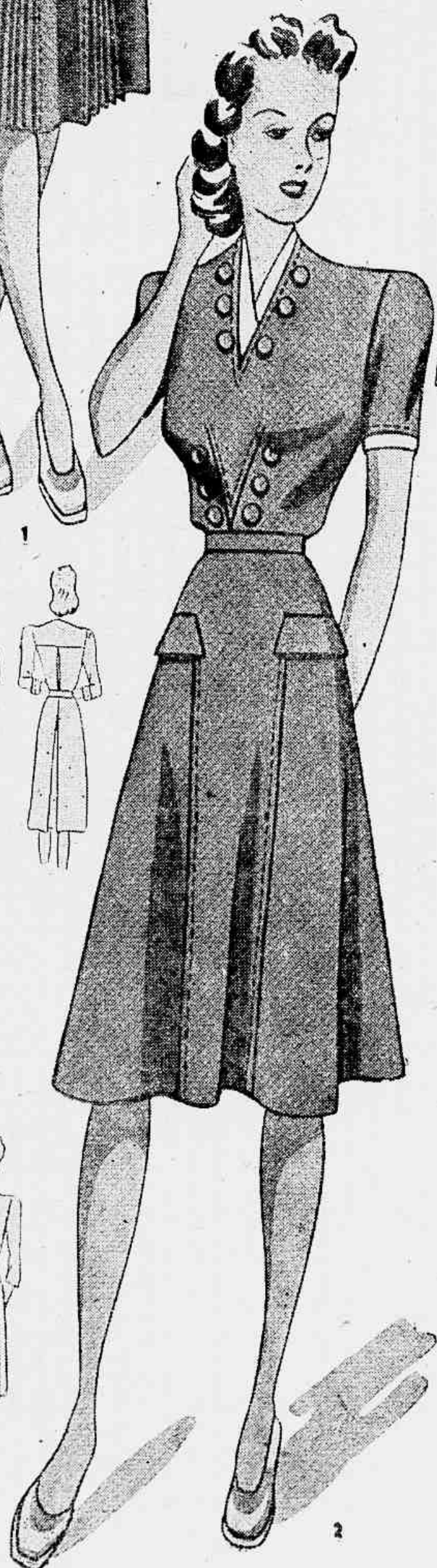
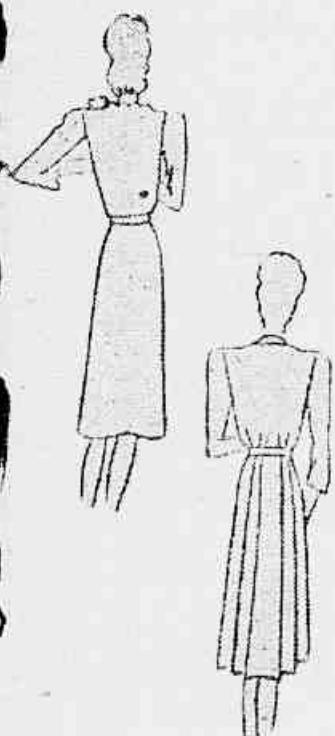
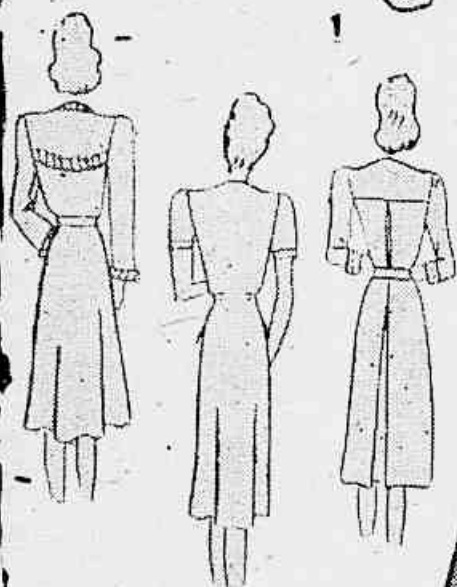
Água de Colônia
Brilhantina
Extrato
Loção
Óleo Perfumado
Pó de Arroz
Sabonete

P. Ferraz

Narciso Azul de Gally eterniza os momentos sublimes com as mais doces recordações!...

À VENDA EM TODO O BRASIL

Para a tarde



1 — Este modelo tem como adornos plissados na blusa e na saia, e *vieses* brancos nas mangas e no decote. 2 — Bastante pratico é este modelo em seda azul com botões do mesmo tecido e piqué branco nas mangas e decote. 3 — Simples e elegante é este vestido estampado, realçado por largos festões. 4 — Para as de constituição mais forte, eis um modelo ideal em *shantung* de duas cores e largos pespontos. 5 — Fitas de *gros grain* adornam este encantador modelo *chemisier*.

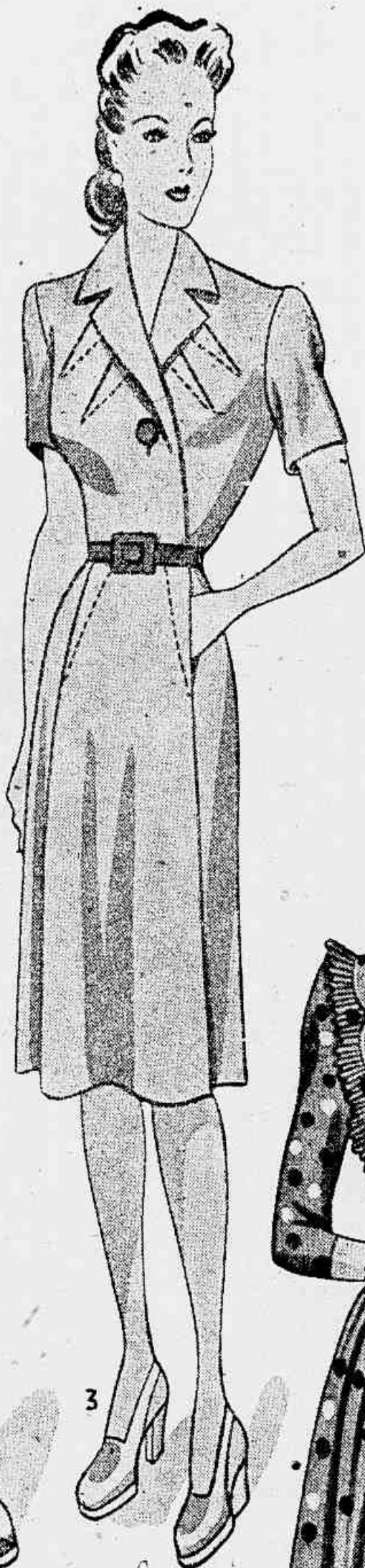
Parasieio



1



2



3



4



5



1 — Modelo proprio para as senhoras não muito esbeltas, em shantung liso e estampado.

2 — Interessante modelo de seda estampada, enfeitado com nervuras e laços.

3 — Um cinto de veludo e algumas pínças aumentam o encanto desse vestido de seda ou shantung.

4 — Vestido original, enfeitado com plissados e um cinto de veludo.

5 — Modelo bastante original, abotoado do lado e com gola de piqué branco.

Para ter saúde e alegria

Procuremos obedecer aos preceitos de higiene, para ter saúde e alegria. Os livros de higiene devem ser de leitura obrigatória, não só na escola como nos lares. Muitos deles são escritos de tal forma que os lemos com imenso prazer e, sobretudo, com grande aproveitamento.

Seguindo-se os preceitos de higiene desaparecerão as causas mais frequentes de fraqueza e de desânimo que escravizam tantas vítimas nas cidades e nos campos.

A higiene ensina não só a defesa contra as doenças, como também as medidas para manter o físico e o psíquico em perfeita forma. Nos tempos que correm há muita gente nervosa porque não sabe se alimentar convenientemente e porque não dorme nas horas de descanso.

Existem muitas pessoas "nervosas", desanimadas, irritáveis, neurastênicas, só porque não sabem dividir bem o dia.

Para combater o desânimo, a irritação, a neurastenia, nada mais fácil: regular a vida, deitar-se nas horas convenientes e usar o esplêndido Tonofosfan da Casa Bayer, obedecendo às demais regras estatuidas pela higiene.

Numerosas pessoas que usaram o Tonofosfan ficaram admiradas do bem-estar que sentiram apenas com as duas primeiras injeções desse precioso medicamento — absolutamente indolor e de grande proveito para os enfraquecidos, sejam crianças, adultos ou velhos.

Desperte a Bilis do seu Fígado

e saltará da cama disposto para tudo

Seu fígado deve produzir diariamente um litro de bilis. Se a bilis não corre livremente, os alimentos não são digeridos e apodrecem. Os gases incham o estômago. Sobrevem a prisão de ventre. Você se sente abatido e como que envenenado. Tudo é amargo e a vida é um martírio.

Uma simples evacuação não eliminará a causa. Neste caso, as Pilulas Carters para o Fígado são extraordinariamente eficazes. Fazem correr esse litro de bilis e você se sente disposto para tudo. São suaves e, contudo, especialmente indicadas para fazer a bilis correr livremente. Peça as Pilulas Carters para o fígado. Não aceite outro produto. Preço Cr\$ 3,00



ZIMOLACTOL

GRANADO & CIA
RIO DE JANEIRO

FERMENTOS LÁCTICOS
INTOXICAÇÕES INTESTINAIS
URTICÁRIA = COLITES
GASTRO-ENTERITES

T. TARQUINO

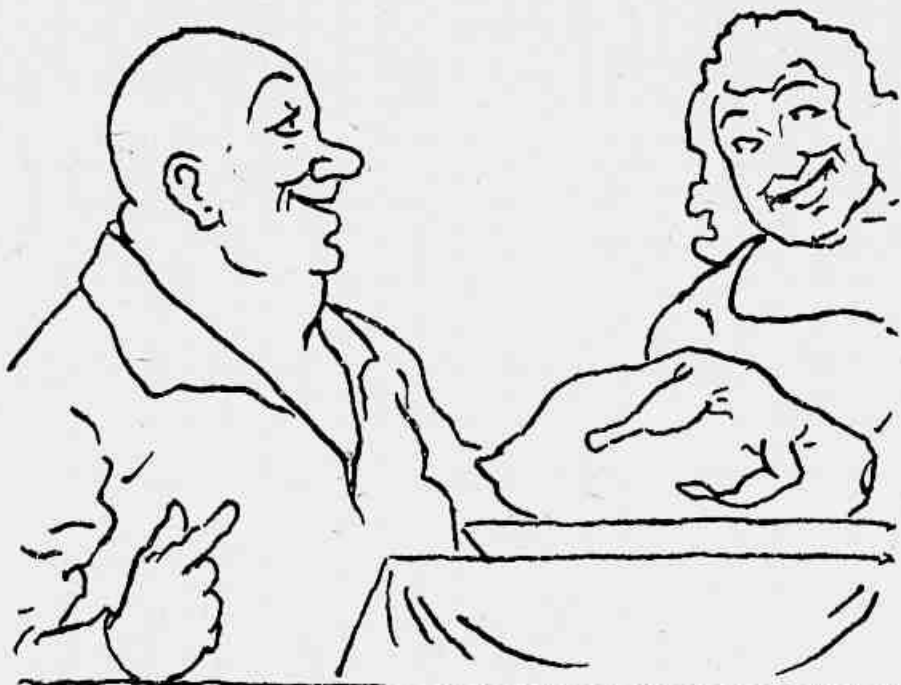
O Perú condicionado...



- Que soberbo Perú mamute!
- É para nós dois sosinhos?



- Isso não. Convidaremos alguns amigos velhos.



- O Brederódes e a mulher...
- O compadre Pasíncio...



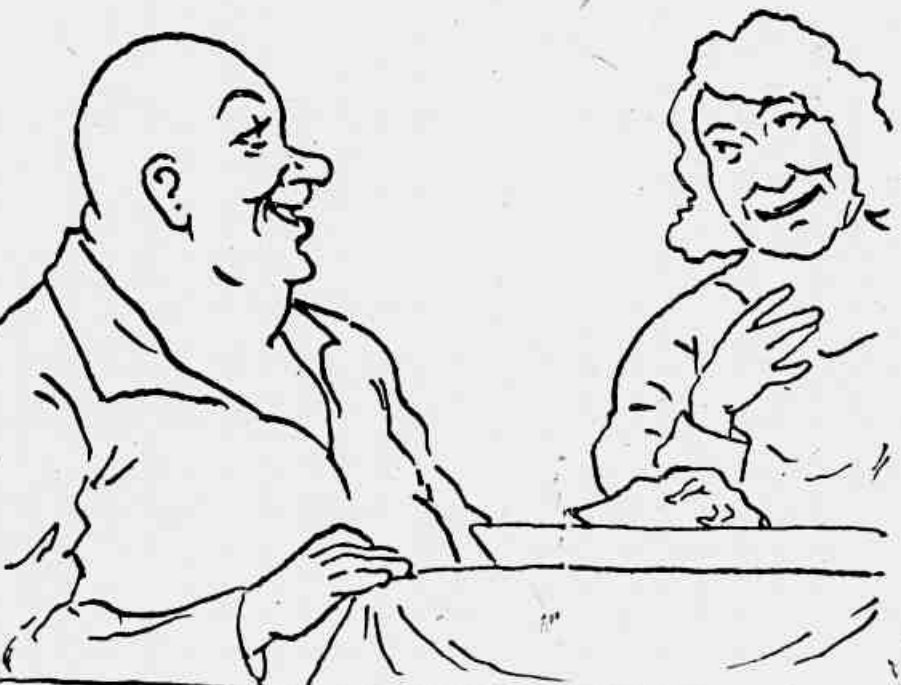
- E a tia Cunegundes? Ela gosta tanto de Perú!...



- Ah!... Ia-me esquecendo da Dona Beringéla...



- E seu velho amigo Terêncio?
- É verdade! É a sógra dele...



- Acha que chéga para todos?
- Váe vêr que ainda sobra...



- O Perú encolheu! Pudéra! Tanta gente junta contra ele, coitado!

RAUL

Make-up



1— Em primeiro lugar torna-se necessária uma boa base e Janet Blair aplica-a com uma esponja molhada.

2— Depois o rouge e o pó de arroz. Este ultimo é finissimo, mas assim mesmo Miss Blair remove o excesso com uma escova de pêlo macio.

3— Finalmente os lábios, Janet marca o contorno com um lapis e depois enche-o com um pinecl. (Fotos Columbia).



rivic
mo,
peri
adu
0,80
regi
crev

E

sino
'mag
mais

E
saje

E

D

mal

R

aje

san

R

ES

GRATIS



Peça GRATIS pelo Correio o livrinho de Aristóteles Itália: "O Segredo do Sucesso e da Saúde", para adquirir saúde, vencer em negócios e amizades, aprender sugestão, magnetismo, clarividência, força de vontade, hipnotismo, o Conhecimento dos Mundos Superiores, seu horoscopo, etc. Só para adultos não analfabetos. Envie Cr\$ 0,80 em selos se quiser recebê-lo sob registro, evitando assim extravios. Escreva ao Sr. Artur S. Torres — Caixa Postal 2425 (D. F.).

ENCONTRO

Continuação da pág. 41.

sino?! A idéia era fantástica. A imaginação estava trabalhando de mais...

Ele vinha se aproximando, desajeitado como sempre.

— Olá! Você veio.

Ela disse:

— E' verdade.

Depois, noutro tom:

— Chegue aqui!

— Que é que há?

— Não posso ver um laço tão mal dado como o de sua gravata.

Ele, sorrindo, deixou que ela ajeitasse o laço.

— Você sabe o que estive pensando?

— Que foi?

Ele olhou para o chão, traçou



Dê beleza aos seus lábios com baton ZANDE. É a maneira perfeita de obter um encanto duradouro. Experimente as suas lindas tonalidades e verá que não há nada melhor.

Para economizar, obtendo os mesmos resultados, não inutilize o tubo de metal do seu baton. Adquira um sobressalente, adaptando-o ao tubo já usado.

Zande
MARCA REGISTRADA
BATON E SOBRESSALENTE

O BATON PERFUMADO DA MULHER BONITA

uma figura, com um graveto, na areia e disse:

— E se nos casássemos?

Ela riu.

— Assim, sem mais nem menos?

— Por que não?

"Vida! E ainda há quem diga que a existência de todos os dias é monótona!" Ela, positivamente, estava perdendo o bom senso. Já dava para pensar tolices. Riu novamente, um riso meio louco, sem razão:

— Eu estou ficando louca!

Depois disse:

— Precisamos nos conhecer melhor...

— Ah, é mesmol

A êle nem ocorrera que ela não o conhecia direito. Nem sequer sabia seu nome.

— Eu posso ir lá na sua casa?

"Com êle eu nunca viverei uma vida sem imprevistos", pensou ela.

— Pode... Você para um tímido saiu-me um despachado de primeira, hein?

Ele sorriu novamente. Uma ale-

BIGODE
DE SENHORAS E VERRUGAS
ELIMINACÃO GARANTIDA SEM CRIATIVIDADE
ESPEC. GUILHERME ELOTZ
SÃO PAULO - 1471 Av. Bríg. Luis Antonio
TRATAMENTOS CIENTÍFICOS DA CUTE
Pode enviar-se cheque postal

gria inexplicável o animava, uma espécie de loucura.

— Sabe de uma coisa? Eu estou com uma vontade de fazer tolices!

E, de repente, sugeriu:

— Vamos dar uma volta pela praia?

*Em passeios
ao sol*



ÓCULOS ESCUROS

para os olhos...

LEITE DE COLONIA para sua pele!

Renove o prazer de viver praticando sports e realizando passeios ao ar livre... Mas proteja sua delicada epiderme, afim de evitar o aparecimento de sardas e manchas. Antes de sair, e assim que regressar ao seu lar, faça uma aplicação de Leite de Colonia sobre o rosto, colo e braços. Filtrando os raios solares, Leite de Colonia protege sua pele e aumenta sua suavidade e seu fascínio. Leite de Colonia limpa, rejuvenesce e amacia a pele! Use-o sempre!

Leite de Colonia



ESCRITÓRIO MODERNO

Oferecemos hoje aos nossos leitores um modelo de moderníssimo escritório. Tem a forma oval e nele não se vê o amontoado de armários e arquivos que se costuma encontrar nos escritórios antigos. Apenas uma escrivaninha e algumas poltronas confortáveis formam um conjunto simples, onde se nota, acima de tudo, distinção. Toda a parede é coberta por uma grande pintura mural, substituindo os quadros que antes enfeitavam os escritórios. Alguns vasos com plantas e um lustre de cristal completam a ornamentação. Esta é mais uma ótima sugestão que nos oferecem os grandes palácios residenciais da Califórnia. O modelo pode entretanto ser aproveitado para o arranjo do escritório de qualquer palacete do Brasil.

MOBILIARIOS · TAPEÇARIAS · DECORAÇÕES

OFERECEMOS ORÇAMENTOS GRATIS

ASA
MARCA

UNES
REGISTRADA

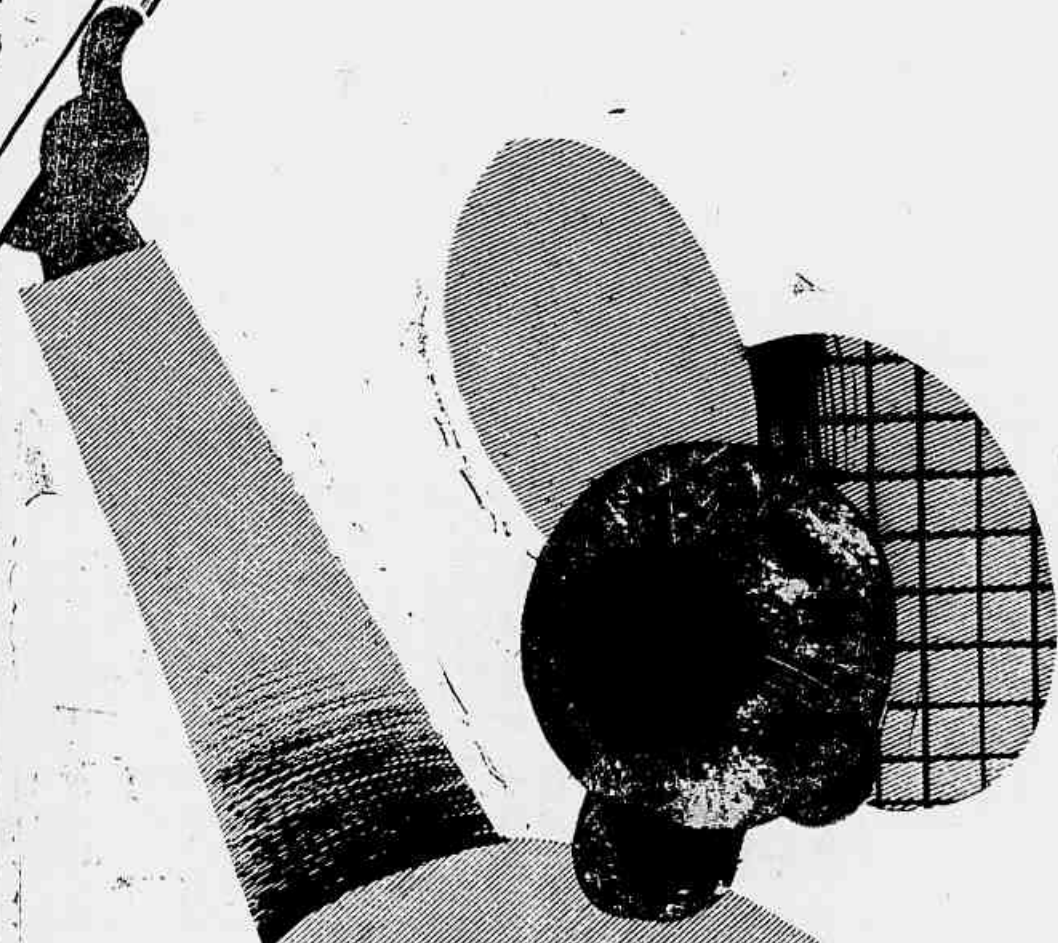
A MAIOR E MELHOR ORGANIZAÇÃO DO BRASIL
AGORA SOMENTE

65 RUA DA CARIOCA · 67 - RIO

NÃO TEM MAIS ANEXO NEM FILIAIS

25!

A' VENDA



HISTÓRIA DO PAPADO — Concílio de Nicéia. A guarda suíça do Papa. Marcha papal. Lista cronológica dos Papas. Os anti-papas. Nacionalidade dos Papas. E muitos outros assuntos no **"ALMANAQUE EU SEI TUDO" de 1945**, à venda em toda parte. Preço **Cr\$ 10,00**. Atende-se pelo reembolso.

COMPANHIA EDITORA AMERICANA —
MARANGUAPE, 15 — RIO

Almanaque EU SEI TUDO